OPÚSCULO

humanitário

Edição especial da FUVEST

OPÚSCULO humanitário

Edição especial da FUVEST

Senado Federal
Mesa Diretora
Biênio 2019/2021

Senador Davi Alcolumbre (DEM-AP)
PRESIDENTE
Senador Antonio Anastasia (PSDB-MG)
1º VICE-PRESIDENTE
Senador Lasier Martins (PODEMOS-RS)
2º VICE-PRESIDENTE
Senador Sérgio Petecão (PSD-AC)
1º SECRETÁRIO
Senador Eduardo Gomes (MDB-TO)
2º SECRETÁRIO
Senador Flávio Bolsonaro (PSL-RJ)
3º SECRETÁRIO
Senador Luis Carlos Heinze (PP-RS)
4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senador Marcos do Val (PODEMOS-ES)
1º SUPLENTE
Senador Weverton (PDT-MA)
2º SUPLENTE
Senador Jaques Wagner (PT-BA)
3º SUPLENTE
Senadora Leila Barros (PSB-DF)
4º SUPLENTE
Ilana Trombka
DIRETORA-GERAL
Luiz Fernando Bandeira de Mello Filho
SECRETÁRIO-GERAL DA MESA

Conselho Editorial
Senador *Randolfe Rodrigues*
PRESIDENTE

Secretaria de Editoração e Publicações
Fábricio Ferrão de Araújo
DIRETOR

Coleção Escritoras do Brasil, Volume III

NÍSIA FLORESTA

OPÚSCULO HUMANITÁRIO

Prefácio
Maria da Conceição Lima Alves

Notas
Maria Helena de Almeida Freitas
Mônica Almeida Rizzo Soares

Brasília
Senado Federal
2019

COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

Coordenação: Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho (Senado Federal)
Organização e seleção de Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica de Almeida Rizzo Soares e Cleide de Oliveira Lemos
Revisão e atualização ortográfica: Secretaria de Editoração e Publicações – SEGRAF

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também na Biblioteca Digital do Senado Federal

Projeto gráfico: Serviço de Formatação – SEGRAF
Capa Original: Rodrigo Corrêa Ribeiro
Desenho: Paul Soyer, “Little Girl Reanding”, 1864
© Senado Federal, 2019
Praça dos Três Poderes s/nº CEP 70165-900 – DF
Todos os direitos reservados
ISBN: 978-85-528-0053-8

Floresta, Nísia
Opúsculo humanitário / Nísia Floresta ; prefácio Maria da Conceição Lima Alves ; notas Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares. – Brasília : Senado Federal, 2019.
119 p.

1. Educação feminina. 2. Mulher, condições sociais. I. Título.

CDD 371.822

SUMÁRIO

PREFÁCIO 9
OPÚSCULO HUMANITÁRIO 15
I 17
II 18
III 19
IV 20
V 22
VI 24
VII 26
VIII 27
IX 29
X 31
XI 32
XII 34
XIII 35
XIV 37
XV 39
XVI 40
XVII 41
XVIII 42
XIX 43
XX 43
XXI 44

XXII 46
XXIII 47
XXIV 48
XXV 49
XXVI 51
XXVII 52
XXVIII 54
XXIX 55
XXX 56
XXXI 58
XXXII 60
XXXIII 61
XXXIV 63
XXXV 64
XXXVI 65
XXXVII 66
XXXVIII 68
XXXIX 70
XL 71
XLI 73
XLII 75
XLIII 77
XLIV 78
XLV 80
XLVI 82
XLVII 84
XLVIII 86
XLIX 88
L 90
LI 92

LII 94
LIII 96
LIV 98
LV 101
LVI 103
LVII 105
LVIII 107
LIX 110
LX 112
LXI 114
LXII 117

PREFÁCIO

O *Opúsculo*, de Dionísia Pinto Lisboa, ou Nísia Floresta Brasileira Augusta[1], contém a defesa apaixonada da educação para as mulheres. Trata-se de um livro inaugural e pragmático, descortinando um cenário instigante: a realidade brasileira de 1853, na qual o País contava com uma população de aproximadamente nove milhões de habitantes, entre os quais somente 55.500 estavam matriculados nas escolas, sendo de apenas 8.443 a quantidade de mulheres[2]. No Censo realizado em 1872, apurou-se que 23,4% dos homens eram alfabetizados, enquanto somente 13,4% das mulheres sabiam ler e escrever, sendo elas, praticamente, a metade da população (48%)[3].

Dionísia Lisboa sabia, portanto, que precisava construir argumentos capazes de convencer uma sociedade completamente avessa à educação para as mulheres, na qual predominava o pensamento expresso por um dos presidentes da província de Minas Gerais: "deve-se ensinar às ninas tudo quanto convém que saiba uma mulher, que tem de ser criada de si e de seu marido"[4]. Com efeito, restritas à educação para as tarefas domésticas, as brasileiras se limitavam ao âmbito estritamente privado e à tarefa da procriação.

Pela primeira vez, uma intelectual versada tanto no pensamento clássico da filosofia, como nas últimas tendências literárias de seu tempo, vinha a público não apenas defender, sem assombro, a importância de oferecer educação às meninas, mas também denunciar a opressão patriarcal que enxergava na educação das mulheres, um risco à manutenção de seus privilégios sociais.

---

[1] Pseudônimo criado por Dionísia.

[2] Floresta, Nísia. Opúsculo humanitário. p. 63

[3] Ver https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=225477. Acesso em 28 de junho de 2019.

[4] Floresta, Nísia, op. cit., p. 64

Religiosa, como as mulheres de seu tempo, a viúva, que já havia abandonado um primeiro marido (ou anulado o casamento, não se sabe ao certo) e dirigia sua própria instituição de ensino, não demonstrava extremo zelo pela simplória carolice. Mas pontuava seus argumentos com a visão pia e moral que, segundo ela, somente poderia ser adequadamente compreendida a partir de estudos que permitissem à mulher ampliar a mente e cultivar a autonomia de pensamento para, somente assim, cumprir seus designíos morais mais elevados e propugnados pela religião.

Sim, ela se dirigia à classe social mais abastada, aquela que contava com meios de matricular suas filhas em escolas particulares. Reprova no texto a escravidão, mas o faz melhor em outros artigos publicados na imprensa da época. No *Opúsculo*, ela tangencia o tema, assim como o da mulher indígena[5], para se dedicar à causa da educação para as mulheres. É crítica com relação à oferta do ensino público e gratuito que estava em curso naquele momento. Para ela, as casas de ensino públicas pecavam pela escassez de professores, por sua baixa qualificação e pela falta de inspeção nas condições físicas dos prédios.

As mesmas críticas ela dirige às escolas particulares, pontuando, sobretudo, seu horror pela manutenção dos duros castigos físicos ainda impostos aos alunos. As escolas particulares frequentadas pela elite de seu tempo apresentavam, conforme Dionísia, problemas semelhantes aos das escolas públicas recentemente inauguradas, mas, nas particulares, tais questões costumavam ser mascaradas. Ela criticava, nesse sentido, a presença de estrangeiros em sua direção. Não por serem estrangeiros, mas por serem despreparados. É que, como eram estrangeiros, conforme a autora, as famílias julgavam que esse aspecto conferia um sabor de requinte ao ensino ministrado. Entretanto, afirma Dionísia, os profissionais que dirigiam os estabelecimentos não apresentavam adequada formação, e, embora cobrassem das famílias valores elevados, seus alunos sofriam com a precariedade das instalações e apresentavam baixíssimo rendimento intelectual.

[5] Em *A lágrima de um Caeté*, 1847, por exemplo, Nísia Floresta, com o estilo romântico de sua época, denuncia a exploração indígena e a cobiça por suas terras.

Dionísia sonhou neste *Opúsculo Humanitário* com um Brasil em que a educação fosse o caminho para derrubar as barreiras que impediam as mulheres de exercerem sua cidadania em condições de igualdade com os homens. Ela o assinou com o nome Nísia Floresta Brasileira Augusta, que dá as pistas de sua história de vida. Trata-se, primeiro, de referência carinhosa ao nome que a mãe lhe deu, "Nísia"; depois, ao sítio Floresta onde nasceu, em 1809 ou 1810, no interior do Rio Grande do Norte; em seguida, ao País que nunca esqueceu, mesmo tendo passado mais de vinte anos morando fora dele; e, por fim, a Augusto, o nome do marido morto precocemente, escolhido por ela por amor e com quem teve Lívia (1832) e Augusto Américo (1833)[6].

Numa época em que as mulheres de sua classe viviam para o lar, Dionísia participava do debate público, defendo sua posição de abolicionista, indigenista, feminista, educadora e republicana.

Romancista, tradutora e autora de 15 livros, começou sua vida literária publicando textos no jornal feminino o *Espelho das Brasileiras*, nos quais refletia sobre a condição da mulher. Em 1832, publicou o livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, primeiro texto de uma brasileira a falar em direitos das mulheres. O livro é tratado por pesquisadores ora como uma tradução livre de *A Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft (1759-1797), ora como a tradução de *Woman not Inferior to Man*, de Mary Wortley (1689-1762)[7].

Sua principal tese nessa obra é a defesa apaixonada da capacidade das mulheres de exercerem qualquer cargo público em igualdade de condições com os homens.

Nísia mantinha esse debate e, na prática, lidava com a questão. Ela fundou e dirigiu no Rio de Janeiro o Colégio Augusto, dedicado à educação de meninas e no qual implantou um programa ousado de ensino, que incluía desenvolver as habilidades das educandas em matérias como Latim, Caligrafia, História, Geografia, Religião, Ma-

---

[6] Ver http://www.dominiopiblico.gov.br/dowload/texto/me002106.pdf. Acesso em 3 de julho de 2019

[7] CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História,** Franca, v. 30, n. 2, p. 196-213, Dec. 2011. Disp. em <http://www.scielo.br/scielo.php?. Acesso em 1 de julho de 2019.

temática, Português, Francês, Italiano, Inglês, Música, Dança, Piano, Desenho e Costura.

Por esse programa, foi acusada de querer igualar as mulheres aos homens, um atrevimento para a época. A escola funcionou de 1837 a 1894, passando 11 anos sob sua direção. Depois, sua filha continuou a administrar a instituição e, em seguida, seu filho Augusto.

Elaborando sua proposta de educação inclusiva para meninos e meninas, tanto na esfera pública, quanto na privada, Nísia manifestava concordância com o pensamento positivista, afirmando que "é partindo da experiência que tiramos a conclusão de que, no Brasil, não se poderá educar bem a mocidade enquanto o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer pública, não for radicalmente reformado" (p. 111).

Depois de deixar a direção da escola, Dionísia viajou para a Europa e, entre idas e vindas, morou na França e na Itália, visitando longamente a Alemanha, Bélgica, Suíça, Inglaterra e a Grécia. Durante esse período, ela se relacionou com os mais importantes intelectuais europeus, entre os quais se destaca Augusto Comte, com quem se correspondia por cartas que revelam amizade e admiração mútua.

Da Europa, enviava artigos para publicação nos jornais do Rio de Janeiro. Em uma de suas passagens de volta ao Brasil, atuou como voluntária no combate a uma epidemia de cólera que afligia a cidade. Faleceu na França, em 24 de abril de 1885, vítima de pneumonia. Sobre sua biografia, ainda há desafios a serem enfrentados para detalhar os passos vivenciados nesse processo em que buscava ampliar os horizontes, os próprios e os da Nação.

Depois de sua morte, passou quase 60 anos esquecida, até que, em 1954, o Estado do Rio Grande do Norte decidiu repatriar seus restos mortais para a cidade onde nasceu, chamada inicialmente Papari, hoje rebatizada, em honra de sua ilustre filha, Nísia Floresta.

A publicação pela Biblioteca do Senado Federal deste *Opúsculo Humanitário* é, também, um resgate da memória do País, em particular de uma nordestina que esteve no início de um processo importante de conquistas das mulheres brasileiras, lutando pelo reconheci-

mento de seus direitos humanos, sendo o acesso à educação um dos mais importantes.

Dedicou o livro a seu irmão, vendo em seu esforço como estudante que ingressou na Faculdade de Direito em Pernambuco aos 14 anos um exemplo da potência intelectual da juventude brasileira.

No *Opúsculo*, o leitor, a leitora, vai encontrar uma saborosa história do papel das mulheres nas sociedades ocidentais. Desde o Egito, Grécia antiga, passando por Roma, chegando aos modernos Estados europeus e aos Estados Unidos. Nada escapou às observações da autora. Há material para pesquisa abundante.

Os ensaios do *Opúsculo Humanitário* traçam a evolução das condições femininas e mostram a experiência da autora tanto em leitura, quanto em vivências em suas viagens. Do tratamento mais igualitário que testemunhou em países como Alemanha e Inglaterra, ela concluiu que as mulheres brasileiras, mantidas no cativeiro da ignorância, ao contrário de suas irmãs europeias, pouco tinham a contribuir para a melhoria da sociedade.

Todo o desenvolvimento histórico da participação das mulheres na sociedade vem acompanhado de reflexões que demonstram a grande erudição da autora, em linha com o pensamento filosófico vigente e provocadora quanto ao pensamento liberal, que pregava igualdade, mas mantinha as mulheres sob sujeição.

Sem jamais transparecer arrogância, ela aponta com desenvoltura os erros dos filósofos que tratavam as mulheres com desdém, como, por exemplo, Rousseau, o qual dizia que, educadas, as mulheres perderiam seu poder sobre os homens. Wollstonecraft, no livro que inspirou o *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia, afirmava que às mulheres não interessava ter poder sobre ninguém, apenas sobre si mesmas.

Nísia cita, no texto, exemplos curiosos de mulheres que enfrentaram as proibições vigentes em seus países em diversas épocas para buscar ilustração. Um dos casos que menciona é o da portuguesa Públia Hortênsia de Castro, que, no século XIV, desejando se diplomar, assim como viu fazer seu irmão, frequentou a universidade de

Coimbra usando roupas masculinas. Seu desempenho na universidade permitiu que se graduasse muito jovem e com grande êxito.

A primeira edição deste Opúsculo se deu no Rio de Janeiro, impressa em um volume de 178 páginas e assinada por B. A., uma das formas que Nísia utilizava (a abreviatura de "Brasileira Augusta"). Antes da impressão reunida, parte dos textos foi publicada no Diário do Rio de Janeiro e no O Liberal, sem assinatura.

Com a presente edição, a Biblioteca do Senado e o Senado Federal contribuem para a pesquisa e para a história das lutas pela igualdade entre homens e mulheres.

Maria da Conceição Lima Alves
8 de julho de 2019

A MEU QUERIDO IRMÃO

Joaquim Pinto Brasil

Tu, cujo espírito superior distingue, aquilata e deplora os erros que por aí se preconizam, e, apoiado à coluna da filosofia, vê em silêncio passar as legiões de combatentes e combatidos das ideias que vogam; tu, cujo bom senso, fugindo à inconstante atmosfera política que tanto faz variar os homens, continua enérgico e perseverante na onerosa e nobre carreira que ambos encetamos lá desde o albor da juventude; tu, digo, compreenderás, lendo estes reflexos de um coração sempre dedicado à educação de nossa mocidade, o interesse que ela me inspira ainda lutando com o mal físico que me oprime, depois de minha volta da Europa.

Aceita pois este imperfeito trabalho meu, a dá-lhe um dia, tu que és pai de sete filhos e diriges uma porção dessa mocidade, o desenvolvimento que julgares merecer o objeto que o inspirou a

Tua amiga da infância

B. A⋆.

⋆ Abreviação de "Brasileira Augusta", um dos pseudônimos da autora.



OPÚSCULO HUMANITÁRIO

I

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher – nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz, clamando – educai as mulheres!

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?

Em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos. Na Ásia, esse berço maravilhoso do gênero humano e da filosofia, a mulher foi sempre considerada como um instrumento do prazer material do homem, ou como sua mais submissa escrava: assim, os seus povos, mesmo aqueles que atingiram ao mais alto grau de glória, tais como os Babilônios, ostentando aos olhos das antigas gerações suas admiráveis muralhas, seus suspensos e soberbos jardins, suas colunatas de pórfiro, seus templos de jaspe, com zimbórios de pedras preciosas elevando-se às nuvens, obras que até hoje não têm podido ser imitadas; esses povos tão poderosos, dizemos, permaneceram sempre em profunda ignorância dessa civilização, que só podia ser transmitida ao mundo pela emancipação da mulher, não conforme o filosofismo dos socialistas, mas como a compreendeu a sabedoria Divina, elevando até a si a mulher, quando encarnou em seu seio o Redentor do mundo.

As Déboras, as Semíramis, as Judiths[1] se mostraram embalde, atestando aquela a graça de que a tocara Deus, permitindo-lhe revelar aos homens alguns de seus mistérios; estas, uma razão esclarecida, uma coragem rara, que provavam já então não ser a mulher somente destinada a guardar os rebanhos, a preparar a comida, e a dar à luz a sua posteridade.

II

O Egito, com as suas maravilhosas pirâmides, e todos os admiráveis monumentos, com que o enriqueceram os Faraós, os Ptolomeus, e o seu mais famigerado conquistador Sesóstris, cujas proezas encheram seu século de assombro e os povos de terror, imitou com o resto da África, toda a Ásia na apreciação da mulher. Também o Egito jazeu sempre submergido, apesar da profunda sabedoria de seus sacerdotes, em completa ignorância a respeito da educação que convém à mulher. Seus hieroglíficos, suas curiosas múmias, e todos os fragmentos de sua admirável e extinta grandeza, e conhecimentos, que os sábios arqueólogos modernos com tanta perseverança estudam, não revelam que a inteligência da mulher fosse aí devidamente cultivada.

A beleza física, entre esses povos, era o único mérito real da mulher; e ainda assim aquela que a possuía entrava em concorrência com outras, e devorava depois, como nos tempos presentes, torturantes amarguras no fundo dos serralhos e dos haréns! Essa nobre porção da humanidade ainda é hoje, para opróbrio daqueles povos, sujeita à aviltante lei da poligamia!

Os Ciros, os Nabucodonosores, os Xerxes, os Alexandres, os Darios etc.[2], que tiveram o poder de assolar e subjugar com seus numerosos exércitos tantas nações diversas, não compreendiam em seu furor de conquista que, conservando no embrutecimento o sexo que os alimentara, privavam-se de maior glória do que a que lhes davam suas armas!

[1] Débora e Judith são fortes personagens bíblicas; Semíramis é uma rainha das mitologias grega e persa.

[2] Reis e imperadores do Oriente entre a Antiguidade e a Idade Média.

Na Pérsia a sabedoria dos Magos; na Índia os princípios contidos nos Vedas e explicados por Dyaimine, e depois por Vyasa da 2ª escola Mimansa, ou filosofia Vedanta, os Profetas mesmo, anunciando por toda a parte aos homens a palavra de Deus, nada fizeram para melhorar a condição da mulher.

Enquanto estes últimos exortavam os reis e os povos a armar-se para castigarem outros reis e outros povos, ou lhes prediziam a destruição dos impérios a fim de abater-lhes o orgulho, olvidavam que a sabedoria do Eterno, na última de suas criações, quando formou a admirável máquina do universo harmonizando todas as suas partes entre si, deu ao par ditoso, que devia ser o tronco do gênero humano, o mesmo sentir, a mesma inteligência, as mesmas prerrogativas.

O homem, ainda semisselvagem, arrogou a si a preeminência da força física; e tudo lhe foi submetido, a moral, assim como a inteligência da mulher, que ele quis permanecesse sempre inculta, para que mais facilmente desempenhasse a humilhante missão a que a destinava.

III

Levantou-se então no horizonte da Europa aquele brilhante meteoro, que surpreendeu, deslumbrou o mundo com as luzes que despedia de seu foco. A Grécia teve leis mais brandas. Sólon[3], mais sábio legislador que os sábios do Oriente, e menos severo que Licurgo[4], foi o primeiro que melhor soube harmonizar os interesses da pátria com as vantagens da civilização.

Depois dele muitos sábios ilustraram essa pátria, que Homero, Sócrates, Aristóteles e Platão[5] imortalizaram; o primeiro por suas inimitáveis poesias, o segundo pelo amor da sabedoria, pela qual morreu instruindo os homens, os últimos pelo grande desenvolvimento que deram à filosofia socrática, apresentando em resultado os dois

[3] Sólon (638-558 a.C.), estadista e legislador grego.

[4] Licurgo (800-730 a.C.), legislador espartano.

[5] Homero (928-898 a.C.), poeta grego, autor dos poemas épicos Ilíada e Odisséia; e os filósofos gregos Sócrates (469-399 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.) e Platão (427-347 a.C.).

grandes sistemas, que esses mais belos gênios do maior século da filosofia Grega elevaram à mais alta potência, sem o caráter exclusivo que alguns filósofos lhes imputaram.

Algumas mulheres apareceram na Grécia tais como Aspásia, mestra do filósofo mártir[6], Safo, Periccione, Telesilla e outras[7], cujo espírito, enriquecido dos mais variados e profundos conhecimentos, lhes atraiu a admiração da posteridade.

Os costumes da Grécia adoçaram-se, a mulher já não era ali um instrumento só de prazeres vãos e materiais; ela associou-se aos trabalhos do espírito, que ocupavam os homens, e a civilização da Grécia apresentou-se sem rival ao mundo inteiro.

Mas a Trindade, anunciada entre todos os povos debaixo dos diversos símbolos, não se tinha manifestado ainda nos homens no mais admirável e paternal sacrifício do Regenerador da humanidade. O brilhante facho do cristianismo não havia ainda baixado à terra!

Os Gregos, cultivando a sua inteligência, o atingindo à perfeição, que os modernos tanto se têm esforçado por imitar, tropeçaram, entretanto, nas trevas do paganismo e, como os mais adiantados povos do Oriente, grosseiros erros cometeram...

A inteligência da mulher, conquistando a ciência, começava a distinguir-se, mas faltava-lhe o tipo da mulher cristã; sua mais nobre missão não podia ser ainda cumprida na terra.

O mesmo aconteceu depois entre o mais bélico povo da antiguidade, cujo nome bastava para fazer tremer os outros povos!

IV

As mulheres Romanas assinalaram-se por heroicas virtudes, de que as mulheres modernas não têm dado ainda, como elas, exemplos; porém, déspotas tais como os Romanos não podiam compreender e ministrar à mulher a educação que lhe convém. Os déspotas querem escravos que se submetam humilde e ce-

[6] Refere-se a Sócrates.

[7] Aspásia (470-400 a.C.), sofista grega; Safo (séc. VII-? a.C.) poetisa grega; Periccione (?), mãe de Platão; Telesilla (séc. VI a.C.), poetisa grega.

gamente à execução de suas vontades, e não inteligências que se oponham a elas e ensinem aos povos a sacudir o seu jugo. Fácil lhes foi pois deixarem na ignorância essa parte da humanidade, a quem Deus em sua paternal previdência aquinhoou de maior porção de bondade e doçura.

O egoísmo desse grande povo a respeito do sexo revela-se autenticamente em duas palavras do sábio e austero Catão[8]. Esse oráculo disse:

> "Tratemos as mulheres como nossas iguais, e, para logo,
> elas tornar-se-ão nossas senhoras, e exigirão como
> tributo o que hoje recebem como uma graça."

Infeliz Catão! Pensando assim da mulher, bem longe estavas de prever o leito de desesperação, que em Útica te preparavam os profundos desgostos causados pelos ambiciosos, inimigos de teus austeros princípios, a quem, como a ti, faltaram desde a infância esses anjos de paz, que tão salutar poder exerceram sobre os destinos dos homens, se os homens soubessem compreender bem sua grande missão na sociedade!

Nesse terrível momento em que o estoico republicano, perdendo toda a esperança de libertar a pátria e não querendo dever a vida ao tirano, que detestava, rasgou suas próprias entranhas, depois de ter lido o *Diálogo* do sublime Platão sobre a imortalidade d'alma, nem ao menos pensou que, se uma mãe religiosa e esclarecida lhe tivesse dirigido os primeiros passos na vida, talvez tivesse lhe feito melhor uso de suas virtudes e da leitura d'aquele admirável escrito!

Assim a orgulhosa Roma, apresentando nos fastos[9] de sua história os pacíficos Numas, adoçando por suas instituições religiosas a natural ferocidade dos Romanos; os Brutos crendo servir à república por um furor, que enluta a natureza; os Césares subjugando o mundo pelo poder de suas armas, sempre vitoriosas; os Cíceros, extasiando os povos por sua eloquência, julgavam-se quites para com a mulher unindo a esses nomes os das Lucrécias, das Cornélias, das Vetúrias, etc.[10]

---

[8] Marco Pórcio Catão (234 – 149 a.C.), político e escritor romano.

[9] Registro de acontecimentos notáveis

[10] No parágrafo, a autora cita vários reis e personagens ilustres da Roma antiga e suas esposas.

A detestável Fúlvia, picando com um alfinete a língua do mais ilustre orador Romano, não seria antes para vingar o sexo, cuja condição aquela grande eloquência nunca procurou melhorar, do que para satisfazer o furor que se lhe atribui pelas Filípicas publicadas pelo célebre escritor?[11] E essa ação horrorosamente repugnante, sobretudo em uma mulher, não lança como que um espesso véu sobre as severas virtudes daquelas respeitáveis matronas? Em uma sociedade em que a educação e o espírito das mulheres fossem rigorosamente cultivados, poderiam aparecer monstros tais como as Messalinas, as Tulias, as Agripinas?[12]

V

É uma verdade incontestável que a educação da mulher muita influência teve sempre sobre a moralidade dos povos, e que o lugar, que ela ocupa entre eles é o barômetro que indica os progressos de sua civilização.

Entre os bárbaros do Norte, e os selvagens da América e da Oceania, que papel representou e representa ainda a mulher, principalmente nas duas últimas regiões?!

A fé, que muito humilhante seria para uma mulher dizê-lo...

Aqueles que têm viajado por esses países, ou lido a narração que de seus povos fazem verídicos historiadores, lamentam tanta degradação da espécie humana!!

Deixaremos em silêncio a sorte da mulher da Europa na Idade Média, sob os Clóvis, Carlos Magno, Othon, o grande, Godofredo de Bouillon, Rodolpho de Habsburgo e Mahomet II, vencedor de Constantino XII, último imperador Grego[13], com o qual acabou o império cristão de Bizâncio, para dar lugar, entre as monarquias europeias, à primeira monarquia Otomana.

Os Cruzados, trazendo à sociedade ocidental o desenvolvimento da navegação, da indústria, das artes, das ciências, e as lín-

[11] Conta-se que Fúlvia (79 - 40 a.C.), rica matrona romana, fura a língua de Cícero após sua morte, por causa de seus discursos (as Filípicas) contra Marco Antônio, que era seu esposo.

[12] Messalina, Túlia e Agripina foram mulheres romanas da Antiguidade conhecidas por comportamentos lascivos, traições, crueldades e/ou assassinatos.

[13] Imperadores da Idade Média, de regiões diversas da Europa.

guas, que lhes foi preciso aprender para estabelecerem uma comunidade de ideias entre os povos do gênio, as línguas diversas, preparando-lhe assim a época da renascença, em que a Itália e depois a França tanto brilharam, nenhum melhoramento fizeram na sorte da mulher.

À voz dos Pedro Eremita, Urbano II, S. Bernardo[14], etc. corriam os reis e os povos cristãos à longínqua Palestina, para libertar os lugares santificados pelo Cristo, enquanto deixavam por libertar de férrea educação as mulheres, que Deus havia tão altamente enobrecido na Divina Mãe do mesmo Cristo!

Quanto sangue derramou a humanidade! Quantas vítimas sacrificadas sem nenhum resultado para ela! Que aberração enfim do espírito do cristianismo! ...

Mas era então assim que compreendiam a sua missão na terra os grandes senhores do Ocidente, longe ou dentro de seus suntuosos e sombrios castelos, cujo eco nos repetem ainda as legendas desses tempos!

No Oriente, as ciências e as artes fugiam espavoridas do solo, que sanguinolentas guerras devastavam.

A Grécia esclarecida havia desaparecido; e povos bárbaros, ou reis fanáticos profanavam o alcáçar das letras.

Aos filósofos, que encheram o mundo de admiração por sua sabedoria e pela beleza de seus escritos, sucederam imperadores tais, como Miguel, o Gago, que não sabendo ler, proibiu se ensinasse a ler às crianças; e Miguel III, que minado de vergonhosos vícios, e desprezando como os seus antecessores a educação da mulher, mandara construir para os seus cavalos, que ele amava mais que a seus súditos, uma cavalharice, cujas paredes eram encrustadas de pórfido.

O espírito das Annas Comnenas[15] despontava nessas regiões, manchadas por toda a sorte de crimes, como desponta em noite tenebrosa o clarão de uma estrela, que brilha a furto no espaço.

---

[14] Religiosos católicos de grande influência na Idade Média.

[15] Anna Comnena (1083-1153), princesa bizantina, foi autora da obra "Alexíada" (1148), na qual relata os feitos e o conflituoso governo de seu pai, o imperador bizantino Aleixo I Comneno (1081- 1118). Anna Comnena, que teve uma educação privilegiada, foi uma mulher de grande erudição.

A caridade, virtude personificada no sexo pela mãe do Redentor do mundo, e o heroísmo com que algumas santas mulheres suportavam o martírio, na esperança de uma vida melhor, podiam então somente consolar a mulher cristã. Feliz aquela que de fato o era, porque achava na fé, essa luz divina que nos esclarece a alma, um poderoso antídoto contra a degeneração do homem, e um porto seguro de salvação!

Enquanto a civilização dormitava sob o anticristão e nunca assaz detestável regime feudal, que oprimia cruelmente as mulheres, e as cruentas guerras da religião proporcionavam ao feroz instinto de uma o sanguinolento e bárbaro triunfo da horrorosa *noite de S. Bartolomeu*[16], o mais funesto de todos os erros, o fanatismo, vomitava na Espanha e em Portugal o monstruoso flagelo, que tem jamais oprimido a humanidade!!

O tremendo tribunal do Santo Ofício, esse vergonhoso parto dos tempos modernos do Cristianismo, tão fatal aos progressos da civilização, não queria encontrar nas vítimas, que imolava, a moral esclarecida, a virtude obstinada das Bororquias![17]

Assim a educação da mulher ficou estacionária, principalmente nesses países, que a natureza enriqueceu de seus mais belos dons.

VI

Lancemos agora os olhos sobre as três grandes nações da Europa moderna e os Estados Unidos, em nossos dias; vejamos se podemos aí encontrar alguma consolação à lembrança do quadro aflitivo, que da mulher nos apresentam os tempos, que felizmente lá vão longe para nós!

A Alemanha, esse país clássico das ideias e da reflexão, é também o país por excelência nos respeitos tributados à mulher.

A moralidade sentimental, cujo nome e ideia só existem na Alemanha, constituindo a sensibilidade um dever, não podia deixar de

[16] Massacre de protestantes ocorrido na França em 1572, no dia de São Bartolomeu (24 de agosto).

[17] O nome Bororquia refere-se a uma personagem de ficção da obra de Luis Gutiérrez intitulada *Cornelia Bororquia ou a vítima da Inquisição*. É possível que o autor tenha se inspirado na história real das irmãs Bohorques, ambas torturadas e mortas pela Inquisição na Espanha, em 1559 e 1560.

produzir ali os mais salutares efeitos no sexo, que possui incontestavelmente maior soma dessa faculdade.

Os Alemães, mais entusiásticos que fanáticos, mais pensadores que galantes, concederam à mulher privilégios reais, baseados na educação sólida desse povo por demais profundo e morigerado, para compreender toda a importância da mãe de famílias, da matrona esclarecida edificando os filhos e o sexo com exemplos de uma sã moral, derramando em torno deles as luzes de um espírito reto e superior, os efeitos de um coração bem formado e generoso.

O legislador alemão, quando estabeleceu no casamento a igualdade entre os sexos, compreendeu, melhor que nenhum outro, a sabedoria do Eterno, doando ao homem e à mulher a mesma inteligência.

Uma das duas primeiras escritoras francesas de nosso século, Mme. de Staël,[18] atribui à facilidade do divórcio entre os Alemães a introdução nas famílias, de *uma sorte de anarquia*, *que nada deixa subsistir em sua verdade*, *nem em sua força*.

A ilustre escritora, a cujo talento rendemos sempre a mais profunda homenagem, escrevendo essas linhas, abstraiu sem dúvida da anarquia de outra espécie, e até certo ponto muito mais perigosa, que lavra pelo centro das famílias de sua nação, a despeito da doutrina dos grandes pensadores, Montesquieu, Rousseau, Voltaire e Diderot,[19] combatida depois pelos dois eminentes espíritos Condorcet e Sieyès,[20] cujas vozes foram sufocadas pelos três fortes órgãos do século XVIII, Mirabeau, Danton e Robespierre.[21]

Os Alemães, baseando a sua felicidade doméstica na moral esclarecida de suas mulheres, antes que em um jugo imposto pela lei, as subtraem, em geral, ao conhecimento de estratagemas, que certas

[18] Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein, Mme de Staël (1766-1817), romancista e ensaísta francesa.

[19] Charles-Louis de Secondat, barão de Montesquieu (1689-1755), filósofo; Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo; Voltaire, pseudônimo de François-Marie Arouet (1694-1778), escritor, ensaísta e filósofo; Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor.

[20] Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet (1743-1794), filósofo e matemático francês; Emmanuel Joseph Sieyès (1748-1836), padre, ensaísta e político francês.

[21] Todos os citados tiveram ativa atuação política na Revolução Francesa: Honoré Gabriel Riqueti, conde de Mirabeau, (1749-1791), jornalista e escritor; Georges Jacques Danton (1759-1794), advogado; Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (1758-1794), advogado.

mulheres do Sul sabem com raro talento empregar para triunfar em segredo desse jugo, a que parecem em público submeter-se com grande satisfação.

Quantas vezes temos nós visto os homens do Sul, que mais inexoravelmente exprobram a instrução e a liberdade, de que gozam as mulheres do Norte, serem vítimas do capricho, ou da dissolução, resultado quase sempre infalível da ignorância e educação estacionárias das suas!

Deixemo-los expiar suas crenças a respeito da mulher, e sem contestarmos a opinião da ilustre escritora francesa, cujo coração mais de uma vez contraiu-se sob a influência dos princípios dos homens de sua pátria, tão diametralmente opostos aos que ela censurava, continuaremos a demonstrar a influência que tem a educação das mulheres sobre a moralidade e civilização dos povos.

VII

A Alemanha é um exemplo que comprova esta asserção.

A mulher germânica teve sempre grandes vantagens sobre as mulheres antigas e modernas.

Chateaubriand[22], em uma das suas obras, faz o seu elogio, e o célebre autor do *Gênio do cristianismo* não pode ser um juiz suspeito.

Em nenhuma outra nação, o sentimento maternal, essa centelha divina, apresentou exemplos mais tocantes do que na Germânia; assim também a ternura filial, caracterizada, entre outros, no barão Cronegk[23], poeta que, pela suavidade de seus versos, foi intitulado o Young alemão[24]. Deveu ele a melhor parte de sua educação a sua mãe, mulher verdadeiramente germânica, a cuja perda sucumbiu, na idade de 26 anos, depois de ter consagrado à sua memória os *Cantos das solidões*, seu último poema.

É ainda na Alemanha que se encontra o verdadeiro tipo do espírito de família, e do respeito tributado à velhice tão rigorosamente exercido pelos Espartanos, tão menoscabado nas gerações presentes do Sul.

---

[22] François-René Auguste de Chateaubriand , ou Visconde de Chateaubriand (1768-1848), foi um político, diplomata e escritor do pré-romantismo francês.

[23] Johann Friedrich, Barão de Croneck (1731-1758), poeta alemão bastante apreciado em sua época.

[24] Edward Young (1681-1765), poeta e ensaísta inglês.

Foi uma mulher germânica, o patriarca feminino, que mais importância teve na grande emigração. A história moderna não apresenta um homem, cuja eloquência iguale à que ela desenvolveu então.

Na época mais notável da história dessa nação, no momento supremo da emigração, ela levantou-se na assembleia, e arengou ao povo para que deixasse o seu país, e fosse conquistar uma nova pátria. O povo germânico, ainda bárbaro, conservava mais que os Gregos e os Romanos o respeito e o amor pela família.

A diferença entre o respeito pela avó, e a veneração pela mulher, nas raças teutônicas, e nas raças greco-latinas, sobressai ainda hoje nos povos que delas descendem. Estes princípios foram de tal sorte infiltrados no coração e no espírito da mocidade que, apesar da degeneração dessas raças, e do filosofismo que contaminou o século XVIII, ainda constitui atualmente a superioridade da educação do homem do Norte sobre a educação do homem do Sul.

As mulheres deviam naturalmente participar dessa salutar influência, e serem, portanto, o que na realidade são; melhores esposas, melhores mães, pensadoras mais profundas, mulheres mais completamente educadas, do que o são em geral as mulheres do Sul.

Na pátria dos Leibnitz, Kant, Klopstock, Goethe, e Humboldt,[25] essa terra que, pelo alto grau a que os seus nacionais têm levado o estudo e a meditação, é justamente denominada a pátria do pensamento; a parte da humanidade, que nutre em seu seio, e guia depois os primeiros passos da outra, foi e é ainda considerada como devidamente o merece.

Também é a Alemanha a terra por excelência de um povo viril, franco, honesto e virtuoso.

VIII

A Grã-Bretanha, marchando à frente de todas as nações pela sua força material, marcha igualmente em primeira ordem na ci-

[25] Notáveis alemães: Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), filósofo; Immanuel Kant (1724-1804), filósofo; Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803), poeta; Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) escritor; e Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt, o barão de Humboldt (1769-1859), naturalista.

vilização europeia. Devendo todas as vantagens de que goza, tanto ao seu grandioso comércio, como à estima pelas ciências e letras, ela não tem negligenciado a educação da mulher e o cultivo de sua inteligência.

O povo inglês, entre o qual existe menos influência das castas privilegiadas, mais espírito de ordem, mais atividade e mais convicção de seus próprios direitos, não podia deixar de facultar à mulher a liberdade e os meios do segui-lo nos progressos da civilização moderna.

O sexo a que pertencia aquela que, segundo a expressão de Voltaire[26], a Europa contava na ordem de seus maiores homens, Elizabeth[27], a cujo gênio deveu a Inglaterra a elevação de sua marinha, fazendo-a rivalizar com as de Holanda, de Genova e de Veneza, então no apogeu de sua glória, o princípio do seu comércio nas Índias Orientais, Pérsia, Rússia e América, o grande desenvolvimento de sua literatura, com Bacon, Raleigh e Shakespeare,[28] e o aperfeiçoamento de sua língua, tinha por, sem dúvida, incontestáveis direitos a essa consideração da parte de seus concidadãos.

Demais, mulheres que têm de participar da sorte de um povo que reúne as duas maiores potências – a força e o querer, ao mais acrisolado critério, quando se trata de empregar os seus recursos para sustentar a própria dignidade, ou para consolidar os seus interesses, assim materiais como morais, mereciam receber a educação que as distingue, e cujos felizes resultados convergem todos para o engrandecimento de sua nação.

A mulher Inglesa, educada nos severos princípios de uma sã e esclarecida moral, dá provas desde sua mais tenra mocidade de uma discrição e modesta altivez, que as mulheres das outras nações não lhe podem disputar. Gravando-se-lhe no espírito, quase logo ao sair do berço, a consciência de sua própria dignidade, ela compreende

[26] Voltaire, pseudônimo de François-Marie Arouet (1694-1778), foi escritor, ensaísta e filósofo francês.

[27] Rainha Elizabeth I (1533-1603).

[28] Na sequência: Francis Bacon, (1561-1626), político, filósofo, ensaísta e cientista inglês, autor do Novum Organum; Sir Walter Raleigh (1554-1618), espião, político, escritor e poeta da corte de Elizabeth I; William Shakespeare (1564-1616), poeta, ator e dramaturgo, autor de vasta e influente obra literária.

muito cedo a nobreza do sexo a que pertence e a importância do cumprimento de seus deveres.

Sem os *argos*[29], que velam constantemente sobre as donzelas de quase todas as outras nações, a donzela Inglesa sabe impor, ainda ao mais dissoluto, o decoro, que lhe é devido. A sólida educação, que lhe é ministrada, servindo-lhe de égide, a subtrai à humilhação de uma vigilância que degrada a mulher, porque faz pensar ser-lhe necessário um guarda para que ela permaneça pura!

Assim também, compreendendo melhor que as suas ilustradas vizinhas do Continente a importância dos sagrados deveres de esposa e de mãe, a mulher Inglesa não vê, como geralmente aquelas, no casamento um estado que as liberta do jugo de solteira, e lhes permite uma liberdade, de que nem sempre fazem bom uso. Pelo contrário, é neste novo estado que começa para ela a prática de todas as virtudes da vida doméstica. Pode dizer-se que o primeiro dever maternal e inato à mulher Inglesa, a quem, a civilização nada tendo feito perder do sentimento que o ordena, não foi necessário um *Emilio* de Rousseau para indicar-lho.[30]

A donzela e a esposa representam, em França e Inglaterra, um papel diametralmente oposto no seu respectivo estado, e é ainda só à educação eminentemente religiosa da mocidade inglesa, que se deve atribuir essa grande diferença. Além disso, o espírito do galanteio que caracteriza os homens da primeira nação, sendo estranho aos da segunda, as mulheres Inglesas têm a vantagem de respirar desde os seus primeiros anos na atmosfera da sinceridade, que com o sentimento de independência forma o principal caráter de sua nação.

IX

Da mesma sorte que a Inglaterra é o modelo da religião, do comércio e da liberdade, as suas mulheres o são das virtudes domésticas e da nobre altivez de seu sexo. Modernas gregas e romanas na beleza

[29] Na mitologia grega, Argos Panoptes, o monstro de cem olhos, tinha como uma de suas incumbências vigiar a amante de Zeus. A autora usa o personagem como uma metáfora da fiscalização da moralidade da mulher.

[30] *Emílio ou Da educação*, obra de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), foi publicada em 1762, tratando da natureza humana e da educação do cidadão.

e na severa continência, elas são superiores às primeiras pela morigeração dos seus costumes, e às segundas pela instrução de seu espírito.

A educação da mulher inglesa é, como a liberdade política dos ingleses, fundada em sua moral: e assim como a verdadeira base de um governo é a liberdade política, conforme observa o ilustre autor do *Espírito das Leis*,[31] assim também a religião deve ser a base da educação da mulher.

O povo inglês compreendeu, e mais que nenhum outro demonstra praticamente, esta verdade; daí a causa primária das vantagens de sua educação sobre a dos outros povos.

A maior parte de suas grandes escritoras têm feito sobressair em suas obras a moral dessa religião inoculada em sua alma; deste número são, entre outras, Mrs. *Inchbald*[32], cuja conduta honrosa, em uma profissão rodeada de perigos, dá uma nova autoridade a seus escritos, e os torna recomendáveis.

Miss *Maria Edgeworth*[33], cujo grande mérito consiste em sua moral doce e agradável.

"É impossível ler, diz um crítico da *Revista d'Edimburgo*, dez páginas de seus escritos, sem se ficar persuadido de que eles tendem a tornar melhor, e não só a corrigir fatais erros, prejuízos funestos à felicidade, mas ainda a inculcar a virtude e a bondade, apresentando-as sob os mais persuasivos e familiares aspectos".

Miss *Jane Austin*[34], de uma intenção moral menos elevada talvez, porém mais eficaz que a de Miss *Edgeworth*: a profunda delicadeza de sentimentos desta escritora é o predicado ordinário das mulheres.

Mrs. *Elizabeth Hamilton* [35], que foi a primeira a pintar justa e vivamente a vida das classes baixas da Escócia.

E Mrs. *Hannah More*[36], que continua a classe notável de moralistas femininos. Aos 17 anos era ela já autora, e sua principal obra – *Coelebs em busca de uma esposa* – mostra as disposições, os costumes, os princípios que podem assegurar a felicidade doméstica.

---

[31] *O espírito das leis*, obra de Charles-Louis de Secondat, o barão de Montesquieu (1689-1755), foi publicada em 1748, na qual o autor desenvolve sua teoria política.

[32] Elizabeth Inchbald (1753-1821), romancista, atriz e dramaturga inglesa.

[33] Maria Edgeworth (1768-1849), escritora anglo-irlandesa.

[34] Jane Austen (1775-1817), famosa escritora inglesa. É autora de "Razão e sensibilidade" e "Orgulho e preconceito", entre tantas outras obras.

[35] Elizabeth Hamilton (1756-1816), escritora inglesa.

[36] Hannah More (1745-1833), escritora de livros morais e religiosos da Inglaterra.

X

Os dois grandes admiradores da constituição inglesa, e dos costumes da Inglaterra, Voltaire e Montesquieu[37], nas brilhantes páginas que escreveram a respeito, não quiseram dar uma prova de imparcialidade atribuindo também à influência da educação da mulher o engrandecimento daquele povo.

Mas todos conhecem a opinião desses dois célebres escritores, de moral e crenças diversas, a respeito do sexo. O primeiro assinala esta opinião nos sarcasmos contra todas as mulheres, com os quais julgava punir aquela que lhe havia consagrado a vida; o segundo nas linhas seguintes, contidas em seu admirável livro do *Espírito das Leis*: "La nature, qui a distingué les hommes par la force et par la raison n'a mis à leur pouvoir d'autres termes quo celui de cette raison et de cette force. Elle a donné aux femmes des agréments, et a voulu que leur ascendant finit avec ces agréments."[38]

O virtuoso Montesquieu, pensando assim da mulher, autorizava ao degenerado espiritualista Rousseau[39], quando disse: "La femme est faite spécialement pour plaire à l'homme; si l'homme doit lui plaire a son tour c'est d'une nécessité moins directe; son mérite est dans sa puissance; il plait par cela seul qu'ie est fort."[40]

Quanto a Montesquieu, lastimamos, sem admirar, um tal desvio da justa apreciação da mulher, porque estamos habituados a ver, na história de todos os povos, eminentes capacidades, como o ilustre escritor, caírem no mesmo erro quando tratam dela.

Do autor do *Contrato Social*[41], cujas obras mereceram tanta consideração dos homens pensadores, julgamos que não podia ele melhor descrever a mulher no estado selvagem de que foi tão grande apologista.

---

[37] Voltaire, pseudônimo de François-Marie Arouet (1694-1778) e Charles-Louis de Secondat, barão de Montesquieu (1689-1755), já citados.

[38] "A natureza, que distinguiu os homens pela força e pela razão, não colocou ao seu alcance outros termos além desta razão e desta força. Deu às mulheres atrativos e quis que sua ascendência terminasse quando terminassem esses atrativos."

[39] Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo francês.

[40] "A mulher é feita especialmente para agradar ao homem; se o homem deve agradá-la, por sua vez, é uma necessidade menos direta; seu mérito está em seu poder; ele agrada simplesmente porque é forte".

[41] Jean-Jacques Rousseau.

Anteporemos, entretanto, àquelas linhas suas já citadas a observação seguinte do muito espirituoso e distinto literato Philarette Chasles[42]: "La femme n'est rien pour le sauvage; esclave au début de la civilisation, elle acquiert ses droits et sa valeur en parcourant les dégrés qui effacent la tyrannie de la force physique et font régner l'intelligence."

Mas deixemos a Wollstoncraft, Condorcet, Sieyes, Legouvé etc.[43] a defesa dos direitos do sexo; a nossa tarefa é outra, e cremos que mais conveniente será às sociedades modernas: a educação da mulher.

XI

A França, essa fagueira região dos belos espíritos, onde todas as fisionomias sorriem ao estrangeiro, e a afabilidade da mais acessível civilização o acolhe e o consola das saudades da pátria, esse viveiro moderno de grandes notabilidades em todas as ciências e artes, não tem chegado ao apogeu da glória de ser o centro luminoso, donde se desprendem as brilhantes centelhas que vão esclarecendo os demais povos na marcha progressiva das ideias, senão porque a mulher é ali admitida de comum com os homens a cultivar a sua inteligência.

Se a severidade de uma página da legislação francesa exclui a mulher da supremacia de que gozam as mulheres das duas nações de que falamos ultimamente, o império do espírito, em cujo trono ela se assenta como absoluta soberana, prodigamente a indeniza dessa parcialidade, depondo em suas mãos, como por vezes tem acontecido de uma maneira indireta, os destinos dessa bela nação. E o mundo tem visto se as Poitiers, as Médicis, as D'Éstrées, as Pompadour, etc., e as virtuosas Maintenon, Antoinette e Adelaide,[44] esclarecida conselheira de Luiz Philippe, tem dirigido, mais que os reis, o governo da França.

---

[42] Philarette Euphemon Chasles (1798-1873), crítico literário, professor e escritor francês: "A mulher não é nada para o selvagem; escrava no início da civilização, adquire seus direitos e seu valor atravessando os degraus que apagam a tirania da força física e fazem reinar a inteligência".

[43] Mary Wollstonecraft (1759-1797), escritora inglesa, autora de *A vindication of the rights of woman*, traduzido por Nísia Floresta em 1832; e, na sequência, os franceses: Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, marquês de Condorcet (1743-1794), filósofo e matemático; Emmanuel-Joseph Sièyés (1748-1836), político e escritor; Gabriel Jean Baptiste Ernest Wilfrid Legouvé (1807-1903), dramaturgo.

[44] Diane de Poitiers (1500-1566), amante de Henrique II; Catarina Maria Romola di Médici (1519-1589), esposa de Henrique II e regente da França durante a menoridade de seus filhos, após a morte do rei; Gabrielle d'Estrées (1573-1599), amante de Henrique IV; Jeanne-Antoinette Poisson, marquesa de Pompadour (1721-1764), amante de Luís XV; Françoise d'Aubigné, marquesa de Maintenon (1635-

A mulher francesa reina de fato pelo espírito, e muita vez mais plenamente que as soberanas de direito sobre os outros povos.

Sem embargo de todos os antagonistas do desenvolvimento intelectual da mulher, entre os quais tão despoticamente sobressai a célebre Córsego[45], acérrimo[46] inimigo da superioridade do espírito feminino, a França esclarecida compreendeu a distância que mediava dela à França feudal, e as luzes das ciências espalharam-se por todas as inteligências, sem distinção de sexo nem de classes.

Depois que Descartes[47] abriu à filosofia uma nova era, e os homens do progresso, afrontando doutrinas retrógradas, caminham avante na grande obra do aperfeiçoamento da sociedade moderna, a mulher francesa não se limitou somente aos exemplos da coragem, que deu a Joanna d'Arc[48] a glória de libertar a pátria do poder dos Ingleses, e segurou o punhal na mão de Carlota Corday[49] para expurgar dela o sanguinário Marat[50]. Outras virtudes, outros triunfos mais dignos da mulher, obtêm e distinguem as Francesas de nossos dias.

As afetuosas páginas, inspiradas pelo amor maternal da sensível Sévigné[51], fizeram brotar em mais de um coração feminino sazonados frutos com que muitas de suas conterrâneas alimentaram o espírito da mocidade de seu sexo.

Além de outras, Mmes. Maintenon, Genlis e Campan[52] concorreram por seus dedicados desvelos e preciosos escritos para o desenvolvimento da educação, que Saussure, Tastu, Guizot,[53] etc.,

---

1719), esposa de Luís XIV, fundadora da escola para moças da nobreza *Maison Royale de Saint-Louis*, além de escritora; Antoinette d'Orléans-Longueville (1572-1618), fundadora da Congregação dos beneditinos de Notre-Dame-du-Calvaire; Luísa Maria Adelaide Eugénia de Orleans (1777-1847), Princesa de Orleans, irmã do rei Luís Filipe I, da França.

[45] Napoleão Bonaparte (1769-1821), natural de Córsega.

[46] Acérrimo: decidido, firme, obstinado.

[47] René Descartes (1596-1650), filósofo.

[48] Joana D'Arc (1412-1431), heroína francesa, canonizada em 1920.

[49] Marie-Anne Charlotte de Corday d'Armont (1768-1793), assassina de Jean-Paul Marat na época da Revolução Francesa.

[50] Jean-Paul Marat (1743-1793), cientista, jornalista e líder jacobino na Revolução Francesa.

[51] Marie de Rabutin-Chantal, marquesa de Sévigné (1626-1696), escritora epistolar.

[52] Françoise d'Aubigné, marquesa de Maintenon (1635-1719), escritora, esposa de Luís XIV; Stéphanie-Félicité Ducrest de Saint-Aubin, Condessa de Genlis (1746-1830), escritora e educadora; Jeanne Louise Henriette Campan (1752-1822), também escritora e educadora.

[53] Todas as citadas são escritoras: Albertine-Adrienne Necker de Saussure (1766-1841), Sabine Volart Tastu (1798-1885) e Elisabeth-Charlotte Pauline de Meulan, Mme. de Guizot (1773-1827).

mulheres todas notáveis pelos seus talentos e virtudes, têm melhor adaptado à civilização moderna.

XII

Como a Inglaterra, a França apresenta grande número de mulheres moralistas, poetas e escritoras em todos os gêneros, procedentes das diversas classes da sociedade: nobre, burguesa, operária, todas têm fornecido autoras mais ou menos distintas pelos seus trabalhos, na grande obra da civilização.

Apresentaremos, porém, as duas escritoras que sobressaem a todas, pela fertilidade e solidez de seu espírito, como uma prova de que a educação moral deve ser, como já temos observado, a base de toda a instrução da mulher, a fim de que ela não se desvie da senda das virtudes que a farão sair vitoriosa do labirinto da vida, onde tem de lutar com o monstro da sedução.

Staël e George Sand[54], de condições e caracteres diferentes, chegaram ambas por diversos caminhos ao pináculo da glória literária. O mérito da primeira atraiu ainda em 1850, tantos anos depois de sua morte, a ilustrada corporação do Instituto de França, a consagrar uma de suas sessões ao seu elogio. A segunda já é denominada – a primeira escritora do século.

A pena de ouro que escreveu *Lelia*[55], a mais sublime de suas concepções, repousou compondo os seis dramas morais, que fizeram reviver na cena de Paris os símplices costumes rurais, e perdoar à sua autora alguns de seus escritos julgados pelos severos moralistas por demais livres.

Se com tão transcendente talento, a educação de Mme. de Staël tivesse sido ministrada a George Sand, ter-se-ia esta deslizado da conduta circunspecta, que constitui primeiro mérito da mulher? Não, por certo, e aquela, cujos escritos atraem a admiração do mundo literato faria brilhar por entre a coroa de imortalidade, que lhe cinge

[54] Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein, Mme. de Staël (1766-1817), romancista e ensaísta francesa; George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant (1804-1876), romancista, considerada a maior escritora francesa.

[55] Romance publicado em 1833 por George Sand.

já a fronte, a mais preciosa de todas as pérolas, que lhe falta, e que somente a educação religiosa pode oferecer à mulher.

Assim, é quase sempre da educação que nascem os desvarios, os erros, alguma vez os crimes, que ofuscam as qualidades do espírito, mancham a vida da mulher e a tornam bem vezes infeliz, ainda quando rodeada da fascinadora auréola da fortuna.

Dê-se ao sexo uma educação religiosamente moral, desvie-se dele todos os perniciosos exemplos que tendem a corromper-lhe, desde a infância, o espírito em vez de formá-lo à virtude, adornem-lhe a inteligência de úteis conhecimentos e a mulher será não somente o que ela deve ser – o modelo da família –, mas ainda saberá conservar dignidade, em qualquer posição em que porventura a sorte a colocar.

Quando o grande herói do século XIX, fazendo revolver o mundo e curvar ao seu despotismo as cabeças coroadas da Europa, temeu a influência de uma mulher e a desterrou em Coppet[56]; essa mulher achou em seu espírito assaz de recursos para suportar o exílio, e em sua dignidade assaz de energia para recusar-se depois ao seu chamado.

Essa grande potência, perante quem tudo se curvava, teve que devorar a recusa de uma mulher, cujo mérito havia a princípio desdenhado. Napoleão ignorava, como diz Chateaubriand, que *o verdadeiro talento só no gênio reconhece Napoleões.*

Se muitas outras se não tem portado, em casos semelhantes, com a mesma dignidade e energia, é porque lhes faltam a educação e as luzes que ornavam o espírito da célebre filha de Necker.[57]

XIII

Se considerarmos agora as mulheres da França sob o ponto de vista filantrópico, vê-las-emos derramando cada dia nas classes desvalidas o bálsamo salutar da beneficência.

---

[56] Nísia está falando de Mme. de Staël, que, tendo incomodado Napoleão Bonaparte por seu pensamento e oposição, foi proibida de entrar em Paris em 1803, só lá retornando em 1814, com a queda do Imperador.

[57] A autora refere-se a Jacques Necker, pai de Mme. de Staël.

A caridade, essa virtude sublime, que nunca é tão devidamente exercida como pela mão da mulher, tem no coração da francesa um templo, onde ela lhe queima o mais puro incenso.

Prescindindo dos inúmeros exemplos, que incessantemente apresentam desta verdade as associações femininas de beneficência, bastar-nos-á indicar as dignas irmãs de S. Vicente de Paula[58].

Quem tem mais justos títulos à estima e veneração da sociedade do que essas admiráveis mulheres, de uma abnegação verdadeiramente cristã, separando-se de suas famílias, no centro das quais grande parte de entre elas gozava de todas as vantagens de uma vida cômoda e deliciosa, para dedicarem-se aos mais laboriosos e rudes trabalhos, socorrendo a humanidade sofredora?! Quem jamais, possuindo um coração sensível e a consciência do bem, viu essas sublimes mulheres, em rigorosa simplicidade, correrem de um a outro lado de Paris, ainda nos dias mais nervosos, em noites mais tenebrosas, nas ocasiões mais difíceis, em que a cólera dos povos reaparece vomitando a morte e a desolação, para acudirem aqui e ali aos infelizes que reclamam seus cuidados; ou deixarem a pátria e a comunicabilidade com aqueles que falam o seu idioma, para voar também a países longínquos, alguns mesmo selvagens, com o único fim de serem úteis ao seu semelhante?! Quem jamais, dizemos, viu com tanta dedicação à verdadeira prática dos preceitos do Homem Deus, que não sentisse o desejo de ajoelhar-se perante essas virgens modelos, e adorá-las?

Talvez um sorriso de motejo roce lábios ímpios de alguns dos que lerem a última linha que deixamos escrita!

Mas até quando a sociedade será de tal modo organizada que os homens espalhem flores aos pés e arrastem os carros das cantoras e dançarinas, para significar os seus triunfos, e deem um sorriso ou apenas uma fraca aprovação à virtude em toda a beleza de sua simplicidade?!

As irmãs da caridade, mulheres, pela maior parte, de uma grande instrução, bastariam para impor silêncio aos que pretendem (mes-

[58] *Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo*, fundada no século XVII por São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, na França.

mo em França, no seio de sua sociedade ilustrada), que a instrução da mulher é mais prejudicial que útil! Jamais a instrução da mulher pode ser prejudicial, quando tem por base uma bem dirigida educação. E se esta regra apresenta exceção, como naturalmente deve, é ela tão diminuta que escapa à generalidade.

Apesar do apreço em que temos às mulheres das três últimas nações em que tão de passagem falamos, reconhecemos, todavia, que muito tem ainda a sociedade que fazer para que cheguem ao aperfeiçoamento da educação, ali mesmo onde ela tão altamente sobressai à que recebem as mulheres dos outros países.

Assim, compartindo de coração as ideias a respeito da mulher do progressista e eloquente Júlio Michelet[59], concluiremos a nossa ligeira análise sobre elas citando uma de suas reflexões, que traz o selo do vivo entusiasmo de sua alma, impregnada do electrismo[60] de uma convicção a que se não pode resistir, quando uma vez se ouve a sua voz:

"Philosophes, physiologistes, économistes, hommes d'Etat, nous savons tous que l'excellence de la race, la force du peuple, tient surtout au sort de la femme.[61]

"Etre aimée, enfanter, puis enfanter moralement, élever l'homme, (ce temps barbare ne l'entend pas bien encore); voilá l'affaire de la femme.[62]

"Fons omnium viventium! Qu'est-ce qu'on ajoutèra à cette grande parole?..."[63]

XIV

Passemos à América, essa poderosa rainha que se apresenta por último no palco da civilização, grandiosamente ataviada de todos os ricos dons da natureza e pulsando-lhe no peito um coração superabundante de nobres e virginais sentimentos.

---

[59] Jules Michelet (1798-1874), filósofo e historiador francês.

[60] Electrismo: /no sentido figurado/ animação, exaltação, entusiasmo.

[61] "Filósofos, fisiologistas, economistas, estadistas, todos sabemos que a excelência da raça, a força do povo, mantém-se especialmente no destino da mulher."

[62] "Ser amada, dar à luz, depois dar à luz moralmente, elevar o homem (este tempo bárbaro não o entende bem ainda); eis o caso da mulher. "

[63] "A fonte de toda a vida! O que será adicionado a esta grande palavra?..."

Os naturais dos Estados Unidos, que com nobre orgulho arrogam-se o nome exclusivo de *Americanos*, por serem os únicos de todo este vasto continente que tem até hoje sabido devidamente compreender a grande missão a que está destinada esta parte do mundo, dão à mulher uma situação intermédia, na qual ela goza das vantagens da educação que herdou da metrópole, sem imitar os costumes aristocráticos da Europa.

Os prejuízos e afetação do *bom tom* das velhas sociedades não têm podido ainda conseguir inocular-se no seu espírito eminentemente positivo.

Como tudo o que é novo e vigoroso, de uma origem boa e fecunda, o espírito anglo-americano tende a desenvolver as qualidades que lhe são inatas, em ordem a obter a realização das altas concepções do gênio europeu. Mas permanecendo fiéis aos sábios princípios do imortal Washington, os filhos da União distinguem-se de todos os povos civilizados, na preferência que sabem dar a tudo o que tem o cunho da verdade e do útil.

A fórmula não tem ainda um culto entre esse grande povo, e o que alguns franceses lhe notam de rigidez de princípios, levada às vezes até à grosseria, não é mais que a expressão da simplicidade e franqueza que constituem o caráter deste povo livre e independente. Grande diferença há entre a polidez dos Franceses e a sequidão de maneiras que, em geral, conservam os Americanos de seus antepassados.

Todos sabem que quanto mais ociosa é uma nação, tanto maior é o espírito de galanteio que a domina: os importantes trabalhos que ocupam os Americanos do Norte não lhes deixam tempo para a polidez dos Franceses.

Assim, levam eles o amor do útil a tal ponto que, sendo a sua nação uma das que possuem maior número de escolas primárias e secundárias, de sociedades científicas e literárias, aprofundam somente as ciências de que podem tirar resultados aplicáveis ao engrandecimento do seu país.

XV

Já se vê, pois, que um tal povo não podia negligenciar os meios mais eficazes de colocar a mulher em um estado correspondente ao seu plano de prosperidade.

"Na América, diz F. Cooper[64], a mulher parece ocupar o seu verdadeiro lugar na ordem social, mesmo nas condições inferiores é ela tratada com as atenções e respeitos devidos aos seres, que cremos depositários dos princípios mais puros de nossa natureza. Nos limites sagrados de sua esfera, ela está ao abrigo da corrupção que nasce de um comércio demasiadamente frequente com o mundo. É sempre a amiga de seu marido, algumas vezes seu conselheiro."

Outro escritor diz ainda: "Em nenhuma parte a mulher é mais completamente a companheira do homem; em nenhuma parte é ela mais livre de dispor do seu coração e de sua mão; mas em parte alguma também ela tem um sentimento mais profundo de seus deveres, da santidade de sua missão providencial, quando transpõe o limiar da casa conjugal."

No momento em que escrevemos estas linhas, um precioso livro de uma americana do Norte vem oferecer-nos uma amostra da educação e do desenvolvimento da inteligência de suas mulheres.

Mrs. Stowe[65] é o verdadeiro tipo da Americana e o mais perfeito modelo que se pode apresentar a todas as mulheres.

Educação religiosa e moral, espírito eminentemente cultivado, amor do trabalho, de que deu exuberantes provas desde sua primeira juventude, dirigindo com zelo e perseverança o ensino da mocidade, prática das virtudes domésticas no estado de esposa e de mãe, solidez de uma razão esclarecida, coragem heroica, de que deu exemplo publicando (em face dos terríveis abusos de uma lei, que nodoa sua nação, e que sua nação tolera ainda) um livro, em que a censura acremente[66] dessa imperdoável falta; tudo isto se reúne nesta admirável mulher, que acaba de conquistar a aprovação dos

[64] James Fenimore Cooper (1789-1851), escritor americano.

[65] Harriet Elizabeth Beecher Stowe (1811-1896), abolicionista e escritora norte-americana, autora de *A cabana do Pai Tomás*, entre outras obras.

[66] Acremente: com acrimônia, com veemência; no sentido figurado: má vontade, aspereza, azedume.

filósofos, a estima dos corações bem formados, e um nome imortal na posteridade.

A raça Anglo-Saxônica, amando a verdade, tem achado meio de fazer a guerra à mentira.

A célebre autora da *Cabana do pai Tomás*, digna descendente desta raça, guiada pelo nobre e grandioso sentimento de humanidade, tentou resgatar sua pátria da nódoa que a deslustra, na mancha do espantoso progresso em que ela se mostra aos povos.

Quando um tal modelo de perfeições morais se patenteia nos Estados Unidos julgamos ocioso tudo o que pudéssemos acrescentar, para provar o desenvolvimento progressivo da educação da mulher nessa Europa da América, que excederá bem cedo a todas as nações do mundo, pelo gênio empreendedor de seus habitantes, e pelo espírito de associação e de comércio que vai tão grandemente desdobrando.

XVI

O livro de Mrs. Stowe é um primor de moral, de delicadeza de estilo, de sentimentos sublimes, de preceitos cristãos simples e habilmente dirigidos por mão feminina, que sabe toda a superioridade que tem a doce eloquente voz da persuasão, demonstrando os crimes em presença de suas vítimas, debaixo das formas mais capazes de inspirar o interesse e a compaixão, sobre o brado da rígida moral que severamente acusa a sociedade de qualquer povo de havê-los praticado. Essa obra pode ser considerada como um moderno Evangelho, em que todos os corações americanos deveriam ir beber as lições de Cristo, transmitidas pelo apóstolo feminino a quem Ele as inspirou.

Nós outros brasileiros, que lemos esse livro, corando do opróbrio que igualmente pesa sobre a nossa terra, nas reproduções daquelas cenas de horror que tão pateticamente descreve a insigne Stowe, deveríamos fazer nossos filhos decorar algumas de suas páginas mais salientes, a fim de podermos guardar a consoladora esperança de que as gerações futuras farão apagar, nos que lerem um dia a nossa história, a impressão dolorosa dos crimes cometidos pelas gerações presentes sobre a mísera raça africana!...

Possa a mocidade brasileira, essa flor esperançosa do nosso grandioso futuro, aprender do filantropo *Saint-Claire*, do senador *Bird*, e de sua esposa, de *Mrs. Shelby*, da digna quaker *Rachel*, da celeste pequena *Eva*, tipo sublime do amor da caridade, e sobretudo do jovem *George,*[67] os sentimentos que devem distinguir o verdadeiro cristão.

XVII

É tempo de voltarmos ao nosso caro Brasil, cujo interesse inspirou-nos este trabalho, e repetir a exclamação com que começamos este opúsculo.

– Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?

Temos já transposto metade do século XIX, século marcado pelo Eterno para nele revelar ao homem estupendos segredos da ciência tendentes a aplainar as grandes dificuldades, que se opõe a universalidade do aperfeiçoamento das ideias, em ordem a fraternizar todos os povos da terra.

Temos testemunhado o empenho dos homens pensadores das nações cultas em harmonizar a educação da mulher com o grandioso porvir que se prepara à humanidade!

Nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada.

Deus depôs no coração da Brasileira o germe de todas as virtudes; vejamos o impulso, que o governo e os homens da nossa nação têm dado a este germe precioso; como têm eles cultivado e feito desabrochar as flores, madurar os frutos que se deve esperar de uma planta de abundante seiva, sob os cuidados de um hábil e sábio horticultor.

---

[67] Personagens d'*A cabana do Pai Tomás*, de sentimentos abolicionistas.

XVIII

Não ignoramos que imos[68] encetar uma matéria tanto mais difícil quanto teremos de ferir prejuízos inveterados e o mal-entendido amor próprio d'aqueles que julgam as coisas em muito bom estado, só porque tal era a opinião de seus antepassados; mas o desejo ardente, que nos cala n'alma, de ver o nosso país colocado a par das nações progressistas, nos impõe a obrigação de franca e imparcialmente analisar a educação da mulher no Brasil, esperando excitar, com o nosso exemplo, penas mais hábeis que a nossa a escreverem sobre um assunto que infelizmente tão desprezado tem sido entre nós.

Aqueles que escrevem tão somente pelo bem da humanidade, que não por orgulho, ou pela triste vaidade de fazerem-se um nome, ainda mesmo nos países onde um nome literário tem pátria e glória, não cogitam do juízo parcial dos que limitam os interesses da humanidade no mesquinho círculo de seus interesses pessoais.

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país; por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos, a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização, em nossa terra, atentem para os exemplos que a história apresenta, do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho.

A esperança de que, nas gerações futuras do Brasil, ela assumirá a posição que lhe compete nos pode somente consolar de sua sorte presente. Entretanto sigamos o exemplo do pobre e corajoso explorador de nossas virgens florestas, exposto aqui e ali à mordedura de venenosos répteis, para rotear um campo, que outros terão de semear e colher-lhes os saborosos frutos.... Felizes nós se pudéssemos conseguir o primeiro resultado desse trabalho, que muito nos lisonjearíamos de oferecer às nossas conterrâneas, como penhor do verdadeiro interesse que elas nos inspiram.

---

[68] Forma antiga de conjugação da 1ª pessoa do plural do verbo *ir* no Presente do Indicativo; o mesmo que *vamos*.

XIX

Mais de um moralista tem estabelecido o princípio, que julgamos ter já demonstrado, isto é: que a educação da mulher muita influência tem sobre a moralidade dos povos, e que é ela o característico mais saliente de sua civilização.

Isto posto, indaguemos, à vista do estado atual da educação das nossas Brasileiras, quais os meios que se têm empregado, há mais de três séculos, para promover o seu desenvolvimento, em ordem a conseguir os resultados felizes que dela se deve esperar, quando dirigida por instituições sábias e liberais.

Retiremos por agora os olhos das tristes páginas de nossa história concernentes à situação da mulher indígena, depois que o farol do cristianismo veio esclarecer esta mais deliciosa porção do novo mundo. Nós a analisaremos em lugar competente e com o coração profundamente compenetrado da sua sorte!

Tratemos primeiramente das mulheres a quem os homens da civilização, entre nós, denominam brasileiras, isto é, as mulheres não indígenas, que nascem de famílias livres, ou aquelas que a bondade dos pais resgata, na pia batismal, do triste selo da escravidão!

Não é na história da nossa terra que iremos estudar a situação das nossas mulheres, porque, infelizmente, os poucos homens que têm escrito apenas esboços dela não as acharam dignas de ocupar algumas páginas de seus livros.

Assim, recorreremos aos viajantes estrangeiros que consagraram alguns de seus escritos à narração, por vezes alterada, do caráter e costumes das Brasileiras, para tratarmos delas nas províncias em que não temos nós mesmo viajado e sido testemunhas oculares da maneira por que é dirigida ali a sua educação.

XX

É uma triste verdade ter o Brasil herdado de sua metrópole o desprezo em que teve ela sempre a educação do sexo.

Os Portugueses, levando suas armas e seus missionários a outras regiões do mundo, explorando a glória pela reunião destas duas

forças heterogêneas que eles sabiam tão bem empregar para subjugar os povos, embriagavam-se demasiadamente em seus grandes triunfos para poderem ocupar-se, como deviam, da instrução da mulher, que, segundo a opinião da maioria de seu país, mais afeita aos costumes mouriscos que aos dos povos do Norte, não há mister de outros conhecimentos além daqueles que a habilitam a ser a primeira e mais útil servente de sua casa.

A glória das armas e das conquistas eram a única a que aspirava o seu gênio belicoso; dessa glória, porém, nenhuma vantagem resultava à mulher, a não ser a dos efêmeros triunfos que lhe davam os combatentes das justas e torneios, quebrando lanças que depunham a seus pés como uma homenagem a suas graças ou a seu amor.

Essa homenagem, que os homens da idade média criam render ao verdadeiro mérito da mulher, caracteriza-se na conduta de Magriço e de seus companheiros,[69] que tanto orgulhou, inspirou aos cavalheiros daquele tempo. Esses doze *famigerados* guerreiros, indo tão dramaticamente *desafrontar* as damas inglesas, em vez de empregarem o seu valimento e a sua bravura em pugnar pela reforma da educação das damas portuguesas, que jaziam envoltas no espesso véu da ignorância, forneceram um exemplo mais da leviandade do homem, procurando a glória onde menos ela reside.

Mas fora sempre este o espírito de sua nação, onde as ciências e as artes nunca tiveram grande incremento fora do claustro, essa barreira insuperável ao progresso das ideias. Entretanto, se aquelas eram ali suplantadas pelas armas, mesmo sob o reinado de seus mais ilustrados soberanos, alguns gênios sobressaíram na terra tão altamente decantada por Camões a despeito dos obstáculos que se opunham aos seus mais altaneiros voos.

XXI

O sexo, a quem era vedado transpor o pórtico de qualquer estabelecimento científico ou literário, forneceu também, posto

[69] Segundo história (talvez lendária) contada por Luís Vaz de Camões (1524-1580) nos *Lusíadas*, Álvaro Gonçalves Coutinho (1383-1445) conhecido por *Magriço*, foi um dos doze cavaleiros portugueses que defenderam a honra de doze damas ofendidas por nobres ingleses, em batalha travada na Inglaterra.

que em pequeno número, alguns espíritos superiores. Citaremos Públia Hortênsia de Castro[70], que, sob os trajes masculinos, frequentou com seu irmão a Universidade de Coimbra, onde obteve os grandes conhecimentos, que excitaram a admiração dos homens de sua época, inclusive Filipe II.

Esta escritora superior, pelas dificuldades que teve a vencer para penetrar no santuário da ciência, às Catharina, Lacerda, Balsemão, Alorna,[71] etc., provou que, se as mulheres portuguesas não puderam colher os louros literários que ornam as mulheres do Norte, não é porque lhes falte capacidade intelectual, mas porque os prejuízos de sua pátria as restringem no acanhado círculo de errôneos preconceitos.

Com a negligência do povo português, a respeito da educação do sexo, se pode somente comparar a desapreciação (deixamos aos de seu próprio país uma classificação mais forte), em que ele teve sempre os seus maiores homens, que tanto o ilustraram. O estrangeiro, que percorre o histórico Portugal, em procura dos monumentos elevados aos Henriques, Nuno Alvares, Castro, Gama, Camões, Pombal,[72] etc., não pode deixar de aprovar a imparcialidade do vate português, quando em seu entusiasmo patriótico revoltou-se contra a injustiça de seus conterrâneos nesta virulenta apóstrofe contida no seu *Camões*:[73]

"Onde jaz, Portugueses, o moimento[74]
Que do imortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia lhe pagastes
No sepulcro sequer... raça de ingratos!
Nem isso! nem um túmulo, uma pedra,
Uma letra singela. – A vós meu canto,

[70] Públia Hortênsia de Castro (1548-1595), célebre escritora e humanista portuguesa.

[71] As citadas são escritoras portuguesas: D. Catarina, duquesa de Bragança (1540-1614), Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644), Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre, viscondessa de Balsemão (1749-1824), e Leonor de Almeida, marquesa de Alorna (1750-1839).

[72] Nesse caso, tratam-se de portugueses ilustres: D. Henrique, o Navegador (1394-1460), Nuno Alvares Pereira (1360-1431), Vasco da Gama (1469-1524), o escritor Luís Vaz de Camões (1524-1580) e o estadista Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal e Conde de Oeiras (1699-1782). Já em relação a "Castro", não se pode determinar de quem a autora fala.

[73] *Camões* é um poema lírico-narrativo de Almeida Garret (1799-1854), publicado em 1825. A parte citada é a última estrofe do canto décimo do poema.

[74] *Monumento* (português arcaico).

Canto de indignação, último acento
Que jamais sairá da minha lira,
A vós, ó povo do universo, o envio."

XXII

As ideias estacionaram na linda terra dos Afonsos. Os cantos de seus altos feitos, retumbando pelas montanhas alcatifadas[75] de flores, sob o poético céu de Portugal, iam morrer no seio de outras terras e de outros povos eternizando o nome Português, sem que após esses feitos o farol da filosofia iluminasse o espírito dessa nação, e a guiasse à única verdadeira glória.

Baldo de tão sábio e poderoso guia, que pode só conduzir os povos à felicidade, esse formidável colosso de armas caiu, como cai o pano de um teatro depois da representação admirável de um grande drama, cujas cenas extraordinárias haviam prendido a atenção e extasiado a alma dos espectadores.

Os prejuízos de Portugal estenderam-se sobre as vastas plagas do Brasil, debaixo de um aspecto mais desfavorável, pois que tiveram de envolver nossa límpida atmosfera no tenebroso manto da escravidão, que Portugal repelia de seu seio, e que seus filhos traziam a infestar a nossa sociedade, manchando-a perante as sociedades da Europa, onde mais de uma vez tivemos de corar ouvindo incluir os Brasileiros na censura em que ali incorrem, e horror que inspiram os povos traficadores da espécie humana!

O Brasil recebeu de sua metrópole tudo o que lá havia menos capaz de desenvolver o espírito, e fazer sobressair as vantagens deste novo e rico solo, tão ardentemente disputado aos sucessores de Cabral pelos povos do Norte, que o teriam *incontestavelmente* melhor preparado para um mais glorioso porvir...

Concordamos, bem a nosso pesar, nesta verdade, porque fazemos justiça e rendemos profunda homenagem aos dignos antepassados dos três grandes escritores que representam atualmente a trinda-

[75] Cobertas por alcatifas (tapetes), atapetadas. A frase significa: *"montanhas cobertas por tapetes de flores"*.

de literária de Portugal, A. Herculano, A. Feliciano de Castilho e A. Garrett.[76]

Mas todos sabem que não de homens tais e sim de pessoas vulgares, de aventureiros intrépidos, ou de condenados pelas leis do seu país se compunha a maior parte das expedições que aportavam às praias brasileiras e iam povoando, pouco a pouco, este imenso território, disputando-o muita vez atrozmente a seus legítimos possuidores, que por tanto tempo gemeram sob o jugo iníquo do cativeiro.

Pouco avultavam, pelo meio dessa geral invasão, os sentimentos humanitários dos dedicado Nobrega e exemplar Anchieta,[77] esses verdadeiros apóstolos do Cristianismo.

XXIII

A sede de ouro, a ambição de domínio ou o caráter despótico dos que anelavam por um vasto teatro para nele representarem suas cenas, por vezes mais bárbaras que as dos próprios selvagens, atraíam então ao Brasil, com algumas exceções, os colonos, donatários, governadores, capitães generais e vice-reis. Conferia-se quase sempre (cremos que mais por ignorância do que por cálculo) a execução da lei, no interior, a homens brutais ou sanguinários que, arvorados da autoridade de *capitão-mor*, decidiam a seu livre arbítrio (como tivemos a infelicidade de testemunhar ainda em nossos dias na província de Pernambuco) da vida de honestos cidadãos, de virtuosos pais de família, que caíam em seu desagrado.

O nobre coração do príncipe regente D. Pedro[78] se havia bem compenetrado desta verdade, quando disse em seu *Manifesto*, de 6 de agosto de 1822: "Quando, por um acaso, se apresentara pela primeira vez esta rica e vasta região brasílica aos olhos do venturoso Cabral, logo a avareza e o proselitismo, móveis dos descobrimentos e colônias modernas, se apoderaram dela por meio de conquista, e

[76] Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877), António Feliciano de Castilho, 1º visconde de Castilho (1800-1875) e João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799-1854).

[77] Pe. Manuel da Nóbrega (1517-1570) e Pe. José de Anchieta (1534-1597).

[78] D. Pedro I (1798-1834), primeiro imperador do Brasil.

leis de sangue, ditadas por paixões e sórdidos interesses, firmaram a tirania portuguesa. [...] E porquanto a ambição do poder e a sede de ouro são sempre insaciáveis e sem freio, não se esqueceu Portugal de mandar continuamente bachás desapiedados, magistrados corruptos e enxames de agentes fiscais de toda a espécie, que no delírio de suas paixões e avareza despedaçavam os laços da moral assim pública como doméstica, etc."

Bem se vê, pois, que de tais homens não podia provir vantagem alguma para o progresso das ideias, e por conseguinte da educação da mulher.

Saber habilmente manejar os bilros, com que faziam grosseiras rendas, girar o fuso para reduzir o algodão ao grosso fio, pegar na agulha sem o conhecimento dos delicados trabalhos que dela se podem obter, conhecer o ponto da calda para as diferentes compotas e doces secos, laborar a lançadeira do tear, bambolear a pequena urupema e a fina peneira para preparar depois as massas, colorir as escamas dos peixes, ou adaptar as variegadas penas dos lindos pássaros tropicais à simetria das flores, que fabricavam com umas e outras, etc., tais eram geralmente as ocupações que revelavam o talento da jovem Brasileira.

As excelentes qualidades que se perpetuavam, muita vez, em algumas famílias patriarcais, atraindo-lhes a estima geral, permaneciam, entretanto, como o diamante não lapidado, ocultando o seu verdadeiro brilho.

XXIV

O Brasil, cuja importância aumentava de dia em dia pela sua população e pelas vantagens que ofereciam as suas copiosas minas e ricos produtos, permanecia ainda inteiramente dependente dos caprichos de Portugal, pigmeu insuflado de suas glórias passadas, conservando a vaidosa pretensão de continuar a reprimir o gigante, que a duas mil léguas parecia dormitar sob a pressão de suas pesadas cadeias!

A longa resignação de seus filhos, quase sempre preteridos quando em concorrência com os da metrópole na distribuição de suas graças, sempre submetidos ao despotismo, que invadia e devorava o mes-

mo campo da ciência, tal como o do conde de Resende, perseguidor atroz daqueles que, como nosso ilustre moralista marquês de Maricá,[79] se distinguiam nos trabalhos da inteligência, deixava Portugal laborar naquele erro, que tão fatal tinha de ser à sua prosperidade.

Sabe-se que nenhuma academia nem escola regular possuía a nossa terra até os princípios do presente século, onde os seus filhos, explorando com vantagem as ciências a que se dedicavam, pudessem obter um título que os distinguisse no mundo científico e literário.

Não somente para esse fim, como para terem conhecimentos exatos, até dos estudos preliminares, eram eles obrigados a ir em longínqua distância à metrópole. Se era isso uma medida política do seu governo, a nós não compete venti-lá-lo. Queremos somente concluir que nesse estado nenhum recurso podia o Brasil oferecer à mulher que desejasse cultivar a sua inteligência.

Embalde tentaria ela instruir-se em qualquer outra coisa, a não ser nas ocupações materiais da vida doméstica, porquanto as lições que recebiam algumas meninas, nas casas intituladas escolas – onde, sentadas por terra em pequenas esteiras ou toscos estrados, abrindo de vez em quando, sobre a almofada de renda ou de costura, que faziam com rigorosa tarefa, errados manuscritos, a cartilha do padre Inácio, que lhes iam materialmente explicando – eram tão mal dirigidas, e por vezes tão perniciosas, que tendiam antes a estreitar, do que a dilatar-lhes o espírito, a viciá-lo, antes do que enobrecê-lo.

XXV

As escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação. O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência!

[79] José Luís de Castro, 2º conde de Resende (1744-1819), quando vice-rei do Brasil (de 1790 a 1801), mandou prender Mariano José Pereira da Fonseca, marquês de Maricá (1773-1848), por este ser membro da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, suspeita de atividades políticas antimonarquistas.

Não era raro ver-se nessas escolas o bárbaro uso de estender o menino, que não havia bem cumprido os seus deveres escolares, em um banco, e aplicarem-lhe o vergonhoso castigo do açoite!

Se as meninas, que em muitos desses repugnantes estabelecimentos eram admitidas de comum com o outro sexo, ficavam isentas dessa sorte de barbaria, não deixavam entretanto de presenciá-la por vezes, e de receber uma impressão desfavorável, que muito concorria para enervar-lhes a delicadeza e modéstia, que de outra sorte dirigidas, tanto realce dão às qualidades naturais da mulher.

A palmatória era o castigo menos afrontoso reservado às meninas por mulheres, em grande parte, grosseiras, que faziam uso de palavras indecorosas, lançando-as ao rosto das discípulas, onde ousavam imprimir alguma vez a mão, sem nenhum respeito para com a decência nem o menor acatamento ao importante magistério, que sem compreender exerciam.

O sistema inquisitorial das torturas infringidas às inocentes vítimas do *Santo Ofício*[80], que sob outra forma e com diverso fim transpusera o Atlântico, presidia ao ensino da mocidade brasileira, ministrado por severos jesuítas ou por mestres charlatães, cujo mérito consistia em saber soletrar alguns clássicos portugueses, e assassinar pacificamente *Salustio, Tito Lívio, Virgílio e Horácio!*[81]

Esta inaudita e brutal severidade era sancionada por um grande número de pais cuja educação tinha sido assim feita, e cujo rigor doméstico não era menos cruel.

Com algumas modificações continuou, infelizmente, este regime muito tempo depois. Pais e filhos estavam ainda por educar, como se vê desta observação do Conde dos Arcos[82] a um mestre de escola da Bahia, que se lamentava do pouco resultado de seus grandes esforços para bem

[80] O chamado Santo Ofício ou Inquisição foi uma instituição formada pelos tribunais da Igreja Católica formada para julgar e punir, até com a morte, pessoas acusadas de cometerem heresias, isto é, de terem se desviado dos ensinamentos da Igreja. Em versões diferentes, perdurou do século XIII ao XIX.

[81] Romanos notáveis: Caio Salústio Crispo (86 a.C.-34 d.C.), escritor e poeta; Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.), historiador; Públio Virgílio Marão (70-19 a.C.), poeta; Quinto Horácio Flaco (65-8 a.C.), poeta e filósofo.

[82] D. Marcos de Noronha e Brito, 8º conde dos Arcos (1771-1828), nobre português, ocupou vários cargos na administração do Brasil, tanto no período colonial quanto no reinado de D. João VI.

dirigir a educação de seus discípulos: "Será preciso primeiramente educar os pais, para que se possa conseguir a boa educação dos filhos."

Não deixaremos, entretanto, passar esta observação, posto que justa, sem que acrescentemos outra; e vem a ser que não era a um filho do país, a quem o Brasil deve todos os seus erros e prejuízos, que cabia censurar uma falta dele procedente, e tão geralmente nele cometida.

Demais, o celébre introdutor das primeiras comissões militares no Brasil, digno sectário da doutrina de Hobbes[83], que pretende ser o despotismo ordenado pela religião, não devia censurar a falta de uma educação esclarecida, sem a qual, mais facilmente, os homens se submetem ao absolutismo de seus governantes.

XXVI

Quanto mais ignorante é um povo, tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder.

É partindo deste princípio, tão contrário à marcha progressiva da civilização, que a maior parte dos homens se opõe a que se facilite à mulher os meios de cultivar o seu espírito. Porém, é este um erro, que foi e será sempre funesto à prosperidade das nações, como à ventura doméstica do homem.

O país onde o soberano é mais absoluto é justamente aquele em que o seu poder está menos seguro. É esta a ideia do próprio Fenelon[84], depois de ter apoiado a aristocracia.

A força não pode nunca persuadir, mas sim fazer hipócritas.

Assim como um governo paternal é o mais próprio a fazer a felicidade dos povos, e a inteligência destes devidamente cultivada o melhor incentivo para o exato cumprimento de seus deveres, assim também a educação moral é o guia mais seguro da mulher, a estrela polar que lhe indica o norte, no frágil batel em que ela tem de navegar por esse mar semeado de abrolhos, a que se chama vida .

[83] Thomas Hobbes (1588-1679), matemático e filósofo inglês, autor do célebre *Leviatã ou Matéria, Palavra e Poder de um Governo Eclesiástico e Civil*, publicado em 1651.

[84] François de Salignac de La Mothe-Fénelon, ou François Fénelon (1651-1715), teólogo e escritor francês.

A falta de uma boa educação é a causa capital que contribui para que a mulher, no meio da corrupção da sociedade, perca esse norte, o qual não é outro mais que a moral.

Procurando-se sempre prender-lhe a inteligência, enfraquecer-lhe os sentidos, inabilitam-na para ocupar-se, como devia, antes de tudo do cuidado de purificar o seu coração, o que nunca poderá ela vantajosamente conseguir se a sua inteligência permanecer sem cultura.

Bem diversas desta doutrina são as de Rousseau e Gregory[85], quando lhe aconselham cultivar o gosto pelos adornos (que ambos pretendem ser natural às mulheres) e embelecer os dotes do corpo, tirando da beleza física e do artifício os meios para subjugar os homens.

Todos os que têm escrito sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não têm feito mais do que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza.

Mulheres assim educadas seriam próprias para fazer as delícias de qualquer epicurista em um harém, mas cremos que nenhuma de nossas Brasileiras amará semelhante existência, a não ser a que é indigna de outra melhor. Qual é aí o homem razoável e honesto que se contente de uma esposa que prefere passar no seio dos prazeres do mundo entregue às futilidades de uma vida de dissipação e indolência, antes que no empenho constante de reestabelecer seu direito aos gozos razoáveis e de ilustrar-se pela prática das virtudes que honram a espécie humana e contribuem para a felicidade?

XXVII

A mulher é como o homem, conforme se exprime o sublime Platão[86], uma alma servindo-se de um corpo.

É um absurdo pois, uma profanação mesmo, pretender-se que essa alma, obra-prima do Criador para o seio do qual tem de volver, consagre o corpo, que anima na rápida passagem desta vida, unicamente a fúteis adornos, a graças factícias, para deleitar as horas de ócio de

[85] Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo francês; Olinthus-Gilbert Gregory (1774-1841), matemático e astrônomo inglês.

[86] Platão (428-348 a.C.), filósofo grego.

uma criatura sua igual, que vemos ceder mais ao império dos sentidos que ao da razão.

Todos esses princípios subversivos, espalhados com tanta profusão por penas mais ou menos hábeis de pretendidos melhoradores da educação da mulher, confirmando o antiquado e funesto prejuízo de que ela deve somente aspirar ao império das graças exteriores, só tem feito com que se aumente o número, já tão considerável, de escravas, procurando iludir despóticos ou fanáticos senhores a fim de haverem pela fraude um cetro, que elas deveriam conquistar pela razão, se lhes deixassem a liberdade de aperfeiçoarem as suas faculdades morais.

A fraqueza física é um dos pretextos de que se prevalecem certos sofistas para subtraírem a mulher ao estudo, para o qual a julgam imprópria. Não é a natureza física, como pretende Helvecio[87], que faz a superioridade do homem, mas sim a inteligência. Voltaire, Racine, Pascal[88] e outros muitos de uma compleição demasiadamente delicada comprovam esta verdade. E a inteligência, que não tem sexo, pode ser igualmente superior na mulher, salvo a opinião de alguns materialistas cujo espírito fraco identificou-se, permita-se-nos a expressão, com o escalpelo afeito a revelar-lhes a organização animal, que não a inspirar-lhes os sublimes pensamentos de Duvernoy, Schoelein, Orfila e do eloquente Serres[89], quando na indagação dessa nobre ciência, que reclamam as dores físicas da humanidade, eles enlevam a alma de seus admiradores por suas filosóficas considerações.

Se a natureza deu à mulher um corpo menos robusto que ao homem, não tem ela por isso mesmo mais precisão do exercício de suas faculdades intelectuais, para que possa melhor preencher os deveres de filha, esposa e mãe, sem descer ao artifício?

---

[87] Claude Adrien Helvétius (1715-1771), escritor e filósofo anticlerical francês.

[88] Voltaire, pseudônimo de François-Marie Arouet (1694-1778), escritor, ensaísta e filósofo; Jean Baptiste Racine (1639-1699), poeta, dramaturgo e historiador francês; Blaise Pascal (1623-1662) matemático, filósofo e teólogo francês.

[89] Cientistas franceses reconhecidos na época: Georges Louis Duvernoy (1777-1855), zoologista; Johann Lukas Schoenlein (1793-1864), médico; Mathieu Joseph Bonaventure Orfila (1787-1853), médico; e Pierre Marcel Toussaint de Serres (1783-1862), professor de História Natural em Montpellier, ou Augustin Serres (1786-1868), embriologista (conforme nota de Peggy Sharpe-Valadares, na edição de 1989 da editora Cortez).

Porém, um erro ainda mais funesto vem, adornado dos atrativos que podem melhor lisonjear os sentidos e triunfar da razão, sobrestar os progressos da educação do sexo: é o axioma ridículo de que a fraqueza constitui um de seus primeiros encantos!

"A fraqueza pode excitar e lisonjear o arrogante orgulho do homem, diz uma célebre escritora inglesa, mas as carícias de um senhor, de um protetor, não satisfarão uma alma generosa que quer e merece respeito."

Não por certo; e o homem delicado e justo, compreendendo devidamente este respeito, sabe-o tributar à energia da razão que combate, e não à fraqueza que se humilha.

XXVIII

Repelindo com profunda indignação o princípio daqueles que apresentam a mulher naturalmente inclinada a fixar a atenção do homem pelas graças exteriores, incapaz de reflexão e apta somente para oferecer-lhe agradáveis passatempos, fazemos justiça à maioria dos nossos conterrâneos para pensar que não eles, mas somente os libertinos podem assim agredir os domínios da razão e profanar a dignidade da virtude. Destes temos piedade, porque passam por esta transitória vida envolvidos na densa atmosfera das paixões sensuais, sem que os seus olhos descortinem jamais o radiante sol da verdade.

Se todos os homens, porém, tivessem o espírito justo, como pensa Helvecio, veríamos nós, todos os dias, o grande edifício social ameaçado aqui e ali de desabar sobre os seus mais bem fundados alicerces? Se assim fosse, qual teria sido o fim de Aristóteles, dando-se ao trabalho de compor sua Lógica, tão preciosa e tão útil ao esclarecimento das ideias e à perfectibilidade da razão? E para que ainda precisariam os homens do estudo da filosofia, que infelizmente tão poucos aprofundam e praticam?

Não compartindo a doutrina de Helvecio sobre a igualdade da inteligência em todos os homens, sabemos que todas as mulheres não podem ser igualmente instruídas, ainda mesmo quando a todas se proporcionasse os meios de cultivar o seu espírito: o que preten-

demos é possível, justo e de rigorosa necessidade, isto é, que todas sejam bem educadas, em suas respectivas situações.

A nossa digressão parecerá talvez longa, mas não estranha ao objeto que nos ocupa. Tomemos, pois, o fio de nossa análise sobre a educação de nossas mulheres, e transpondo os tempos coloniais falemos primeiramente de um grande extraordinário acontecimento, que veio mudar a categoria do Brasil, mas não a sorte de suas mulheres.

XXIX

A nação da Europa, que se tem como que constituído o termômetro das ideias políticas de quase todos os povos modernos, levantava-se, ainda gotejante de sangue, do tenebroso pélago[90] em que a haviam engolfado os prejuízos e as tiranias passadas, para elevar-se, sob o braço déspota do maior guerreiro dos tempos modernos, ao ponto mais culminante do poder e da glória que jamais têm dado as armas em nossos dias.

Estava marcado pela Providência que o longínquo Brasil, sofrendo tão cristãmente as dores da pesada cadeia que lhe arrochava os fortes pulsos, participaria da influência daquele acontecimento por um modo indireto e benéfico.

Uma lava do vulcão da Córsega, cuja erupção ameaçava derrubar todos os tronos da Europa, descendo a Portugal, estendeu essa influência até as hospitaleiras praias do Brasil, o qual abriu generosamente seus braços e seus tesouros à Família real, que vinha procurar um asilo em seu seio.

Uma coroa europeia brilhou sob o fulgurante sol americano; o aparatoso fasto de uma corte desdobrou-se na capital do Brasil; seus portos, fechados até então ao estrangeiro, lhe foram para logo franqueados, e o nome de reino substituiu depois o de colônia, tão indevidamente conservado à vasta terra de Santa Cruz. Alguns melhoramentos se operaram em diversos pontos, criaram-se tribunais, escolas, academias etc. etc. sob a digna administração do ilustrado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, mas a educação da mu-

[90] Abismo, profundidade, abismo oceânico, alto-mar. A autora usa em sentido figurado.

lher permaneceu como nos férreos tempos coloniais, isto é, entregue aos cuidados de ineptos pedagogos femininos, ou à direção das mães no seio da família, onde a menina aprendia tudo, menos o que pudesse torná-la digna mais tarde de ser colocada na ordem de mulher civilizada.

O Brasil tinha já fornecido grande cópia de homens ilustrados pelos conhecimentos adquiridos em diferentes universidades da Europa, e a maior parte das Brasileiras (mesmo as das primeiras cidades) não logravam a vantagem de aprender a ler!

Dizia-se, geralmente, que ensinar-lhes a ler e escrever era proporcionar-lhes os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se sempre que a costura e trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias da mulher. Este prejuízo estava de tal sorte arraigado no espírito de nossos antepassados que qualquer pai que ousava vencê-lo e proporcionar às suas filhas lições que não as daqueles misteres, era para logo censurado de querer arrancar o sexo ao estado de ignorância que lhe convinha!

É esta uma das censuras que fazemos aos homens do passado sem receio de desagradar aos do presente; porque, salvas honrosas exceções, todos assim pensam ainda, não obstante muitos terem trocado o papel de completa ignorância que representavam suas filhas pelo de uma instrução superficial e mal dirigida, que tende a viciar o espírito sem nada deixar-lhe de sua simplicidade primitiva, como demonstraremos quando chegarmos ao ponto de nossa educação atual.

XXX

Era quase geral a opinião, como dissemos, que a instrução intelectual era inútil quando não prejudicial às meninas; mas é porque aqueles que propalavam tão absurdo princípio não faziam esta simples observação, posta ao alcance da inteligência ainda a mais míope, e para a qual lhes não era preciso revolverem a história dos outros povos: as mulheres brasileiras, baldas de toda a sorte de instrução, eram elas citadas como as mais virtuosas e severas nos princípios morais? Subtraíam-se assim melhor a cilada das seduções armadas à inexperiência ou à credulidade do sexo?

Se assim tivera sido, se a estatística das faltas cometidas pelas mulheres devidamente instruídas fosse mais numerosa que a das outras, certo que não hesitaríamos em ser do número dos apologistas da ignorância da mulher; porque, sendo a beleza da virtude a que mais atrai e extasia a nossa alma, nós preferiríamos adorá-la, envolvida mesmo no grosseiro manto da ignorância, a gozarmos de todas as vantagens que a civilização oferece do alto de seu rico e deslumbrante pedestal.

Mas todos sabem, a não serem os povos selvagens, que é um paradoxo, e paradoxo ridículo, avançar-se que a ignorância é o melhor estado para o desenvolvimento das virtudes morais.

Ouvimos sempre bradar contra o progresso dos vícios que a civilização traz, mas é porque não se quer atentar para os que praticaram e praticam todos os povos, não diremos selvagens, que vivem no pleno estado da natureza, mas os que, ligados por vínculos sociais, viviam e ainda vivem sem o influxo benéfico dessa poderosa regeneradora do espírito humano.

Data de tempos imemoriais o costume dos velhos, esquecidos das faltas de sua mocidade, censurarem acrimoniosamente as da mocidade atual, preconizando aquela entre a qual outrora viveram. Assim também acontece aos povos que se vão libertando do império da ignorância; hoje olham alguns como erro o que faziam por dever os seus antepassados. Os homens foram sempre os mesmos, a diferença está nas circunstâncias e no modo com que eles praticam as ações, moldando-as à época em que vivem, à educação que recebem, ao grau de civilização mais ou menos considerável que os vai polindo.

Ninguém mais do que nós ama a antiguidade e se entusiasma pelos grandes feitos, que nela se praticaram, pelos insignes gênios, que a enobreceram: mas quando vemos entre nós o vício premiado e a virtude oprimida ou desprezada, não somos daqueles que lançam o anátema da maldição sobre as gerações presentes crendo-as inficionadas de vícios por elas inventados, quando são eles somente a reprodução dos que em maior escala cometeram as gerações extintas.

Uma só coisa censuramos às atuais gerações, e muito particularmente à nossa: é o não tirarem da experiência, que nos fornecem

os erros de nossos antepassados, o antídoto precioso para minorar os nossos. Do número desses erros é o que nos inspirou este escrito.

XXXI

Já vimos a dissolução ou inércia em que caíram os povos que mais têm desprezado ou mal dirigido a educação da mulher; e continua-se entretanto a olhar essa artéria vital da morigeração dos povos, senão com a mesma incúria revoltante de outrora, sem o firme propósito de incluir a reforma de sua educação nos importantes melhoramentos que ocupam atualmente os Brasileiros.

Aqueles, que se contentam de caminhar vagarosamente quando as locomotivas transpõem o espaço com incrível velocidade, poderão dizer-nos que, há muitos anos, possui o Brasil estabelecimentos pagos pelo governo para instrução primária das meninas. Sabe-se a época em que esses informes estabelecimentos começaram de aparecer entre nós sob o nome de *escolas régias*. Eram porém sumamente raros; e quanto às habilitações intelectuais das professoras que os dirigiam, podem ser aquilatadas pelas que apresentam as de hoje no simples interrogatório, a que se chama entre nós exame público pelo qual passam as pretendentes às cadeiras de ensino primário em nossa terra.

Se ainda vemos a maior parte desses lugares preenchidos por mulheres cuja principal habilitação consiste no patronato dos que as admitem nele, hoje que se vai crendo finalmente que as meninas devem aprender alguma coisa mais além dos trabalhos materiais, qual não seria a ignorância das *mestras* primitivas, a quem se confiava a tarefa de instruir o sexo?

Daí o descrédito em que caíram as escolas públicas de instrução elementar, frequentadas somente, ainda hoje, por meninas a cujos pais falecem os meios de as mandar às escolas particulares, posto que, em geral, as diretoras destas não sejam mais capazes de corresponder à sua expectativa

Mas ao menos estas se esforçam por adquirir uma reputação, de que depende o progresso de seus estabelecimentos, enquanto que as outras, certas do ordenado que percebem, sem embargo do número

de alunas, não curam de aumentar essa reputação, que julgam além disso ter bem firmado perante o ilustrado auditório que assistiu a seus exames.

Falai a algumas dessas professoras sobre o exame, que as fez julgar superiores às candidatas em concorrência, e vereis com que fatuidade atribuem o seu triunfo ao grande estudo a que se deram das matérias exigidas pelos *austeros* examinadores. Esquecidas das proteções a que recorreram, as *Bachellery, Ste. Claire, Lahaye*[91] etc. de nossa terra ostentam tudo quanto podem ostentar as examinandas do *Hotel de Ville e da Sorbonne*[92], menos a sua instrução.

Com efeito não pudemos deixar de corar pela nossa instrução pública, quando quisemos estabelecer um ponto de comparação entre os exames de nossas professoras e os, a que assistimos naqueles lugares, das mulheres que se propõem a exercer o magistério na França.

E pois, como esperar que aquelas, a quem faltava sólida instrução das disciplinas que tinham de ensinar, pudessem preencher o fim para o qual o governo as nomeara, e apresentar, como deviam do ensino primário, um resultado capaz de servir de base a estudos mais elevados? Mas devemos admirar-nos disso, quando grande parte dos professores do mesmo ensino se achava em idênticas circunstâncias? Não vemos nós ainda alunos, que passam para estudos superiores, escreverem com péssima ortografia, estropeando as regras da gramática e cometendo erros de dicção, que fariam rir os alunos das escolas primárias dos países onde o estudo da língua materna é considerado como primeiro na escala dos conhecimentos humanos?

O desleixo, em que continuava assim o ensino público, estava porém de acordo com os princípios da metrópole, que regia ainda então o Brasil. Era natural que as suas mulheres participassem de sua sorte, e com ele aguardassem um melhor futuro, confiados uma e outra nos inexauríveis recursos que lhe prodigalizara a natureza, e

[91] Nomes de educadoras francesas, entre elas Joséphine Bachellery (1803-1872), autora de *Lettres sur l'éducation des femmes* (1848), entre outras obras.

[92] Place de l'Hôtel-de-Ville é o Paço Municipal de Paris, que abriga as instituições governamentais municipais; Sorbonne é a Universidade de Paris, considerada uma das melhores do mundo, originada no Colégio de Sorbonne e fundado no século XIII.

no amor de seus filhos, desenvolvido sob a influência da brilhante aurora de progresso, que se levantou para o presente século.

Passemos a considerar se a sua expectativa tem sido ou não iludida.

XXXII

Uma grandiosa época preparava-se de há muito ao Brasil, época de regeneração e de glória para os povos que longo tempo gemeram sob a brônzea mão do despotismo estrangeiro, sem que este conseguisse nunca extinguir-lhes no coração uma centelha só do sagrado fogo da liberdade.

O brado elétrico de independência, havia tanto contido nos peitos brasileiros, saiu enfim do nobre peito d'Aquele que compreendeu e sustentou então os direitos de um povo sofredor, pleiteados entre outros pelo ilustre Andrada[93], o escolhido da Providência para representar nas gerações futuras do Brasil o patriarca de sua independência.

O nome de um príncipe herói estampou-se no alto dessa página dourada de nossa história, e os venturosos campos do Ipiranga repetirão sempre ufanos o eco desse brado enérgico, que nos trouxe uma nova existência e que tão arrefecido se solta hoje entre nós!

Muito teria podido fazer em prol da educação da mulher D. Pedro I, em cujo coração superabundavam amor e entusiasmo pelas grandes e difíceis empresas; mas uma triste fatalidade pesava sobre a sorte das nossas mulheres, e outras ocupações, outros fins, outro destino estavam reservados ao célebre fundador do Império Brasileiro...

Homens, chamados então os homens do progresso, prometiam ao Brasil os mais vantajosos resultados na mudança política que premeditavam, sem refletirem que os progressos e a felicidade de um povo não podem jamais ser baseados em um grande ato de ingratidão...

Após esse ato deu-se outro, que melhor caracterizava, em sua organização política, o povo descendente do que mandara ao desterro Pombal[94], o maior de seus estadistas, a mais profunda de suas inteli-

[93] José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), estadista brasileiro, conhecido como o *Patriarca da Independência*.

[94] Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal e Conde de Oeiras (1699-1782), atuante e controverso estadista português, foi condenado ao desterro em 1781.

gências. Ingratidão semelhante à que oprimiu o grande ministro, que deu nome a um rei e glória a uma nação, veio lançar negra tarja nas primeiras brilhantes páginas da história de nossa Independência, e suspender os voos do gênio brasileiro, que entre as suas altas concepções pela felicidade de nossa terra não teria deixado de incluir o plano de uma reforma na educação da mulher.

Mas o brilhante planeta paulistano, que havia indicado ao Príncipe o caminho da glória e guiado o Brasil à sua emancipação, descrevia a sua órbita entre opacos planetas os quais interceptaram a sua luz, quando dela mais precisão tinha o nosso corpo político. E o sábio, a quem D. Pedro, confiando a guarda de seu imperial filho, nos dolorosos momentos de sua separação, havia feito esquecer o desterro a que o mandara, foi, pelos seus próprios conterrâneos, arrancado do seu digno posto e exilado para aquela ilha, que gozará de justa celebridade quando os Brasileiros souberem celebrar tudo o que diz respeito a seus grandes homens.

Por agora, consolamo-nos do revoltante esquecimento em que parece entre nós submergido o grande nome de José Bonifácio de Andrada, lembrando-nos dos elogios que tivemos o prazer de ouvir tecerem-lhe alguns sábios da Europa. O grande estadista, o profundo filósofo, o suave poeta septuagenário tem o seu nome escrito pela severa mão da história nas páginas imortais da posteridade: os homens do porvir o vingarão do indiferentismo antinacional dos homens do presente.

XXXIII

Desde 1831, goza o Brasil de um governo inteiramente nacional, o que parecia ser o alvo para onde convergiam os seus mais ardentes anelos. É, pois, sob este governo que devemos criticar os progressos de nossa educação física e moral, quer doméstica quer pública, incluindo nesta a que se ministra nos intitulados, entre nós, colégios particulares.

Todos os homens conscienciosos de nossa terra conhecem de há muito a necessidade urgente de uma completa reforma no sistema de educação da nossa mocidade. Muitos lamentam os erros e os

prejuízos das antigas doutrinas que, menos ostensivas porém quase geralmente, continuam, ainda em nossos dias, a dominar nas escolas do Brasil.

Entretanto, reconhecemos que o espírito de nossa sociedade de hoje não é o mesmo da de outrora. A maior parte dos pais (digamo-lo, em abono do progresso de nossa civilização) já não vê, como então, nos bárbaros castigos escolares um meio necessário para os bons resultados da educação de seus filhos. A maior parte, dizemos, porque alguns não somente toleram ainda que homens sem princípios e de medíocre saber, arvorados entre nós em diretores de casas de educação, imprimam a mão na face de seus filhos, mas até exigem que os tratem com todo o rigor para puni-los de suas desobediências domésticas, não sentindo a humilhação que há em constituir um estranho castigador de erros que somente eles deveriam ter sabido corrigir.

Temos ouvido, mais de uma vez, pais de família, mesmo nas classes elevadas da sociedade, em que muitos sabem fazer-se obedecer por subalternos seus, confessarem às pessoas a quem confiam a educação de seus filhos que, não podendo contê-los no cumprimento de seus deveres, esperam obter por meio delas este resultado. A fraqueza, que os faz assim perder a força moral junto a essas tenras criaturas confiadas por Deus a seus cuidados, é tão repreensível e desairosa que não precisa de comentário.

Pais como esses podem ser comparados ao sadio e vigoroso dono de um terreno fértil, mas inculto pela preguiça de seus braços, que vai pedir ao seu vizinho, a quem falecem iguais vantagens, o alimento necessário para a vida.

E quais são, em geral, essas pessoas encarregadas da difícil missão de corrigirem erros inteiramente negligenciados pelos pais e ampliados pelo contato de uma sociedade onde o respeito pela inocência é ainda tão pouco compreendido? ... Quais as casas de educação cujo regime e instituições, baseados na previdência esclarecida do governo e no bom senso dos pais, possam garantir a educação radical da juventude? Não se tem visto, mesmo nesta corte, diretores dessas casas, transpondo todas as metas de seus deveres, profanarem o mais sagrado princípio do magistério, sem que de tão criminosa conduta

lhes provenha nenhum prejuízo mais que o de verem eliminado o nome de um ou outro aluno do livro de sua receita?!

E é tal a hospitalidade dos Brasileiros para com os estrangeiros que até no ponto de mais transcendente interesse da educação as faltas destes são mais toleradas que as dos próprios nacionais.

XXXIV

Nenhuma lei geral tendente à investigação dos colégios particulares foi ainda promulgada pelo governo; nenhuma medida tomada para que o ensino da nossa mocidade seja convenientemente dirigido.

Uma casa de educação entre nós é, em geral, uma especulação como qualquer outra. Calcula-se, de antemão, o número dos alunos prometidos, ou em perspectiva, as vantagens que podem resultar de uma rigorosa economia, em que por vezes a manutenção daqueles é comprometida. Fazem-se ostensivos prospectos, e conta-se com a credulidade do público, sempre solícito em acolher, sem exame, tudo o que tem a aparência de novidade e de ostentação.

À parte as devidas exceções, as nossas casas de educação são dirigidas por pessoas sem a atitude necessária ao desempenho do mais melindroso emprego entre os povos civilizados. Muitas dessas pessoas aportam às nossas praias com o fim de especularem no comércio; vendo depois frustrados os seus planos de interesse nessa carreira, lançam mão do ensino; e ei-los metamorfoseados de negociantes e até mesmo de artesãos em preceptores da mocidade brasileira, afetando para com os pais de família uma distinção e sabedoria que nem a natureza nem a educação lhes dera, mas cuja reputação, aparatosas casas, enfáticos anúncios e pretensiosas promessas sustentam e propagam.

Apreciamos em subido grau os talentos dos estrangeiros; quiséramos mesmo poder reunir em nossa terra todos os que estivessem no caso de instruir-nos e utilizar-nos com os seus conhecimentos, de que tanta precisão tem o nosso povo. Mas quais são aqueles que justamente merecem, por esse lado, a nossa consideração? Poucos,

muito poucos, e estes são os primeiros a concordarem conosco nesta verdade.

Vivemos algum tempo na Europa e sabemos que as pessoas ali reputadas de letras e habilitadas para o magistério têm sempre em que se empreguem com mais ou menos vantagem. A ideia de deixarem o seu país para virem instruir a nossa mocidade jamais lhes ocorreu, e se por imperiosas circunstâncias alguma a concebe, para logo a abandona, como aconteceu ao distinto poeta e literato A. F. de Castilho[95]: porquanto o mesmo Portugal, em sua decadência, compreende hoje quanto é desairoso a uma nação deixar emigrar, por escassez de recursos, os gênios que a ilustram.

Se algum motivo político os expatria, passam de uns a outros países da Europa, e quando demandam à América, preferem quase sempre os Estados Unidos porque lá encontram a par de espíritos que melhor os sabem apreciar, uma sociedade que lhes fala dos bens que na sua perderam. Para o Brasil o interesse material, e somente ele, conduz em geral o estrangeiro, a não serem os curiosos viajantes e naturalistas, cujo amor da ciência os indeniza, no meio de nossa pomposa natureza, da falta da civilização europeia.

XXXV

Em todos os pontos do Brasil, qualquer homem ou mulher que saiba ler, embora não seja no português classicamente belo de A. Herculano[96], e tem meios de montar uma casa de educação, julga-se para logo habilitado a arrogar o título de diretor de colégio, *caricaturando* o que na Europa ilustrada assim se denomina. Nenhum exame, em regra, se exige desses educadores da juventude, que terá de fazer um dia a glória do nosso país; eles ensinam pelos compêndios que querem, instituem doutrinas à sua guisa. O pedante goza das mesmas garantias, e quase sempre de maiores vantagens que as inteligências superiores.

[95] António Feliciano de Castilho, 1º visconde de Castilho (1800-1875), escritor e pedagogo.

[96] Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877), escritor, historiador e jornalista português. Autor da obra *Eurico, o presbítero*, entre outras.

Seria difícil explicar vantajosamente a negligência com que um governo ilustrado deixa praticar, assim, abusos que tanto se opõem a nossa futura prosperidade. E enquanto vemos os nossos legisladores debaterem meses e anos sobre diversos melhoramentos do país, uma só voz não se levanta enérgica do meio dessa ilustrada corporação para reclamar sérias medidas tendentes à reforma da educação da nossa mocidade!

Sempre que brilha um novo dia, e que nos bate a porta o *jornal*, apoderamo-nos com solicitude dessa folha e avidamente percorremos a sessão das Câmaras do dia antecedente em procura do assunto que temos escrito no coração e no espírito – a educação da mulher brasileira –, e dobramos a folha desconsolados e aguardamos o dia seguinte, que se escoa na mesma expectativa, no mesmo desengano!

Tem-se tratado de muitas coisas, menos disso; disso que merece incontestavelmente a mais circunspecta atenção dos homens pensadores.

Um dia raiará mais propício para nós, em que os escolhidos da nação Brasileira se dignem de achar a educação da mulher um objeto importante para dele ocuparem-se, com a circunspecção que merece.

Entretanto lancemos os olhos para o que se acha atualmente feito pelo governo em favor do ensino primário das nossas meninas.

XXXVI

Pelo *Quadro demonstrativo do estado da instrução primária e secundária das províncias do Império e do município da Corte, no ano de 1852*, vê-se que a estatística dos alunos, que frequentaram todas as aulas públicas, monta a 55.500, número tão limitado para a nossa população; e que neste número apenas 8.443 alunas se compreendem!

Bastará refletir nesta desproporção, para julgar-se do atraso em que se acha a instrução do sexo, tão mal aquinhoado na partilha do ensino pago pelo governo. Nenhuma proporção há, como vamos ver, entre as escolas primárias de um e de outro sexo.

Na província de Minas, onde a instrução se acha mais geralmente difundida, entre 209 escolas de primeiras letras, só 24 pertencem ao sexo feminino! Considerando-se essa tão desproporcional diferença, o

sexo parece permanecer ali debaixo da influência do anátema, que fulminara sobre ele um dos mais notáveis presidentes daquela província. Tratando das cadeiras públicas de ensino primário, dizia ele que: *deve-se ensinar às meninas tudo quanto convém que saiba uma mulher, que tem de ser criada de si e de seu marido*. Esse severo administrador abstraiu, por sem dúvida do século em que falava, ou confundiu um povo livre, o digno povo mineiro, com a malfadada população de escravos, que infelizmente o Brasil contém em seu seio!

Na ilustrada Bahia, de 184 escolas primárias, 26, somente, são de meninas. Menos egoísta para com o sexo a sua rival na glória, o heroico Pernambuco, fiel a suas tradições, lhe sobressai em equidade, pois que de 82 escolas, 16 pertencem ao sexo feminino.

A província do Rio de Janeiro, com 116 escolas, dá ao sexo 36. No município da Corte, a sede do governo imperial, onde devia-se mais facilitar a instrução do povo, acham-se apenas criadas nove aulas de meninas!

As demais províncias apresentam proporcionalmente a mesma escassez de recursos para o cultivo da inteligência da mulher, e algumas há cujo estado de instrução pública não chegou ainda ao conhecimento do governo geral.

Acrescentemos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão dos métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas, e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações, e teremos, reduzido à expressão mais simples, o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe.

XXXVII

No último relatório do ministro do Império, dando conta à Assembleia Geral da comissão de que fora encarregado às províncias do Norte o nosso distinto poeta Gonçalves Dias[97], achamos uma prova do que acabamos de expender: "A desarmonia em que se acham as

[97] Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), poeta, teatrólogo, advogado e jornalista, foi um grande expoente do romantismo brasileiro. Autor de *Primeiros cantos* e do célebre poema épico indianista *I-Juca Pirama*.

disposições legislativas de cada província relativas a tão importantíssimo objeto, a deficiência do método no ensino das matérias, a multiplicidade e má escolha de livros para uso das escolas, o programa de estudos nos estabelecimentos literários, a insuficiente inspeção em alguns lugares e a quase nenhuma em outros, e, finalmente, a pouca frequência e assiduidade dos alunos, são outras tantas causas desse estado tão pouco próspero...

.....

De tudo isto resulta a necessidade de uma reforma radical na instrução pública, dando-lhe um centro de unidade e de ação que a torne uniforme por toda a parte, e vá gradualmente extirpando os vícios e defeitos que tem até aqui obstado ao seu progresso e desenvolvimento".

Todavia, apesar deste e outros documentos oficiais, apesar do quanto se tem dito a respeito dos obstáculos que retardam os progressos do nosso ensino público, muitas pessoas recreiam-se aplaudindo a admirável rapidez com que marcha a civilização entre nós.

– Grande progresso tem feito a educação em nossa terra, dizem os que confundem de ordinário a instrução com a educação, a licença com a civilização! Possuímos na Corte grande número de colégios, donde saem cada ano jovens suficientemente instruídas e falando diversas línguas; vê-se multiplicarem-se os bailes, e uma infinidade de pais conduzirem, sem reserva, a eles suas famílias já sem o ridículo escrúpulo de outrora, que os fazia olhar essas *brilhantes* reuniões como um escolho onde naufragava a virtude; não há representações de teatro e dança, por mais livres que sejam, onde se não tenha o prazer de contemplar, hoje, o *belo* sexo tomando parte no interesse dos espetáculos, sempre aplaudidos pelo nosso *ilustrado* público; a nossa mocidade já não precisa, para distinguir-se no *mundo*, de moldar suas ações pelas de nossos antepassados, que mais mereceram os respeitos e os encômios de seus contemporâneos.

Nós, porém, que não costumamos julgar da educação e dos progressos de qualquer povo pelas numerosas instituições de bailes, nem pelo desprezo da mocidade pelas coisas mais respeitáveis, iremos por diante em nossa ligeira análise, estendendo-a a todo o Brasil, em muitos lugares do qual as gerações se vão ainda sucedendo, sem alteração sensível de progresso.

XXXVIII

Quando o mesmo governo confessa, à vista de provas autênticas, *ser por toda a parte do Brasil pouco lisonjeiro o quadro que apresenta o estado da instrução pública*, devemos nós regozijarmo-nos da marcha progressiva de nossa civilização? Cometeríamos um grande ato de injustiça se, como aqueles seus apologistas, deslumbrados da perspectiva fosforicamente brilhante das reuniões de nossas capitais, entre as quais tanto sobressaem as desta Corte, *foco* da civilização brasileira, esquecêssemos as nossas meninas do interior das províncias, condenadas ainda à sorte de suas mães sob o regime colonial.

Demais, sem precisar ir longe da capital do Império, não se vê ainda em algumas casas a mulher tal qual a descreveu Ferdinand Denis[98], quando viajou entre nós? Depois de falar dos melhoramentos da sociedade do Rio de Janeiro diz ele: "Si nous descendions de nouveau dans "l'intérieur des maisons brésiliennes, nous verrions qu' au fond du sanctuaire de famille, à l'ombre des anciens penates, se conservent encore la plupart des vieilles coutumes. Là, on voit faire encore la sieste, pendant des heures, sans que l'activité toujours croissante des Européens change rien à cette coutume; là, les dames brésiliennes qui ont paru à l'église vêtues de nos modes françaises retrouvent le Costume brésilien..... Rarement assise, presque toujours accroupie sur les talons, la dame brésilienne fait de la dentelle, comme on en fabriquait au seizième siecle. Elle donne des férules à ses négresses, etc. etc."[99]

Insistamos, portanto, em clamar energicamente contra a escassez de meios de educação, que assim expõe grande parte de nossas mulheres a merecer tão acre censura!

---

[98] Jean-Ferdinand Denis (1798-1890), escritor e historiador francês especialista em História do Brasil.

[99] "Se nos voltássemos ao interior das casas brasileiras, veríamos que, no fundo do santuário da família, à sombra dos antigos lares, a maior parte dos velhos costumes ainda permanece. Lá, ainda se pode fazer a sesta, durante horas, sem que a atividade sempre crescente dos europeus mude algo nesse costume; lá, as mulheres brasileiras que apareceram na igreja vestidas com nossas roupas francesas, retomam o vestuário brasileiro..... Raramente sentada, quase sempre agachada nos calcanhares, a brasileira faz rendas, como se fazia no século XVI. Ela bate com palmatória em suas negras, etc., etc."

A desproporção que demonstramos haver entre as escolas públicas de ensino primário apresenta-se mais considerável, ainda, nos estabelecimentos particulares de merecido renome, quer na Corte, quer fora dela.

Não somente os que pertencem ao sexo são em muito menor número, mas também não oferecem geralmente um estudo regular do ensino secundário, ensino vedado, ainda hoje, às nossas meninas em estabelecimento público; e nos particulares nenhuma aula existe de alguns dos ramos das ciências naturais, cujo estudo tão agradável e útil seria às mulheres, que nascem, vivem e sentem no meio da nossa rica natureza tropical.

Com grande prazer vamos vendo muitos dignos brasileiros, animados hoje do verdadeiro espírito de progresso, irem triunfando do indiferentismo e apatia de seus antepassados para se porem à frente do ensino da mocidade, em diversos pontos, principalmente desta província e da de Minas. Congratulamo-los por tão nobre empresa, e fazemos sinceros votos pelos prósperos resultados de sua louvável dedicação. Mas não podemos deixar de sofrer quando, enumerando esses novos estabelecimentos, nenhum encontramos pertencente ao sexo feminino!

Nestas províncias, encontram já meios de instruir-se em diversos ramos do ensino os rapazes, que outrora iam com mais ou menos dificuldades procurá-lo longe de suas famílias; entretanto, as meninas, cujos pais por justas considerações não ousam aventurá-las em uma longa ausência de suas vistas, acham-se ainda privadas dessa vantagem!

Os provincianos, mormente os que viveram algum tempo na parte mais ilustrada da Europa, deveriam desprezar destarte a educação da mulher? Alguns, possuindo grande fortuna, não poderiam em suas respectivas províncias obviar-lhe os males provenientes da falta de educação, atenuando, senão preenchendo em geral, a lacuna deixada pelo governo!

Entregamos à consideração dos mais cordatos e amigos do progresso este expediente, aliás de tanto momento para as províncias a que se prezam de pertencer.

XXXIX

Falamos conscienciosamente das causas que estorvam os progressos de nossa educação concernentes à negligência dos governantes e à inaptidão da maior parte dos encarregados do ensino de nossa mocidade. Da mesma sorte o faremos agora a respeito dos pais de família, a cujo bom senso recorremos como a uma âncora de salvação, para subtrair as gerações nascentes ao naufrágio de que as ameaçam, apenas saídas do porto, os princípios subversivos e funestos inculcados à infância.

Enquanto os homens do poder se ocupam dos melhoramentos materiais, esperamos confiantes daqueles um remédio mais pronto e, porventura, mais profícuo ao nosso melhoramento moral.

A leviandade, comum a quase todos os povos, de julgarem as coisas pela aparência, tem grande elastério entre nós. Apesar de nos ter a experiência inúmeras vezes mostrado quanto há de perigoso nesta leviandade, nenhuma precaução tomamos para triunfar dela, ao menos naquilo que tanta influência pode ter no porvir de nossos filhos.

O geral dos pais avalia quase sempre a excelência do estabelecimento, onde manda educar suas filhas, pelo grande número de alunas que contém. Ouvimos por vezes dizer-se: *o colégio em que está minha filha é excelente, tem muitas meninas*: sem importar saber se essa afluência é devida às condições materiais do estabelecimento e ao atrativo sempre poderoso de ostensivas promessas, ou ao mérito real da pessoa que o dirige.

Conhecemos outrora uma diretora que, não querendo fazer conhecido, por fúteis exteriores, o seu gosto pelo magistério, grandes dificuldades teve a superar para colocar-se, como depois se achou, à frente de um dos mais frequentados estabelecimentos desta Corte. Impelida então pelo desejo de acelerar os progressos de suas alunas, ela fixou um certo número, não admitindo outras sem vagar algum dos lugares preenchidos. Este procedimento admirava em extremo a todos de quem era conhecido, pois não se compreende que no magistério deve haver um interesse mais nobre que o do miserável ganho pecuniário, interesse colocado pelos verdadei-

ros amigos da educação da mocidade à frente de todas e quaisquer outras considerações.

Para que uma diretora hábil e solícita possa obter grandes resultados da educação física e moral de suas alunas, será preciso que o número destas se conforme com o tempo que ela pôde dar-lhes, velando por si mesma todo o ensino, o que uma substituta não poderá fazer tão completamente como ela.

Daí, a vantagem que achamos na educação dirigida pelas próprias mães, quando estas possuem os predicados para bem desempenharem tão difícil tarefa.

XL

Sempre divergimos dos que preferem a educação pública à particular, para as meninas principalmente. Não desconhecemos a vantagem da tão preconizada emulação das classes como incentivo necessário aos progressos dos estudos; mas como pouca diferença haja aparentemente da emulação à inveja, e mais pouca atenção ainda se tenha em fazer os discípulos discriminarem aquela virtude deste vício, muita vez confundidos em certos espíritos, não quiséramos expor as nossas meninas às fatais consequências de uma paixão, que tem por mais de uma vez funestado a existência da mulher.

Poucas diretoras sabem inspirar a emulação a suas alunas, conduzindo-as com esclarecida prudência pelo declive perigoso das raias da inveja, de sorte a garanti-las de resvalarem em seus funestos domínios; porém, mais poucas são, ainda, as discípulas capazes de compenetrar-se da utilidade de uma, e das tristes consequências da outra, sujeitas como elas se acham às duas tão opostas atmosferas em que respiram a família e o colégio.

"A emulação, diz um escritor moralista, é uma paixão nobre e generosa, que só tem por objeto a virtude; assim, não tende ela a rebaixar os outros, nem a desmerecê-los; sem querer que sejam menos estimáveis, exprobra-nos o intervalo que medeia entre eles e nós; se é suscetível de mau humor, falo-nos sentir somente, sem rancor aos que nos excedem. A inveja, pelo contrário, é uma paixão baixa e ignó-

bil, que, por seu amargor, corrompe a virtude: desejando manchar o lustre das boas ações com um sopro peçonhento, a inveja aspira subir para ver os outros inferiores. A primeira é uma filha do céu e um resto da grandeza para que nascera o homem; a outra, um fruto do inferno e do demônio, que se perdeu a si por ela, servindo-se desse veneno contagioso para perder o primeiro homem".

E pois, como além de temermos esta arriscada alternativa, estamos intimamente convencidos de que nenhuma diretora poderá fazer de nossa filha aquilo que nós poderíamos conseguir fazer, decidimo-nos pela educação feita, sob o teto paternal, pelas mães em condições apropriadas. Para o que desejaríamos proporcionar a todas conhecimentos, aptidão e gosto para preencherem elas mesmas, como deveriam, a honrosa e sublime missão de preceptoras de suas filhas.

Uma mãe bem-educada e suficientemente instruída para dirigir a educação de sua filha obterá sempre maiores vantagens, aplicando-se com terna solicitude a inspirar-lhe como emulação o sentimento da própria dignidade, que qualquer diretora não conseguiria obter de suas educandas.

Para provar esta asserção bastaria a experiência de duas meninas de idênticos recursos intelectuais, submetidas uma aos cuidados de sua mãe, mulher de bons costumes e nas condições que acima apontamos, dando-se a possibilidade de conservá-la sempre sob suas vistas; outra sob a direção de uma preceptora (supomos também com iguais habilitações), de comum com grande número de companheiras, imitando ou sobressaindo a todas na aplicação dos estudos. Aos 18 anos estas duas jovens poderão ser perfeitamente instruídas, mas não igualmente educadas e possuindo o mesmo grau de simpleza. A primeira será a esquisita delicada flor da estufa, desabrochando as suas lindas pétalas de uma corola não tocada por impuros insetos, esparzindo o precioso aroma da inocência e da candura; a segunda, a flor dos jardins, exposta ao contato de malignos insetos e às variações da atmosfera que lhe tiram por vezes o aroma, quando ela conserva ainda o brilhantismo de suas cores.

Uma tal experiência seria, porém, quase impossível fazer-se entre o povo, em que a mulher não é ainda o que deve ser – a primeira educadora de seus filhos –, a mais útil amiga do homem.

Enquanto, pois, ela não atingir esse estado em que esperamos vê-la um dia colocada, é de vigorosa necessidade para os pais recorrerem aos colégios cujas diretoras sejam reconhecidas por seu zelo e dedicação ao ensino. Ali, ao menos, a menina gozará de duas vantagens: a de seguir os estudos em horas para isso reguladas e a de não se achar tão em contato com os escravos, cláusula essencialmente necessária para o bom resultado da educação.

Já que tocamos em uma das causas capitais da pouca morigeração de nossa mocidade, desenvolvamo-la de pronto, com o laconismo a que nos obriga o título deste escrito.

XLI

Um prejuízo muita vez fatal à infância, um crime, diremos nós altamente, introduziu-se no Brasil, porque não é ele de origem brasileira; é o que leva as mães a negarem, por miseráveis considerações mundanas, seu seio aos seus recém-nascidos. Nada nos parece tão revoltante como ver uma mãe, sem causa justificada pela natureza, consentir que seu filho se alimente em seio estranho.

Se Rousseau, com o seu Emílio, fez corar as mães francesas pelo esquecimento em que estavam desse primeiro dever da maternidade, em França, onde as amas têm mais ou menos alguma educação, e se distinguem pelo asseio; o que sentiriam as mães brasileiras, que bem compreendessem aquele livro, à vista de seus filhos pendentes do seio de míseras africanas, que passam, muita vez do açoite, na casa de correção ou nas dos próprios senhores, ao berço do inocente para oferecer-lhe seu leite?

Entretanto, é esta a primeira lição preparada ao menino brasileiro, lição que bebe com esse leite impuro, e lhe vai com ele contaminando assim o físico como o moral.

Antes mesmo de saber articular sons distintos, grande parte dos nossos meninos já se apercebe de ter naquela que lhe dá o alimento uma escrava submissa a seus caprichos. Antes de compreenderem o

que é mandar e obedecer, eles sabem com gestos exercer o comando e exigir a obediência; o vocábulo imperioso – quero – é pronunciado de comum com os de mamã e papá. Estes têm quase sempre a imperdoável fraqueza de não somente ensinar-lhes aquele som vago para a pequena inteligência que o escuta e repete, mas ainda a de aplaudirem a *sedutora graça* com que o fazem, ensinando-lhes assim a contraírem o hábito da impertinência, e isto porque tais graças os divertem!

É um erro muito vulgarizado, principalmente entre nós, supor que as crianças nada perdem nessa primeira idade vendo, ouvindo e imitando os maus exemplos praticados em torno delas. Não se advertindo que a educação, para ser perfeita, deve começar do berço, persiste-se em deixá-las, em plena liberdade, seguirem todas as suas fantasias sob o pretexto de *não saberem elas ainda o que fazem*. O sábio Fénélon[100], em seu livro, *De l'Education des filles*, falando desse primeiro período da infância diz: " Ce premier âge qu'on abandonne à des femmes indiscrètes et quelquefois deréglées, est pourlant celui ou se font les impressions les plus profondes, et qui par consequent a un grand rapport à tout le reste de la vie."[101]

"Avant que les enfants sachent entièrement parler, ou peut les préparer à l'instruction. On trouvera peut-être que j'en dis trop: mais on n'a qu' à considérer ce que fail l'enfant qui ue parle pas encore: il apprend une langue qu' il parlera bientôt plus exactement que les Savauts no sauraient parler les langues mortes, qu' ils ont etudiées avec tant de travail dans l'àge le plus mur."[102]

"O menino, diz ainda Santo Agostinho[103], entre seus gritos e seus brinquedos, nota a palavra que é sinal do objeto: e o faz ora considerando os movimentos dos corpos naturais, que tocam ou

[100] François de Salignac de La Mothe Fénelon (1651-1715), educador francês, publicou a obra *Da educação das meninas* em 1687.

[101] "Esta primeira idade, em que se abandonam [as crianças] a mulheres indiscretas e, por vezes, desreguladas, é, no entanto, aquela em que se fazem as impressões mais profundas e que, por conseguinte, tem uma grande relação com o resto da vida."

[102] "Antes que as crianças saibam falar completamente, podemos prepará-las para receber instruções. Pode parecer exagero, mas basta considerar o que faz a criança que ainda não fala: aprende uma língua que em breve falará com mais exatidão do que os sábios saberão falar as línguas mortas, que eles têm estudado com tanto trabalho na idade madura."

[103] Agostinho de Hipona (354-430), importante teólogo e filósofo dos primeiros séculos do Cristianismo.

mostram os objetos de que se fala, ora sendo tocado pela frequente repetição da mesma palavra para significar o mesmo objeto. É certo que o temperamento do cérebro das crianças lhes dá uma admirável facilidade para a impressão de todas as imagens: mas que atenção de espírito não é preciso para discerni-las e para referi-las aos objetos?

Não obstante ver-se, todos os dias, os atos dos nossos meninos comprovarem a justeza dessas observações, feitas por dois grandes órgãos das verdades cristãs, obstina-se, todavia, em fechar os olhos a tais atos, sem dúvida simples em seu começo, mas de tanto momento quando as ideias abrangem um certo espaço no mundo moral.

Em piores condições que as do povo entre o qual escrevia Fénélon, acham-se os brasileiros. Entretanto, grande parte destes vê ainda, sem repugnância, seus filhos nos braços de desmoralizadas escravas, ou por elas acompanhadas, irem de uma a outra parte na habitação e fora dela. Quantas vezes temos tido occasião de ver e lamentar essas criaturazinhas impregnadas já do hálito contagioso das más companhias inutilizarem as profícuas lições de uma moral pura e fácil de seguir! Para essa desgraça muito concorrem as mães, que se achando no caso de moralizar suas filhas, em vez de retê-las, como devem, junto a si, habituando-as aos bons costumes, instruindo-as com ações e palavras edificantes, folgam de poder desembaraçar-se do *aborrecimento* causado pelo *choro* ou *motim* das crianças, encarregando as *pretas* de acalentá-las ou distraí-las.

XLII

Todo o serviço do interior das famílias sendo feito entre nós por escravos, a menina acha-se desde a primeira infância cercada de outras tantas perniciosas lições, quantas são as ocasiões em que observa os gestos, as palavras e os atos dessa infeliz raça, desmoralizada pelo cativeiro e condenada à educação do chicote! ...

Sua nascente sensibilidade se habitua gradualmente a esse espectáculo afligidor, repetido quase diariamente a sua vista; não é raro ver ela (com horror o dizemos) infringir o mais cruel tratamento à própria ama que a amamentou, a qual é alguma vez indiferentemente

vendida ou alugada como um fardo inútil, apenas acaba de ser-lhe necessária!

Esta revoltante ingratidão é um dos mais detestáveis exemplos dados à menina, que tendo um dia de ser mãe, o transmite por seu turno a seus filhos!

De um lado, os mais rudes tratamentos do senhor para com o escravo, do outro, a impotência deste em repelir um jugo anticristão, sancionado pela mais tirânica das leis, e a necessidade do artifício para iludir o senhor e atenuar os sofrimentos da escravidão, tais são os quadros constantemente apresentados na vida doméstica às crianças, que crescem e se vão pouco a pouco insinuando em diversas perigosas práticas, passando dos aposentos de seus pais aos quartos das escravas, que as pensam.

Assim, aquele embrião de inteligência envolvido na epiderme de uma graça factícia desenvolve-se nas condições mais contrárias ao seu futuro engrandecimento.

E ninguém atenta para as desfavoráveis impressões que desta arte vai a infância recebendo, e gravando na cera, que conforme a expressão de Homero tem-se na alma, onde se conservam com traços mais ou menos distintos, impressões que, semelhante a sutil veneno, lhe destroem por vezes as melhores disposições naturais!

Trata-se de embelecer por todos os meios da arte o exterior das nossas meninas, o qual poderíamos comparar à haste ascendente de uma tenra planta, entretanto que se vai deixando com inqualificável negligência a haste descendente receber de um mal terreno, sem preparação alguma, nutrição viciada que terá de transmitir à planta em geral a sua perniciosa influência.

Aos tristes inevitáveis resultados do constante viver dos meninos em contato com escravos reúnem-se outros escolhos não menos funestos à sua educação, sendo um dos mais revoltantes o pouco respeito havido entre nós para com a inocência.

Nada é mais comum no Brasil do que o uso por demais condenável de se falar sem nenhuma reserva perante as crianças. Há mesmo aí quem, pelo simples desejo de um passatempo agradável, as entretenha sobre assuntos que fariam corar a homens bem morigerados em qualquer idade!

Por toda a parte encontram elas uma ação, um gesto, um riso indiscreto em certas ocorrências, que as vão iniciando em tenebrosos conhecimentos, quando o espírito não tem ainda suficiente luz para

guiá-las nesse tremendo dédalo, nem a alma assaz de energia para repelir insinuações que tanto degradam a espécie humana e tanto horror deviam inspirar aos povos cristãos.

XLIII

Se é lamentável o quadro de indiferentes procurando murchar com seu hálito pestífero a flor da inocência, quando apenas desabrocha nessa mocidade, que se vai enervando nos vícios, e abrindo, sem o prever, um abismo insondável a si e à pátria; mais lamentável é ainda o espetáculo pungente de uma conduta desregrada, dado por alguns pais a seus próprios filhos!

Acumulando em torno deles matérias inflamáveis prestes a incendiá-los ao contato de uma primeira centelha, esses pais, engolfados no turbilhão das paixões ou entregues ao torpor da ignorância, não preveem, nas explosões parciais repetidas todos os dias às suas vistas, a explosão geral que surdamente se prepara pela viciada educação da nossa mocidade...

Repugnando-nos enunciar os numerosos fatos, que comprovam esta verdade, fatos, aliás, patentes a todos mesmo no santuário da família, citaremos algumas linhas do Dr. Rendu[104] tiradas de seu livro *Etudes sur le Brésil* publicado em 1848. "Les jeunes Brésiliens sont souvent pervertis presque au sortir de l'enfance; oulre l'exemple de leurs pères qu'ils ont sous les yeux, garçons et filles, maítres et esclaves passent ensemble la plus grande partie de la journée à demi vêtus; la chaleur du climat háte le moment de la puberté, les désirs excités par une education vicieuse [...] les précipite bientôt dans un a battement physique et moral. Pour remédier à cette dépravation qui atteint la populalion jusque dans sa source, il faudrait une révolution complete dans les moeurs du pays; mais tant que I' esclavage subsistera, en vain indiquera-t-on les causes du mal etc. etc."[105]

[104] Alphonse Rendu (séc. XIX), médico francês. A obra citada tem o título completo de *Etudes topographiques, médicales et agronomiques sur le Brésil*.

[105] "Os jovens brasileiros são pervertidos quase à saída da infância; além do exemplo de seus pais que têm diante dos olhos, meninos e meninas, senhores e escravos passam juntos a maior parte do dia seminus; o calor do clima apressa o momento da puberdade, os desejos estimulados por uma educação viciosa (...) cedo provocam um abatimento físico e moral. Para compensar esta depravação que

Essa revolução nós a desejamos ardentemente. Quaisquer que sejam os meios para isso empregados, contanto que possamos obter o melhor dos resultados a que aspiramos para o porvir venturoso de nossa terra.

Todos os viajantes estrangeiros que têm vivido no Brasil, são mais ou menos de acordo na análise que fazem de nossos costumes: aqueles mesmos, cuja simpatia pelos brasileiros é uma garantia da imparcialidade de seu juizo emitido a respeito, tais como o ilustre botânico A. de St. Hilaire[106], a quem ouvimos, ainda em 1851, falar dos brasileiros com a mais entusiástica afeição, referem muitos casos por eles testemunhados em Minas, Goiás, S. Paulo etc. que demonstram evidentemente o triste estado da nossa civilização.

Conquanto tais análises, por severas nos revoltem, temos a consciência de que são merecidas. Custa infinitamente ouvir verdades que ferem o nosso orgulho nacional; mas nós somos da opinião dos que transpõem as raias da individualidade para ocupar-se do bem geral, e pensamos, que se deve sufocar o mal-entendido orgulho, que nos faz persistir em inveterados erros, atraindo-nos a justa censura das nações cultas. Tratemos de seguir-lhes o exemplo, não no que elas conservam ainda de ridículo, que duplicadamente ridículo tão bem imitamos, perdendo o nosso tipo americano sem obtermos a perfeição europeia, mas sim no que essas nações contêm de útil, belo e grande.

XLIV

Copiemos antes de tudo a educação que naqueles países se dá à mocidade; imitemos principalmente os ingleses no respeito à religião e à lei; os alemães no hábito de pensar e no empenho de elevarem-se acima de todos os povos pelo estudo e pela reflexão; os franceses em seu espírito inventor e em suas generosas inspirações civilizadoras: a todos no gosto pelo trabalho e no desejo sempre progressivo de engrandecerem-se por seu engenho e atividade.

---

atinge a população até à sua origem, seria necessária uma revolução completa nos costumes do país; mas enquanto a escravidão subsistir, será inútil indicar as causas do mal etc. etc."

[106] Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853), botânico e naturalista francês.

Quando vemos naquelas nações tomarem-se todos os dias novas medidas para se melhorar mais a educação de sua mocidade, a qual tão inferior se acha e se achará talvez por séculos ainda a nossa, o coração se nos contrai no peito ao contemplarmos o nosso Brasil tão rico, tão grandiosamente excedendo a todas as nações do mundo em recursos naturais, precisando lutar ainda no século XIX com grandes dificuldades para oferecer às suas mulheres uma tênue parte da instrução, que as classes mais baixas daqueles países da Europa e dos Estados Unidos podem facilmente obter!

Não é, porém, a falta de erudição que mais devemos lamentar, ela poderá desaparecer mais tarde; a luz brilha nas trevas, e para logo as trevas deixam de existir. A ignorância de nossas mulheres poderá ser um dia substituída por conhecimentos que as tornem dignas de renome. Mas o mesmo não acontecerá a respeito da viciada educação, que como incêndio vai lavrando pelo centro das famílias e deixando-lhes consideráveis vestígios, que nenhuma instrução conseguirá apagar.

O espírito pode enriquecer-se de belos e úteis conhecimentos em todas as idades antes da decrepitude. Voltaire aprendeu a música no último período de sua vida longa de 84 anos. Muitas grandes inteligências cujos preciosos legados a humanidade desfruta, atingiram, como Rousseau, a idade adulta sem as profundas luzes que fazem hoje a nossa admiração. Só a educação para produzir salutares efeitos deve acompanhar o indivíduo desde a infância.

Nas condições pois, já mencionadas, em que se acham as nossas meninas, impossível lhes será adquirirem o hábito das boas práticas, cujo todo constitui a base de uma completa educação; porquanto grande parte das mães, longe de se esforçarem por diminuir os prejudiciais efeitos de tais condições, lhes vão por seu turno inculcando princípios demasiadamente arriscados para elas no futuro. Aquelas, que melhor que ninguém podiam inspirar-lhes sentimentos simples e benignos, são quase sempre as primeiras em dar-lhes, uma o espetáculo de sua iracúndia, outra o de deleixo, ou de um luxo ruinoso, que levam as famílias à miséria e à dissolução; está o de certas teorias levianas, tidas como inocentes, mas de tão graves consequências

para a mulher, que lá se está formando nesse pequeno ser compilador atento, chamado: menina.

Outras ainda têm a indiscrição de deixar suas filhas aperceberem-se de suas desinteligências domésticas. Quem há aí que não tenha visto certas mães, esquecidas do que devem a si mesmas e à moral de seus filhos, patentearem a estes, bem vezes com desabrida imprudência, os seus desgostos reais, ou indiscretos ciúmes? Algumas cometem até a imperdoável falha de inspirar-lhe antipatia por aquele que lhes deu o ser, a fim de os atrair melhor a sua causa.

Nada por certo é mais prejudicial a educação das filhas do que as repetições dessas cenas domésticas, natural ou artificiosamente representadas pelas mães, manifestando o resfriamento dos deveres impostos pela sociedade, e mantidos pelo bom senso e pela religião no seio das famílias pensadoras, compenetradas do empenho de firmarem o venturoso porvir dos tenros seres, que se vão modulando pelos exemplos daquela, cuja voz mais império tem sobre seus corações.

Uma mãe é então o quadro mais eloquente, para lhes servir de norma em sua conduta futura, o modelo que devem primeiro copiar; se esse modelo não é perfeito, como poderá a menina apresentar uma cópia perfeita?

XLV

Algumas naturezas privilegiadas se mostram, entretanto, pelo meio de nós, isentas do contágio desses perniciosos exemplos, não obstante acharem-se deles rodeadas desde a infância; e se algum lenitivo podemos ler, na desordem em que se acha o sistema de nossa educação, é por, sem dúvida, o quadro que nos apresentam elas. Muitas de nossas brasileiras, apesar da atmosfera de subversivos princípios em que respiram, são, todavia, o modelo do sexo e a honra da humanidade. Filhas, elas respeitam seus pais, lamentando no silêncio da alma suas faltas, seus crimes, se os cometem, sem que a mais ligeira censura lhes escape dos lábios; esposas, seu coração se compenetra religiosamente de seus deveres, e folgam de sacrificar a seus esposos toda a ventura de sua vida, antepondo a sua inconstância ou a sua dureza a incessante prática das virtudes domésticas;

mães, dirigem com perseverante zelo a educação de seus filhos, afastando-os dos cardos, que lhes juncam o trânsito da primeira mocidade, e chorando seus desvios quando não podem deles preservá-los! A vida é para tais naturezas uma luta constante, de que saem sempre vitoriosas, mas não felizes, porque não podem harmonizar seus nobres sentimentos com a degeneração de seu semelhante, que amam, e que desejariam ver trilhando a senda da moral e da equidade.

Felizes os homens a quem tais naturezas cabem em partilha; mais felizes as meninas, cujos pais, guiados por um espírito reto e esclarecido, trabalharem para remover as causas destruidoras das boas disposições com que as dotara a natureza. Se a generalidade de nossas mulheres não pode referir-se àquela exceção, é porque a isto se opõem não somente os obstáculos já apontados, mas também o costume nocivo, tão ridículo e geralmente admitido entre nós, de emprestar às crianças maneiras contrafeitas e inspirar-lhes gostos próprios da idade adulta. Assim, os meios empregados de ordinário para o seu desenvolvimento moral tendem palpavelmente a destituí-las de certa naturalidade, a cujo encanto não consegue equiparar-se a aquisição de todas as prendas ensinadas.

A menina alemã, inglesa, e mesmo a francesa é um pequeno tesouro de graças naturais; respirando a mais pura inocência, exprimindo com mais ou menos espírito, porém sempre naturalmente, a ingenuidade da sua alma, refletida em sua fisionomia infantil, como os primeiros raios do sol da primavera de seu país natal se refletem nos feiticeiros lagos de seus aromáticos jardins.

E o que é da menina brasileira? A fé que a não podemos encontrar nessas pequenas criaturas apertadas nas barbatanas de um espartilho, penteadas e vestidas à guisa de mulher, afetando-lhe os meneios e o tom, destituídas muita vez de toda a simpleza e candura que constituem o maior atrativo da infância.

"L ' enfance avec ses graces naives n'existe pour ainsi dire pas au Brésil (diz um dos viajantes já citados). A sept ans le jeune Brésilien a déjà la gravité d' un adulte, il se promène majestueusement, une badine à Ia main, fier d'un e toilette qui le fait plutôt ressembler aux marionnettes de nos foires qu'à un étre humain; au lieu de vé-

tements larges et commodes qui permettent aux membres de libres mouveinents il est affublé d' un pantalon fixé sous les pieds et d' un e vesteou d' un liabit qui l'emprisonne et l'étreint. Bien do triste, selon nous, comine ces pauvres enfants condamnés â subir les exigences d' une mode absurde etc. etc."[107]

Infelizmente para o sexo, as nossas meninas fornecem mais amplos e tristes exemplos para esta análise.

XLVI

Não há muito tempo, teve lugar em um colégio desta corte, em presença de oitenta alunas, um espetáculo dolorosíssimo cujo conhecimento ofereceria aos escritores estrangeiros matéria para um capítulo assaz frisante sobre a história dos nossos costumes.

Uma menina de 6 anos frequentava como externa aquele colégio. Anjo de gentileza e de candura, baixado ao mundo infecto dos homens, ela captava a simpatia de todos e inspirava profundo interesse à diretora que, vendo-a respirar com dificuldade sempre que entrava para as classes, tinha o cuidado de afrouxar-lhe o espartilho que lhe oprimia o peito a tal ponto! Por vezes ponderou à mãe da inocente supliciada as funestas consequências, que podiam resultar de lhe comprimir assim os tenros órgãos, os quais tanto necessitam de livres movimentos para bem desenvolver-se.

Baldadas foram tais observações, que os médicos de nossa terra deveriam em honra de sua nobre missão fazer incessantemente às mães de família, porquanto os conselhos do homem da ciência, do consolador da humanidade obteriam em tais circunstâncias mais resultado do que os das diretoras e amigas!

Depois de haver passado parte de uma noite no teatro, constrangida no espartilho, para atrair à indiscreta mãe elogios pelo seu bom

[107] "A infância com suas graças ingênuas não existe, por assim dizer, no Brasil (diz um dos viajantes já citados). Aos sete anos o jovem brasileiro já tem a gravidade de um adulto, ele caminha majestosamente, uma bengala à mão, orgulhoso de suas vestimentas que fazem com que se assemelhe mais às marionetes de nossas feiras do que com um ser humano; em vez de roupas largas e cômodas que permitam aos membros libertar movimentos, ele está vestindo uma calça até os pés e uma jaqueta ou casaco que o prende e abraça. Nada mais triste, para nós, do que essas pobres crianças condenadas a submeter-se às exigências de uma moda absurda" etc. etc.

gosto de vesti-la, a pobre inocentinha submeteu-se ainda, na manhã seguinte, a um novo processo de aperto ataviando-se para o colégio. Apenas entrou em sua classe, a diretora viu-a vacilar querendo sentar-se; voa a tomá-la nos braços, desabotoa-lhe o vestido... era já tarde! A pobrezinha, soltando um doloroso ai, tinha expirado, vítima da vaidade de sua mãe!

Esta, sendo advertida, correu muito tarde para receber o derradeiro ósculo de sua filha, porém muito cedo para contemplar a obra de seu louco desvanecimento! A martirizada cintura da inocente simulava as dos penitentes do fanatismo, ou antes das vítimas do Santo Ofício! Espetáculo lastimoso e revoltante por ter origem na pretenção de uma mãe a tornar sua filha notável pelo artifício do corpo! A ocasião pareceu oportuna à diretora para tentar uma reforma no espírito de suas alunas, abalado profundamente à vista daquela triste florzinha, ceifada tão de chofre e prematuramente pelo fatal abuso de uma moda, a que sem escrúpulo se sacrifica entre nós a saúde das meninas.

Falou-lhes dos deveres inerentes ao cristão, do quanto é essencial conservar a pureza da alma para que a Eternidade nos surpreenda em paz em qualquer idade ou situação da vida, e demonstrou-lhes o perigo que correm os que se ocupam do físico em preferência ao moral. Suas palavras eram verdadeiras porque partiam do coração, eloquentes porque Ihas inspirava a presença de um féretro! Não podiam deixar de produzir impressão.

As mães, a quem suas filhas noticiaram aquele acontecimento, cuja vista as havia tanto sensibilizado, lamentaram-no, e conosco horrorizaram-se de uma tão grande aberração da ternura e do bom senso materno! Mas em pouco a impressão desapareceu e mães esqueceram aquele resultado da criminosa vaidade de uma mãe!

Algum tempo depois os espartilhos, tirados às que haviam testemunhado essa pungentíssima cena, voltaram de novo a comprimi-las.

A imagem da morte havia desaparecido e a moda reconquistava todos os seus loucos e funestos excessos!

XLVII

As lições e os esforços de uma ou outra pessoa, desta ou daquela outra família nada podem contra a generalidade dos princípios e hábitos seguidos por uma nação inteira.

Um ou outro pai conseguirá educar bem seus filhos, mas não estando esta educação no espírito de seu país, eles permanecerão estrangeiros no meio de sua própria sociedade, e nada terá o país ganho com estas frações diminuídas da enorme soma dos prejuízos, e erros que presidem à educação geral. Para cortar as cabeças sempre renascentes dessa hidra moral seriam precisos outros tantos Hércules[108] quantas são as ideias e práticas errôneas do nosso povo.

Enquanto o governo e os pais não reconhecerem o dano de tais práticas e se esforçarem por bani-las inteiramente, em vão uma ou outra voz se levantará para indicar os meios de um melhoramento, considerado ainda por muitos como utopia.

"C'est la nature du gouvernement de chaque société, diz *Mme. Coicy*, qu'établit la nature de l'éducation, qui y donne la faiblesse ou la force, les vices ou les vertus. "[109]

Este princípio é incontestável, mas se na insuficiência de enérgicas medidas do governo para a reforma da nossa educação, apelamos para os pais de família, é por que estamos convencidos de que, em um país onde a escravidão é permitida, deles dependem principalmente os meios de subtraírem seus filhos a grande parte dos inconvenientes, que os prejudicam. Um desses inconvenientes é por sem dúvida a instrução superficial, isolada de uma educação severamente moral, que constitui de ordinário a superioridade das nossas meninas de hoje sobre as de outrora.

Desconhecendo-se, ou não se querendo seguir comumente o bom método de educar, vai-se usando com elas pouco mais ou me-

[108] Hércules é o nome romano de H**é**racles, herói da mitologia grega, segundo a qual o herói teria de realizar doze trabalhos para se redimir de seus crimes, sendo o segundo trabalho vencer a Hidra de Lerna, um monstro que habitava um pântano junto ao lago de Lerna. Hércules, depois de uma sangrenta luta, mata a Hidra, realizando a incumbência.

[109] "É a natureza do governo de cada sociedade - diz Mme. de Coicy - que estabelece a natureza da educação, que lhe dá a fraqueza ou a força, os vícios ou as virtudes". Mme. de Coicy (17..-1841), escritora francesa, foi autora da pioneira obra sobre o feminismo: *Les femmes,* publicado em 1785.

nos daquele, com que foram suas mães educadas, acrescentando-se lhe por vezes certa liberdade mal-entendida, e, por estar em moda, o ensino de algumas prendas vedadas outrora ao sexo.

Certo, o que se chama por via de regra no Brasil dar boa educação a uma menina? – Mandá-la aprender a dançar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercício, mas pelo gosto de a fazer brilhar nos *salões*; ler e escrever o português, que apesar de ser o nosso idioma não se tem grande empenho de conhecer cabalmente; falar um pouco o francês, o inglês, sem o menor conhecimento de sua literatura; cantar, tocar piano, muita vez sem gosto, sem estilo, e mesmo sem compreender devidamente a música; simples noções de desenho, geografia e *história* cujo estudo abandona com os livros ao sair do colégio; alguns trabalhos de tapeçaria, bordados, crochê, etc. , que possam figurar pelo meio dos objetos de luxo expostos nas salas dos pais a fim de granjear fúteis louvores a *sua autora*.

O desenvolvimento da razão por meio de bons e edificantes exemplos da família, o hábito de raciocinar, que se deve fazer contrair às crianças, ensinando-as a atentarem no valor das palavras, que proferem, e ouvem proferir aos outros, discriminar as boas das más ações, excitando-as a imitar aquelas e a reprovar estas, tudo isto se deixa na mais completa negligência: o que há de mais essencial a ensinar ou a corrigir guarda-se para uma idade mais avançada, repetindo-se sempre – ela é tão criança!

Assim, quando a menina passa da casa paterna para o colégio, leva no espírito o gérmen, algumas vezes tão desenvolvido, de mil pequenos vícios, que impossível ou muito difícil é desarraigar.

E quais são aí as educadoras, por mais dignas que sejam de exercer tais funções, que ousem contrariar inteiramente as opiniões e o gosto dos pais a respeito da educação de suas filhas? Seria exporem-se a ver suas aulas sem auditório, e, como já observamos, sendo o magistério em nossa terra por via de regra um objeto de especulação, grande cuidado se tem em transigir com os pais de família, embora com detrimento dos alunos.

É partindo desta experiência, que tiramos a conclusão de que, no Brasil não se poderá educar bem a mocidade enquanto o sistema

de nossa educação, quer doméstica, quer pública, não for radicalmente reformado.

Debalde tentarão os diretores e mestres que pertencem à exceção da regra enunciada, fazer de seus alunos indivíduos bem morigerados, conspícuos e modestos, se os pais não forem os primeiros em inspirar-lhes estes princípios. Debalde esperarão os pais que tal fizerem, os devidos progressos destes princípios, se os mestres não possuírem as qualidades indispensáveis para preenchermos encargos do magistério.

Será, portanto, da comunhão das boas práticas de uns e de outros, que somente poderão sair homens e mulheres capazes de firmar o renome da nação brasileira, a qual, tão grandemente elevada pela natureza, tão pequeno espaço tem ainda conquistado no vasto e fértil campo da civilização moderna.

XLVIII

Por uma anomalia dos nossos costumes, no Brasil, onde a mulher nada é ainda pelo espírito e nenhuma liberdade goza das que utilizam e honram as mulheres do Norte, onde o seu nome não se alistou até hoje no grande catálogo dos progressos humanitários por uma instituição qualquer de beneficência, são as mães quase sempre o árbitro exclusivo da educação das filhas, prerrogativa de que muitas se ufanam por não verem nela o indiferentismo, ou o desprezo hereditário de nossos homens pela educação do sexo.

A elas, pois, incumbe particularmente prevenir ou corrigir as faltas dos primeiros anos, convencidas de que é um absurdo pretender que as meninas, a cuja educação doméstica não presidem os bons exemplos e o empenho constante de bem dirigi-las, possam depois aproveitar, em toda a amplidão, as boas lições que porventura venham a receber.

Atentem todas as mães brasileiras como convêm ao seu próprio interesse, à dignidade da família e à glória da pátria na aurora do seu engrandecimento, para as propensões de suas filhas, e empreguem todos os seus esforços para arredá-las a tempo de tudo quanto possa animar as más, e enfraquecer as boas; evitem-lhes, sem que elas se

apercebam até uma certa idade, as ocasiões de acharem-se em companhia de quem quer que seja longe de suas vistas, ou das de preceptoras esclarecidas, e dignas de sua confiança.

Transfundam nos tenros corações de suas filhas a inata doçura e as boas qualidades do seu, furtando-as aos exemplos de vaidade, de orgulho, e dos erros que tendem a destruir ou a inutilizar a sua obra. Resignem por amor delas o gosto imoderado pelos prazeres do mundo sem, todavia, abstê-las completamente deles; sendo que um e outro excesso lhes pode ser da mesma sorte prejudicial. É harmonizando distrações inocentes com úteis ocupações, que uma mãe judiciosa deve procurar fortalecer o físico e o moral de suas filhas desde a mais tenra infância.

Procurem sobretudo habituá-las ao trabalho, apresentando-o como uma virtude necessária em todos os estados da vida, qualquer que seja a opulência do indivíduo, e não digno do desdém com que o olham certas classes.

As mulheres mais consideráveis das nações de que falamos sabem ocupar utilmente o tempo. A esposa, irmã, e noras de Luís Felipe[110] rodeavam de noite uma mesa redonda, no palácio das Tulherias para fazerem serão. A esposa de Lamartine[111], e outras muitas mulheres que vivem na grande sociedade, e são obrigadas a sacrificar-lhe uma parte do seu tempo, têm, todavia, horas reservadas para o trabalho assim intelectual como material, alternando-o com obras de beneficência, em que grande parte delas se ocupa.

Um dos primeiros trabalhos de escultura, que admiramos em Paris na igreja de S. Germano L'Auxerrois, foi um grupo de anjos de mármore sustentando uma pia d'água benta, cinzelado pela digna companheira do inimitável escritor francês. Por toda a parte encontram-se naqueles países primores de arte, em todos os gêneros, da mão das mulheres, que provam não somente o seu gosto e o estudo a que se dão, mas também o hábito do trabalho adquirido desde os verdes anos.

[110] Luís Filipe I (1773-1850), rei de França de 1830 a 1848.

[111] Mary-Anne-Elisa Birch (1790-1863), pintora e escultora francesa, esposa de Alphonse-Marie-Louis de Prat de Lamartine (1790-1869), poeta e político francês.

Não é nas representações teatrais, principalmente as de nossa terra, nem nas casas de baile, que entre nós muitas meninas frequentam de comum com o colégio, donde as mandam buscar, interrompendo seus exercícios escolares, para não perderem triunfos que inebriam as filhas e lisonjeiam os pais, nessa atmosfera viciada onde a *crocodílica* voz de improvisados galantes, ou de galantes parasitas, destrói quase sempre o efeito das mais severas lições de moral, que uma jovem donzela adquire o gosto e o hábito do trabalho; ainda menos à janela, ordinariamente telégrafo especial do resultado da ociosidade em que as deixam vegetar; é sim no lar doméstico ou fora dele, mas estimulada sempre pelos bons exemplos da família, e pelo nobre desejo de bastar-se a si mesma utilizando a humanidade.

Para guiar as meninas em tão grande e digno empenho será preciso vencer-se a fraqueza, que se tem de inspirar-lhes gosto por futilidades, as quais, dando-lhes apenas ligeiros matizes de boa educação, só lhes atraem passageiros sucessos, que lhes preparam bem vezes no futuro tristes e cruéis desilusões, senão a perda do repouso da consciência, a ruina total de sua felicidade.

XLIX

Tocamos de passagem no triste exemplo, apresentado às crianças, do desprezo e excessiva severidade empregada por alguns senhores para com os escravos, exemplo que tem já produzido parciais e praza a Deus não produza gerais funestas consequências!

Acrescentaremos agora que é muito para desejar, que certas mães de família, a quem alguns desses infelizes têm a dupla desgraça de pertencer, retenham perante suas filhas os frequentes assomos de cólera, que as levam a vomitar grosseiras injúrias contra eles acompanhadas muitas vezes de castigos corporais, que com horror temos visto consentirem, e até excitarem suas jovens filhas a aplicar-lhes elas mesmas!

Não se refletindo, que o embrutecimento dos escravos, privados de toda a educação moral e religiosa, deve escusá-los de grande número de suas faltas, não se lhes tolera a mais ligeira desobediência, quando por toda a parte veem eles os que receberam educação co-

meterem em grande escala graves desobediências quer para com seus pais quer para com as leis do Estado.

Porém, muitos senhores, não querendo reconhecer que sob o invólucro grosseiro do preto bate muita vez um coração nobre, generoso e capaz das maiores virtudes que honram a humanidade, creem comprar no homem ou na mulher sujeitos ao tirânico jugo da escravidão um animal de carga, ou um necessário autômato, cujas molas devem mover-se a gosto ou a capricho de seu dono! ...

É tempo de fazer sentir à nossa mocidade que por entre esses infelizes, a quem se oprime de trabalho e de maus-tratos, negando-se-lhes até a liberdade de refletir, existem mães, filhos, irmãos etc., que sofrem em silêncio sem outra defesa mais que suas lágrimas, sem outra garantia que a cega obediência, sem outra vingança que a sua muda oração a Deus! ...

Deus que nenhuma raça fez
Para sobre uma outra ter
Revoltante primazia,
Ilimitado poder.[112]

Mães brasileiras, afastai dos olhos de vossos filhos o espetáculo de uma opressão cruel, que lhes enerva a compaixão, e agrava mais a triste sorte desses míseros a quem deveis, como cristãs, caridosamente dirigir. Ensinai-lhes cedo a olhá-los como nossos semelhantes, e, por conseguinte, dignos de nossa comiseração no estado a que os reduziram nossos maiores.

A viva compaixão, que mostráveis quando meninas, como geralmente mostram todas as crianças, vendo-os sofrer castigos, prova incontestavelmente que uma conduta inversa não pode ser resultado de propensão natural , mas sim da fatal herança de antiquário bárbaro prejuízo que, graças aos progressos da civilização moderna, a voz da humanidade, criando cada dia novos prosélitos, conseguirá banir da face de todo o mundo cristão!

[112] Verso do poema *A lágrima de um caeté*, da própria **Nísia Floresta,** publicado em 1849.

Procurai enfim refundir todos esses e outros costumes, tão contrários à civilização dos povos, em um quadro de edificantes e dignos exemplos, mais próprio a ser copiado pela nossa mocidade de hoje, e a torná-la feliz em um futuro que é só dela.

L

Em vez dos jogos de exercício, dos passeios campestres e de pequenos agradáveis trabalhos de uma utilidade real para a infância, acostumam-na em indolente languidez, que a faz por vezes contrair males precoces, a depender inteiramente, ainda nas coisas mais fáceis, do auxílio das escravas, sem as quais a mulher brasileira assim habituada nada pode nem sabe fazer.

Não se adverte, que a virtude e o saber são os únicos bens indefectíveis; que somente eles podem acompanhar o indivíduo através dos vórtices morais, que aluem os palácios e os mesmos tronos, reduzindo à miséria os mais orgulhosos senhores de opulentas fortunas. Muitos pais no meio dessa opulência, nas cidades, ou em suas fazendas e engenhos, onde alguns vivem à guisa de verdadeiros baxás, fazem alarde de rodear suas filhas, cujo espírito deixam em completo ócio, do prestígio frívolo da grandeza material, grandeza que bem vezes lhes sufoca até o sentimento de sua natureza, julgando-se de uma raça privilegiada, superior a todos os seus semelhantes sujeitos às eventualidades da fortuna.

Quando esses colossos de vaidade desabam da altura a que os elevara a pura matéria, confundem-se no mundo das inteligências com o pó levantado pelo tufão que passa, pondo em evidência toda a sua nulidade, e todo o horror de sua situação.

Prescindindo de outros muitos, a história da França moderna apresenta inúmeros exemplos da nenhuma estabilidade dessa opulência, que ensoberbece e desvaira muitas famílias, quando só deveriam ver nela um meio de tornarem-se melhores, consolando a indigência e cooperando para o engrandecimento da pátria.

A nobreza francesa sob o antigo regime, educando suas filhas nos princípios aristocráticos que tanto a distinguiam, julgava bastante acrescentar ao conhecimento de sua ilustre linhagem e dos feitos d'armas dos seus varões, o ensino superficial de algumas prendas

adaptadas ao *brilho* de seu *nascimento*, então primazia indisputável nos direitos ao poder e à gloria, apesar dos vícios e dos crimes, que o haviam muita vez manchado.

O verdadeiro soberano das nações, o povo, esse vulto indelineável como lhe chama o sábio A. Herculano, abriu a cratera de sua reconcentrada cólera; e em pouco as grandes fidalgas, que haviam escapado à mão do algoz atrozmente descarregada sobre a linda cabeça de sua virtuosa e infeliz rainha, fugiam espavoridas ocultando o nome cujo prestígio as embriagara, ou definhavam de miséria e de dor nas águas furtadas de Paris, e algumas, baldas de uma instrução sólida, serviram de damas de companhia, de aias de crianças nas casas de famílias burguesas, tão desdenhadas outrora por elas!

A lição havia sido tremenda, não podia deixar de aproveitar-lhes.

Desde então a nobreza compreendeu que não devia limitar a instrução de suas filhas ao conhecimento das etiquetas do grande *mundo* e ao da enumeração de seus títulos, que de nada valem, nem utilizam nas crises que dissipam as ilusões de um nome herdado, de uma gloria factícia. Hoje são elas educadas em princípios mais conformes à humanidade, e procuram adquirir sólidos conhecimentos no gênero de instrução a que se dedicam, sendo quase toda a nobreza de acordo em amestrar a mocidade ao trabalho, do qual lhe deu exemplo a própria rainha Amélia até o dia de sua precipitada fuga pelos subterrâneos das Tulherias.

Se as mulheres da alta aristocracia das nações cultas, cercadas da prestigiosa nobreza de tantos séculos, sustentada por fortunas colossais e pelos grandes feitos de muitos de seus maiores, compreenderam, enfim, que o trabalho é a única égide invulnerável assim nos grandes terremotos sociais, como na agressão dos vícios em todas as classes da sociedade, como podem as nossas conterrâneas, cujo orgulho não tem por base nenhuma daquelas vantagens, desprezar o trabalho e passar todo o seu tempo ocupadas de frivolidades, afetando muitas uma delicadeza que lhes não permite mesmo, sem comprometer sua saúde, suportar os descuidos ou o serviço mal feito das *mucamas*?!

É na verdade para lastimar ver algumas de nossas meninas, possuindo aliás os necessários elementos para tornarem-se excelentes

mães de famílias, e mulheres notáveis, entregues ao torpor de uma má educação, dormirem até alto dia, levantarem-se maquinalmente e vagarem pelo meio da família em completo desalinho, sem uma ideia do nobre fim para que foram criadas, sem um estímulo para as práticas e a ordem que as deviam conduzir a ele!

Se Helvécio, que diz ser o ócio necessário para o desenvolvimento da inteligência, tivesse razão, por certo que as mulheres das outras nações não poderiam levar a palma às nossas, que se acham nas melhores condições, conforme ele, para tal desenvolvimento.

Mas nem sempre os espíritos filosóficos veem a verdade onde ela está. Mme. de Staël em vez do ócio julgava ser a melancolia necessário incentivo para obter-se o mesmo resultado, e houve uma época na França em que a melancolia e languidez passou por moda.

Os povos ainda os mais ilustrados têm também suas fraquezas; esta foi uma das mais ridículas daquele, entre o qual felizmente certos escritores tomaram a peito banir das sociedades a representação de uma farsa, quando o gênio mais ou menos desenvolvido de seus atores a ia por demais generalizando.

LI

A educação física é ainda entre nós tão mal compreendida como a moral. Vemos crianças, podendo já fazer uso das pernas, passarem a maior parte do dia nos braços das diferentes pessoas da família, ou das escravas designadas pelos pais, que ostentam uma certa fortuna real ou aparente, para suportarem passivas esses fardos e todas as suas exigências.

O costume mourisco de se fecharem as mulheres em casa, que a civilização não desarraigou ainda inteiramente do Brasil, salvo nas famílias cujos chefes, temendo conceder-lhes a liberdade de um higiênico passeio cotidiano, deixam-nas livremente frequentar os espetáculos e as reuniões mais perigosas, muito concorre para que as meninas não adquiram um certo grau de energia e de força, imperfeitamente obtido no trânsito que fazem algumas indo às escolas, pelo meio dos miasmas da atmosfera de *nossas ruas*, ou na constante vida caseira.

Há em todos os lugares habitados de nossa terra, mesmo em suas primeiras cidades, muitas famílias que passam anos inteiros sem transpor o limiar de suas casas, a não ser nos domingos para irem à missa, se isso fazem! A vida se passa para grande parte delas sem outro exercício, sem outro trabalho afora o que algumas chamam com ênfase *governo da casa*, consistindo este muitas vezes no desgoverno, na confusão entre o nada fazer e o ordenar constantemente sem método, sem pensamento.

Neste aprendizado e nesta indolência decorre a vida da menina, a quem se repete de contínuo a velha arriscada máxima "reprime todos os impulsos da natureza, e embelece-te para seres mulher": isto é, habitua-te desde a infância à hipocrisia e procura reinar pela matéria embora o teu reinado seja de pouca duração.

Transcreveremos aqui um trecho da educação de uma menina inglesa dirigida por seu respeitável pai, cujo exemplo muito desejávamos ver seguido pelos pais brasileiros, ao menos o da sua maneira de pensar a respeito do sexo.

"Tratei de dar a seu corpo e a seu espírito um grau de força, que raras vezes se acha no sexo", diz esse venerável ancião.

"Apenas foi ela suscetível de pequenos trabalhos de agricultura, do cultivo do jardim, ajudou-me constantemente nesta sorte de ocupações. Selena (tal era o seu nome) adquiriu bem depressa nesses exercícios uma destreza cujos progressos eu admirava. Se as mulheres são em geral fracas de corpo e de espírito, é menos pela natureza que pela educação. Nós alentamos nelas uma indolência e uma inatividade viciosas, que falsamente apelidamos delicadeza; em vez de fortificar-lhes o espírito por meio dos severos princípios da razão e da filosofia, só se lhes ensina as artes inúteis, que alimentam a moleza e a vaidade."

"Na maior parte dos países que percorri, a música e a dança formam a base de sua educação. Elas só se ocupam de frivolidades, e somente isso lhes pode interessar. Esquecemos que das qualidades do sexo depende a nossa consolação doméstica, e a educação de nossos filhos. Serão próprios para preencher tal fim seres corrompidos desde a infância, não conhecendo nenhum dos deveres da vida?"

"Tocar um instrumento musical, desenvolver suas graças aos olhos de alguns moços ociosos e corrompidos, dissipar os bens de seus maridos em loucas despesas, eis a que se reduzem os talentos de grande parte das mulheres nas nações mais civilizadas. As consequências de semelhante sistema são tais quais se podem esperar de uma fonte tão viciada: a miséria particular, e a servidão pública."

"A educação de Selena foi calculada sobre outras bases, e dirigida por princípios mais severos, se todavia pode-se chamar severidade o que abre a alma aos sentimentos dos deveres morais e religiosos, e a prepara para resistir aos males inevitáveis da vida."

Quão longe se está em nossa terra, não diremos somente da prática, mas da razão esclarecida que ditou essas linhas!

Não só a espécie de instrução, que distingue algumas de nossas jovens, é, com pequenas exceções, provada por aquele respeitável pai, mas também se entretém nelas, em vez de procurar-se banir a indolência,

"Que em nosso clima se espreguiça e o infesta,
E as portas à Ciência e às Artes fecha."

como tão propriamente disse o nosso poeta Magalhães.[113]

LII

Volvamos agora um olhar para as nossas classes pobres e vê-las-emos quase por toda a parte perdendo o precioso tempo, de que poderiam tirar grande utilidade, se o empregassem em um trabalho bem regulado e seguido.

Diferentes das mulheres pobres das nações, que mencionamos, as nossas pouco se ocupam em geral do dia seguinte, isto é, de ajuntar, por meio de uma indústria honesta e de razoáveis economias, com que prover no futuro as suas necessidades.

Enquanto aquelas, considerando o trabalho como um primeiro dever, procuram inspirar o gosto dele a seus filhos, acostumando-os

[113] Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), médico, professor, político e poeta brasileiro, autor de *Suspiros poéticos e saudades*, publicado em 1836, considerada a primeira obra do Romantismo no Brasil.

a fazerem uso de seus membros, apenas andam, ensinando-os a entreterem-se em diversos brincos úteis de invenção sua; estas trazem os seus ao colo de manhã até a noite, e deixam-nos depois vagar até grandes sem nenhuma sorte de ocupação!

Vimos em França e em Inglaterra mães de quatro, cinco, e mais filhos, amamentando ainda um, saberem dividir e utilizar tão bem o seu tempo, que os pensavam, faziam todo o serviço interno da casa, e lhes sobravam horas para ajudarem seus maridos no comércio, nas artes ou na lavoura, apresentando no fim do dia um resultado de sua aplicação. Verdade é que naqueles países não se inculca, como aqui, à mulher a falsa ideia de que ela nada pode ser por si mesma, sendo-lhe indispensável o braço do homem para fazê-la *viver*, como a sua *razão* para dirigi-la! Assim, quando a jovem, de qualquer condição que seja, transpõe ali o limiar nupcial, não leva como as nossas a presunção de que alcançou a única glória a que deve aspirar a mulher, esperando do marido todas as suas comodidades, e a satisfação de todos os seus caprichos; direito que julga indisputavelmente firmado constituindo-se simples mãe de seus filhos.

Presunção bem vezes fatal àquelas, que não procuram firmar o seu direito em bases mais sólidas que não as das palavras do homem, pronunciadas perante um sacerdote, palavras que nenhuma felicidade real trazem à mulher sensível, quando não são o resultado do sentimento, e garantidas pela moral, e constância daquele que as pronuncia.

Um exemplo bem eloquente desta verdade acaba de apresentar a infeliz esposa, e mãe de cinco filhos, de um alto funcionário, homem ilustrado, magistrado íntegro e afetuoso pai.

Educada no meio da grandeza, e amada depois por esse homem, a filha de um dos primeiros cortesãos de seu tempo devia por sem dúvida crer-se segura daquele direito, desde que o desposou e lhe deu cinco filhos.

Volveu o tempo... e a pobre mãe, que nunca tinha deixado de ser esposa fiel, pereceu abandonada e miseravelmente em uma pequena casa da mesma cidade, onde o esposo e seus próprios filhos, ostentan-

do o luxo e a consideração da alta sociedade, só lhe apareceram em seus últimos dias para tornar-lhe mais dolorosa a hora do passamento!!

Lição eloquentemente triste para as mulheres de todas as condições, que se creem ao abrigo das vicissitudes da sorte, só porque conseguiram tomar o nome de um homem de mérito!

É trabalhando de dia em dia por adquirir a afeição e os respeitos do companheiro que lhe coube por sorte, e por tornar-se superior aos acometimentos do ciúme, que a esposa consegue firmar a sua felicidade doméstica, e não por laços julgados indissolúveis e santos por aqueles que facilmente os profanam, quando as paixões os agitam.

LIII

Em geral os brasileiros não conhecem a economia do tempo; e é bem para lamentar que as classes pobres, principalmente, não se compenetrem da necessidade dessa economia, e das vantagens que resultariam a seus filhos se lhes apresentassem sempre com nobreza a imagem do trabalho, que devia caracterizá-las e distingui-las na sociedade do seu país.

Se o desprezo do trabalho produz nas classes abastadas funestas consequências, o que será das pobres, máxime daquelas que, não se resignando com o estado em que Deus as colocou, querem mostrar-se aos olhos do mundo trajadas acima da sua condição?

Na França, nesse reino elegante das modas, distinguem-se as classes operárias pelo seu trajar, e muitas pessoas há dessa classe que, tendo adquirido fortuna, conservam nobremente depois a mesma simplicidade.

Este bom senso é porém desconhecido entre nós. Vê-se frequentemente a filha do empregado inferior, e mesmo do artesão, cujo trabalho apenas lhe dá para o sustento quotidiano, ostentar o luxo da filha do abastado. Um tal gosto imprudentemente inspirado pelos próprios pais dessa inocente tem-na muita vez levado à declividade de um abismo, donde não é mais possível retroceder!

É quase sempre dessa parte da sociedade, educada nos princípios contrários aos que convém e honram a sua posição no mundo, que sai o maior número das vítimas da corrupção e da miséria, negras tarjas lança-

das no painel colorido das nações civilizadas, riso satânico do espírito do mal transpondo inalterável os séculos para chasquear incessantemente do espírito do bem, que procura guiar a humanidade à perfeição!

Entregues à indolência e à ociosidade, na abnegação do trabalho, e na falência total de meios empregados para inspirá-lo, essas infelizes criaturas caem na degradação, e muitas vezes no crime, perpetuando a miséria e o opróbrio de geração em geração, por este vasto e rico solo do Brasil, que em seu nascente progresso tanto há mister de braços e de instituições morigeradoras.

Quantas vezes, em diferentes pontos de nossas províncias, tivemos ocasião de deplorar essas vítimas da vida ociosa de suas mães, ou de seus vícios, cujo aspecto enluta a natureza e punge a alma do homem virtuoso!

O imparcial *A. de St. Hilaire*, em seu livro sobre S. Paulo, tocando neste ponto, depois de algumas linhas que nos repugna transcrever, diz: "Nulle part je n'avais vu un aussi grand nombre de ..... il y en avait de toutes les couleurs, les pavés en étaient pour aiusi dire couverts. Il est pénible au voyageur honnête de descendre dans de si tristes détails, mais il doit avoir le courage de le faire lorsque c'est une occasion de montrer dans quel état de dégradation peuvent descendre les classes pauvres, si on les abandonne entièrement à elles-mêmes, si on ne leur apprend point que le travail en les éloignant du mal, les purifie et les honore, si enfin l'on néglige complètement leur instruction morale et réligieuse. Les enfants de ces nombreuses femmes étaient à peine nés qu'ils avaient sous les yeux des vices; s'ils recevaient quelques leçons c'étaient celles de l'infamie; e le prêtre, oublieux des préceptes de son divin maitre, le prétre ne s'écriait pas comme lui: Ah, laissez approcher ces enfants jusqu'à moi."[114]

114 "Em nenhum lugar eu tinha visto tantos ... havia de todas as cores, as pedras das calçadas estavam, por assim dizer, cobertas. É difícil para o viajante honesto entrar em tão tristes detalhes, mas ele deve ter a coragem de fazê-lo quando for uma oportunidade para mostrar em que estado de degradação as classes pobres podem descer, se forem totalmente abandonadas a si mesmas, se não as ensinarmos que o trabalho, removendo-as do mal, as purifica e as honra, se, enfim, negligenciarmos completamente sua instrução moral e religiosa. Os filhos de muitas destas mulheres, porém, mal nasceram, e diante dos seus olhos tinham vícios; e, se alguma coisa lhes ensinava, eram da infâmia; e o sacerdote, esquecendo-se dos preceitos do seu mestre divino, não exclamava como ele: Ah, deixai que estas crianças venham a mim."

Em outra parte, tratando da causa primordial desta corrupção, em um país tão grandemente favorecido da natureza, o ilustre viajante acrescenta: "Depuis Villa Boa jusqu'au Rio das Pedras j'avais peut-être eu cent exemples de cette indolence stupide. Ces hommes abrutis par l'ignorance, par l'oisivité, l'éloignement de leur sembable et probablement par des jouissances prématurées ne pensent pas; ils végètent comme l'arbre, comne l'herbe des champs."[115]

E de feito assim é. O viajante brasileiro, que tem visitado os nossos sertões, não poderá deixar de reconhecer o cunho da verdade nestas linhas do digno St. Hilaire, e conosco fazer ardentes votos para que a narrativa do estado abjeto, em que vive grande parte desses povos, desperte a atenção e o patriotismo do nosso governo!

LIV

Dissemos que não limitaríamos a nossa análise sobre a educação de nossas mulheres a esta ou àquela outra província, mas sim a todo o Brasil. Nunca nos assomaram os epidêmicos delírios de mal-entendido orgulho provincial, funesto germe fomentado outrora entre nós por disfarçados inimigos da prosperidade desta grandiosa e rica peça, tão invejada pelos estrangeiros e tão ameaçada por seus próprios possuidores de perder em sua divisão o prodigioso valor que o seu todo constitui.

Amamos com religioso entusiasmo a nossa pátria, isto é, toda a vasta terra de Santa Cruz; em qualquer ponto dela consideramo-nos em nossa pátria e os povos aí nascidos nossos conterrâneos e irmãos. Que importa termos visto pela primeira vez a luz nesta ou noutra de suas províncias, se é o mesmo céu brasileiro, que nos cobre, o nosso verdejante solo que pisamos, e se o mesmo interesse comum nos reúne e fraterniza?

Todos os brasileiros, qualquer que tenha sido o lugar de seu nascimento, têm iguais direitos à fruição dos bens distribuídos pelo seu

[115] "Desde Vila Boa até Rio das Pedras, talvez eu tivesse tido cem exemplos dessa indolência estúpida. Esses homens, estupefatos pela ignorância, ociosidade, estranhamento de seus semelhantes e provavelmente por prazeres prematuros, não pensam; eles vegetam como a árvore, como a grama dos campos".

governo, assim como à consideração e ao interesse de seus concidadãos.

É, portanto, em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevemos, é a sua geral prosperidade o alvo de nossos anelos, quando os elementos dessa prosperidade se acham ainda tão confusamente marulhados no labirinto de inveterados costumes e arriscadas inovações.

A classe, chamada na Europa, do povo, essa nobre classe onde as virtudes se perpetuam sem o auxílio do cálculo, sem o frívolo estímulo dos vãos títulos de avós, não pode ter mesma acepção em um país, onde não há nobreza hereditária, e os títulos não se conferem somente ao verdadeiro mérito.

Fazemos, portanto, menção de duas classes distintas de brasileiros; rica e pobre: a primeira, podendo gozar pelos favores só da fortuna de todas as vantagens materiais, de todas as garantias obtidas com dinheiro, esse vil metal que na terra compra tudo, exceto a virtude e o talento; a segunda, podendo atingir pela inteligência ao cúmulo da glória, que dão as artes e as ciências, únicos inexauríveis mananciais de poder e de prosperidade, que enobrecem os povos e elevam as nações.

Tratando da educação da mulher nessas duas classes, a voz da humanidade primeiro, e depois a da honra do nosso país, nos impõe o dever de insistirmos com mais energia em reclamar o melhoramento da última, principalmente daquela parte que vive sem recursos; porquanto o seu abandono a expõe aos mais tristes extremos, não possuindo o prestígio de um título nem as galas da riqueza, que disfarçam e fazem mesmo desculpar os vícios abrigados nos salões.

Implorando pois a filantropia do governo para a classe desfavorecida da fortuna repetiremos a esta as palavras do grande poeta Victor Hugo[116]:

"Laisse-toi conseiller par l'aiguille ouvrière

[116] Victor-Marie Hugo (1802-1885), ativista pelos direitos humanos, poeta, romancista e dramaturgo francês, é autor de extensa obra, incluindo *Os miseráveis*, publicado em 1862".

Présente a ton labeur, présente à ta priére,
Qui dit tout bas: travaille! oh! crois-la; Dieu, vois-tu
Fit naitre du travail, que l'insensé repousse
Deux filles: la vertu, qui fait ta gaité douce
Et la gaité, qui fait charmante la vertu!"[117]

Se se instituísse uma classe pública de operárias em toda a sorte de trabalhos, oferecer-se-ia a uma parte das famílias desvalidas do Brasil não somente um meio seguro de as livrar da miséria, mas ainda de habilitá-las para um futuro, que não está longe.

Preparada por uma sábia administração essa classe tiraria, e faria ao mesmo tempo com que a pátria tirasse proveito dos grandes recursos, que encerra o nosso riquíssimo solo.

Neste solo dileto do Criador, quando se tiver sabido dar o conveniente desenvolvimento à indústria e às artes, inspirando-se ao seu povo por meio de fortes incentivos o amor ao trabalho, as classes operárias não temerão por sem dúvida a mísera situação em que vive parte das operárias do país mais poderoso da idade atual, a Inglaterra. Essas infelizes criaturas vegetam, subtraídas aos olhos do público, nesse bazar do mais ostensivo luxo aristocrático, semelháveis ao corpo arruinado de úlceras, ocultando-se debaixo das sedas e pedras preciosas de que vãmente se adorna já ao tocar o limiar da eternidade!

Os progressos da civilização cristã nos deixam lobrigar o grande espetáculo do nosso povo regenerado da negra mancha, que lhe imprimiram os nossos antepassados, cancro moral minando-lhe as mais excelentes qualidades d'alma!

É mister habituar nossos filhos para esse feliz porvir, em que todo o trabalho será feito por braços livres; porvir de grandeza e de glória, no qual o brasileiro, extasiando-se na contemplação da magnificência de sua natureza, não sentirá como nós a aplicação que se nos pode hoje fazer, dos seguintes versos de Byron[118] inspirados nas deliciosas margens do Tejo:

[117] "Deixa-te aconselhar pela agulha operária / Apresenta ao teu trabalho, apresenta à tua oração / Quem diz em voz baixa: trabalha! Oh! acredite; Deus, vês, / Fez nascer do trabalho, que o insensato repele, / Duas vias: a virtude, que faz a alegria doce / E a alegria, que torna encantadora a virtude!"

[118] George Gordon Byron (1788-1824), conhecido como Lord Byron, foi um influente poeta britânico.

Poor, paltry slaves! yet born'midst nobles scenes
Why, Nature, wast thy wonders on such men?

"Pobre povo de escravos, nascido em tão belo clima! Para que prodigalizaste teus dons, oh! natureza, a semelhantes homens? "

LV

Estamos certos de que as pessoas convencidas do triste estado de nossa educação religiosa, depois que nos alistamos no catálogo das nações cristãs, ter-nos-ão já estranhado o silêncio, que até aqui guardamos sobre uma das causas capitais deste estado – a falta de instrução e de exemplos edificantes dados pelo nosso clero à mocidade brasileira.

Falaremos, pois, neste ponto tão importante à morigeração de qualquer povo, não como rígidos censores derramando o fel, que lhes vai pela alma ao contemplarem por terra o monumento mais venerável das nações civilizadas, mas como humildes fiéis, com o coração pungido de dor pelos desvios de nosso povo, que vemos crescer, prosperar, ensoberbecer-se pelos pingues[119] dons que lhe doou a pródiga natureza, sem refletir que é o trabalho do homem e não a riqueza natural do solo que engrandece as nações; e que sem o respeito à religião e às leis não poderá ele, jamais, assumir a esse grau elevado de civilização, a que julgamos ter atingido porque arremedamos a Europa, no que a Europa encerra de menos importante.

"A religião é a cadeia de ouro que une a terra ao céu", repetiu o nosso marquês de Maricá[120]. Nós parodiaremos esta bela máxima com a seguinte: A religião é a cadeia indestrutível que liga a mulher a seus deveres, a coroa mais preciosa que lhe cinge a fronte.

A mulher sem religião assemelha-se àquelas lindas flores de nauseante cheiro que se deve admirar de longe, sendo que o seu contato infecciona o ar que respiramos.

É a religião que fortifica e realça as qualidades feminis; é ela, ainda, que sustenta e consola todo o indivíduo nas circunstâncias mais

[119] Pingue: /adjetivo/ gordo, fértil, abundante.

[120] Mariano José Pereira da Fonseca, marquês de Maricá (1773-1848), escritor, filósofo e político brasileiro.

difíceis da vida, a bússola invariável que lhe indica os seus deveres, e o conduz ao exato cumprimento deles.

Entretanto, nada há em nossa terra mais desprezado pelos pais e pelos párocos do que o ensino da religião!

Onde no Brasil o assíduo cuidado de uns e de outros de inspirarem à mocidade os salutares princípios da fé de Cristo?

Qual a freguesia cujo pastor observe pontualmente os deveres que lhe impõe a sua santa missão?

Não há espírito religioso em nossa terra que não lastime o desregramento e a ignorância da maior parte do nosso clero. É ainda este um filho póstumo do clero de sua antiga metrópole.

Não temos a sublime pena, nem a tarefa do grande historiador A. Herculano para esboçar sequer as calamidades, que acarreta a qualquer país um clero ignorante e desmoralizado. Seja-nos, porém, permitido observar, de passagem, que é dessa fonte principalmente que manam os incentivos, senão a causa primária da desordem das gerações que se têm até hoje sucedido.

Podemos dizer, sem receio de que nos tenham por exagerados, que em nenhuma paróquia do Brasil a nossa religião é devidamente ensinada à mocidade. A explicação do catecismo, de que com tanto interesse e assiduidade se ocupam os padres de França, encarregados de difundir a instrução religiosa por todas as classes da sociedade, é de tal sorte desprezada no Brasil, que as nossas grandes meninas, hábeis nas etiquetas dos bailes e nos manejos para obterem a única conquista a que aspiram, fazem a sua primeira comunhão sem o conhecimento dos princípios de nossa santa fé!

Nunca esqueceremos a humilhação que sentimos (pela ignorância dos nossos conterrâneos nesse ponto) quando, em Paris, uma antiga dama da casa de Luís Filipe, admirando a instrução de uma jovem brasileira, que se achava ali ao mesmo tempo que nós, disse-nos, com certa franqueza de que a fizemos arrepender-se: Que surpreendia-se ao ver uma moça do nosso país tão instruída, quando a uma de nossas altas personagens, chegando à França, foi necessário ensinar até o catecismo!

LVI

Há pouco mais ou menos doze anos, vimos com satisfação, posto que corando pela incúria do nosso clero, um padre francês dar em uma das igrejas desta capital a primeira instrução de catecismo, preparando com solicitude a infância para um ato que, quando bem compreendido, tão salutares bens derrama em seus tenros corações.

Quisemos para logo ali conduzir nossas filhas, mas aguardamos que os brasileiros, tão imitadores do estrangeiro, deste copiassem uma das mais edificantes práticas, que deveria ser também a nossa, desde que o Brasil é nação católica.

Pensamos que os nossos párocos, impelidos por tal incentivo, dessem, enfim, como lhes cumpria, em suas respectivas paróquias, o digno espetáculo do bom pastor instruindo suas ovelhas, ocupando-se principalmente da educação religiosa da infância.

Iludida foi, porém, a nossa expectativa; algum tempo depois, sacrificando mesquinhas considerações de mal-entendida nacionalidade ao bem espiritual de nossos filhos, conduzimo-los a participarem das explicações dadas pelo religioso Fournier, sucessor do reverendo Guillaume.

Folgamos de ver que muitas famílias brasileiras e algumas diretoras de colégio levavam suas filhas e educandas a ouvirem aquelas instruções; mas bem depressa apercebemo-nos, com pesar, de que muitos espectadores do solene ato da primeira comunhão concorriam a ele com o mesmo pensamento que leva a nossa mocidade às festas de igreja, onde infelizmente pouca reverência se guarda, em geral!

Daí as seguintes linhas publicadas, em 1851, na *Revue des deux mondes*:

"Un des principaux centres de la vie sociale au Brésil, ce sont les églises. Avant de franchir le seuil d'une maison brésilienne, entrez dans l'un des nombreux temples de Rio de Janeiro au moment d'une cérémonie rèligieuse, et déjá vous aurez saisi un des cotés originaux de cette population..."[121]

[121] "Um dos principais centros da vida social no Brasil é a igreja. Antes de entrar no seio de uma casa brasileira, entrai num dos numerosos templos do Rio de Janeiro no momento de uma cerimônia

On peut voir les femmes échanger de longs et doux regards avec les jeunes gens, qui passent et repassent, ou s'arretent même pour mieux continuer ce jeu pendant toute la durée de l'office!!"

Lemos estas linhas em Paris, quando, com mais indulgência, analisamos outras repreensíveis faltas dos franceses, mais dignas de censura desse escritor, pois que são cometidas por um velho povo que tantos séculos conta de civilização! Não obstante reconhecermos que uma parte dos brasileiros merece aquela censura, todavia muito nos revoltou ela, porquanto a nacionalidade de um coração patriótico nunca tão altamente se revela como quando sente ele, em país estrangeiro, ferir ou humilhar o seu próprio país.

Os erros da pátria são como os de nossos filhos; queremos nós mesmos censurá-los e puni-los, mas não podemos sofrer vê-los estigmatizados por estranhos, a quem nada devem.

Não podemos, porém, com justiça, exprobrar a nossa mocidade de pouco religiosa, quando ela vê por toda a parte em nossa terra alguns padres não somente descuidosos de fazer-lhe sentir os sublimes preceitos do Homem Deus, mas ainda darem-lhe tristes exemplos de uma conduta desregrada e criminosa!

Como pretender que um clérigo, que tem calcado aos pés os deveres impostos ao seu santo ministério, consiga, falando do alto de um púlpito ou no confessionário, moralizar os que o têm visto entregar-se a toda a sorte de prazeres mundanos?! Entretanto não há província do Brasil, freguesia quiçá, onde alguns desses homens, trajando as vestes sacerdotais, não tenha dado esse espetáculo; e, o que mais é para censurar entre um povo cristão, são eles tolerados no exercício do digno ministério que profanam!

Não pretendemos delatar aqui as faltas do nosso clero, mas visto que tratamos da educação no Brasil, impossível nos era deixar de fazer menção de uma das causas capitais, que indubitavelmente concorrem para que ela se não desenvolva, escudada nos santos prin

religiosa, e, logo capturareis uma das facetas originais dessa população. Pode se ver mulheres trocando longos e doces olhares com rapazes, que vão e vêm, ou param para melhor continuar este jogo durante todo o ofício!!"

cípios da religião, primeiro sustentáculo das nações, e o meio mais profícuo de tornar os homens melhores.

LVII

Os fatais abusos cometidos por uma parte do nosso clero e o mau sistema dessa educação doméstica, principalmente, têm sido e continuarão a ser, se uma regeneradora época não brilhar para nós, a causa primordial do atraso de nossa civilização, a fonte de todos esses vícios que infestam a nossa sociedade, pervertendo tão frequentemente o caráter natural de um povo como é o brasileiro, dócil, modesto e generoso. Os mesmos viajantes ilustrados, que se têm dado ao estudo do caráter dos brasileiros, fazem-lhes esta justiça, indicando de passagem as causas que todos conhecemos, de nossas mais salientes faltas.

O conde de Castelnau[122], depois de tecer justos encômios à nossa hospitalidade, diz: "Le Brésilien est bien loin d'avoir le caractere dur qu'on lui prète solvente en Europe, car c'est certainement le plus indulgent, etc."[123]

"Le désoeuvrement. Le manque de moyens d'ètude et la plaie de l'esclavage ont eu la plus fâcheuse influence sur l'ètat des moeurs en ce pays, et le clergé, loin de suivre le bel exemple qui lui est présenté par celui d'Europe, n'est que trop souvent le prémier á donner l'exemple de la débauche et du désordre."[124]

"Avant mon départ de Rio, un des chefs de l'église me disait avec un peu d'exagération sans doute: Vous trouverez ici un clergé, mais pas de prêtres."[125]

Esta franqueza agrada por ser a expressão da verdade, mas não pode, ao mesmo tempo, deixar de revoltar quando parte de um vigário que, em vez de se esforçar para que ela marche na santa via pres-

[122] François Louis Nompar de Caumont LaPorte, conde de Castelnau (1810-1880), naturalista inglês, cruzou a América do Sul entre 1843 e 1847.

[123] "O brasileiro está bem longe de possuir o caráter firme a ele frequentemente atribuído na Europa, pois é, certamente, o mais indulgente, etc.

[124] "A desocupação, a falta de meios para o estudo e a praga da escravidão tiveram a mais lamentável influência sobre os costumes nesse país; e o clero, longe de seguir o bom exemplo que lhe é apresentado por aquele da Europa, é, muitas vezes, o primeiro a dar o exemplo da dissolução e da desordem."

[125] "Antes de minha partida do Rio, um dos chefes da igreja comentava comigo, com certo exagero, sem dúvida: Encontrareis aqui um clero, mas não padres."

crita pelo seu grande fundador, se apraz em ridicularizá-la perante um estrangeiro!

É também ao desleixo de tais vigários que se deve a desordem e o desrespeito tão censuráveis que reinam nos nossos templos, principalmente nas ocasiões de certas festas mais concorridas. Se eles soubessem impor o devido respeito nessas solenidades, qual seria a pessoa, por mais irreligiosa, que ousasse afrontá-lo! Mas, pelo contrário, deixam inteiramente a todos, que não são ali levados pelo espírito de verdadeira religião, a liberdade de conversarem sobre qualquer assunto que seja e portarem-se com irreverência no santo recinto.

Custa-nos a confessar que antes de irmos à Inglaterra, não havíamos sentido, ao entrar em um templo do Senhor, esse profundo recolhimento que inspira à alma religiosa os lugares consagrados ao seu Divino culto.

Parece-nos ouvir de antemão grosseira e inepta censura de espíritos fracos ou parciais, que aliviam tudo pelas suas próprias impressões. Mas, longe de ofendermo-nos, perguntar-lhes-emos com a calma do filósofo e a paciência do cristão:

Quando ides assistir às nossas festividades de igreja, o que é que aí vedes em geral praticarem os fiéis? Distinguis, por acaso, na fisionomia, na atitude da maior parte deles alguma coisa que vos prove irem ali somente orar? Podereis furtar-vos à verdade não confessando que esses grupos amontoados às portas de nossos templos e os que neles entram em tais ocasiões, parecem ir, antes, assistir a uma representação teatral, do que às cerimônias do santo sacrifício do Filho de Deus para resgatar o gênero humano?

À fé que, se não tendes alguma vez feito parte desses falsos cristãos, concordareis de pronto conosco: e ainda quando assim fosse, vossa consciência apoiar-nos-á apesar vosso.

E aconteceria isto se a maioria dos nossos padres imitasse os dignos exemplos daqueles que entre nós honram o seu ministério por suas virtudes e saber, fazendo tão altamente sobressair o nome brasileiro na glória que difundem sobre a pátria, a igreja e a humanidade?

Por certo que não.

O clero francês, o mais instruído do mundo católico, deveria ser para a desvairada parte do nosso o tipo pelo qual ela modelasse a sua conduta. Não nos era preciso as brilhantes conferências do eloquente Lacordaire[126], as do persuasivo e piedoso Ravignan[127], e de tantos outros que extasiam a alma do cristão, quando lhe fazem ouvir as edificantes verdades do Evangelho. Bastar-nos-ia que todos os nossos padres dessem-nos o espetáculo da piedade e verdadeira dedicação com que aqueles dignos prelados procuram edificar o povo e inocular na mocidade os princípios sólidos e fecundos de nossa santa fé...

Mas temos já assaz indicado as causas primárias que retardam o conveniente desenvolvimento da educação e dos progressos intelectuais de nossas mulheres civilizadas; cumpramos agora uma santa missão consagrando algumas páginas àquelas, que tendo inegável direito às graças dos usurpadores do seu território, foram, e são ainda em geral tratadas por eles com o mais rude desprezo.

Falamos das que chamam *caboclas*, dessa interessante e infeliz porção da humanidade que se tem de mais em mais entranhado em nossas florestas, ou vive aqui e ali decimada[128] em mesquinhas e desorganizadas aldeias!

LVIII

Indígenas do Brasil, o que sois vós?
Selvagens? os bens seus já não gozais...
Civilizados? não... vossos tiranos
Cuidosos vos conservam bem distantes
Dessas armas com que ferido têm-vos!
De sua ilustração, pobres caboclos!
Nenhum grão possuis! ... Perdestes tudo;
Exceto de covarde o nome infame...[129]

---

[126] Jean-Baptiste-Henri Dominique Lacordaire (1802-1861), padre dominicano, jornalista, educador e deputado francês.

[127] Gustave François Xavier Delacroix de Ravignan (1795-1858), escritor e pregador jesuíta francês.

[128] Decimada: do verbo *decimar*: tirar um de cada dez; em que se fez a *decimação*, isto é, tirada uma de cada dez.

[129] Novamente um verso do poema *A lágrima de um caeté*, da própria **Nísia**.

Pobre raça infeliz, votada ao desprezo dos homens, que te usurpam quanto o homem tem de mais caro na vida: pátria, liberdade, honra! Raça inocente e belicosa, que te estendias descuidosamente pelo litoral do Atlântico desde o Amazonas até o Prata, e em todas as direções por essas vastíssimas majestosas florestas, atestando a onipotência de Deus nos dias primitivos de criação; que lugar ocupas tu, há três séculos e meio, nesta magnífica região onde te havia colocado o Eterno, e onde os homens da civilização vieram com a religião do Cristo oferecer-te as suas vantagens para fazer de ti um povo melhor?!

Parece-nos ouvir a extinta e queixosa voz do bravo e malfadado Caeté responder:

Ó terra de meus pais, ó pátria minha!
Que seus restos guardando, viste d'outros
Longo tempo a bravura disputar
Ao feroz estrangeiro a pátria nossa,
A nossa liberdade, os frutos seus! ...
Recolhe o pranto meu, quando dispersos,
Pelas vastas florestas tristes vagam
Os poucos filhos teus à morte escapos,
Ao jugo de tiranos opressores,
Qu'em nome do piedoso céu vieram
Tirar-nos estes bens que o céu nos deu!
As esposas, a filha, a paz roubar-nos!...
Trazendo d'além mar as leis, os vícios,
Nossas leis e costumes postergaram!

Por nossos costumes singelos e simples
Em troco nos deram a fraude, a mentira.
De bárbaros nos dando o nome que deles
Na antiga e moderna história se tira.

De feito, o filósofo, o cristão que conhece a história do nosso Brasil não pode deixar de revoltar-se contra os abusos da civilização dos seus povoadores europeus, continuados pelos seus sucessores! O que resta hoje dessas numerosas nações de aborígenes, cujo préstimo e fidelidade tantos fatos comprovam antes e depois dos frutos colhidos pelo incansável zelo de Nóbrega e do virtuoso Anchieta? Anchieta, em quem Deus havia reunido os talentos do poeta, do naturalista e do filósofo para demonstrar que se devia inspirar grandes e nobres sentimentos a um povo, que tinha direito à melhor sorte, e os elementos necessários para, bem dirigido, conosco marchar na via do progresso civilizador!

Alguns jesuítas procuraram imitar esse grande gênio do cristianismo; e os poucos de nossos conterrâneos, que têm percorrido nossas províncias, dando-se ao estudo analítico da história das primeiras tentativas para civilizar os nossos indígenas, sabem que imensas aldeias floresceram debaixo da sábia administração de dedicados catequizadores.

Mas onde estão hoje essas florescentes aldeias, os descendentes desses povos que as habitavam submetidos a paternal direção, desenvolvendo sua inteligência em diversos gêneros de artes úteis e agradáveis? O que é feito dessas raças, de que saíram os Tabyreçá, os Ararygboia, os Camarão, que fiéis aos seus ingratos aliados, tantos e tão relevantes serviços prestaram à causa da civilização, nas províncias de São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, etc. etc.?!

Esses célebres nomes não bastariam para fazer corar alguns dos nossos escrevinhadores e modernos guerreiros, que apresentam os nossos aborígenes como um povo infiel e covarde?

Nobre Caeté, tu tinhas razão quando exclamastes:

Tabayares miserandos, raça escrava,
Que a voz, incautos, desse chefe ouvistes
Mandando exterminar os irmãos teus
Para um povo estrangeiro auxiliar!
O anátema do céu feriu-te, ó mísera!

Para ele um país tu conquistaste
Em paga deu-te ele a ignomínia!
Em eterno desprezo eis-te esquecida
Como estão tantos outros teus iguais,
Que perdendo na pátria os seus costumes,
As vantagens não gozam desses homens,
A quem sacrificaram pátria, honra! ...

LIX

Tocamos nos indígenas em geral, e é de suas mulheres que queremos somente falar.

Dignas, por suas virtudes inatas, de receberem educação moral e intelectual que as colocasse a par de nossas mulheres civilizadas, as aborígenes do Brasil foram as primeiras vítimas imoladas à licença dos homens da civilização, que vieram trazer ao seu país as vantagens da vida europeia.

Companheiras submissas e fiéis de seus maridos, a quem seguiam na guerra e ajudavam com incansável zelo e natural dedicação em diferentes mistérios da vida errante, na cabana ou fora dela, sua sorte era preferível à que depois lhes trouxe o cristianismo de seus vencedores, envolvendo-as na atmosfera de seus vícios, ligando-as ao férreo poste da escravidão, e vendendo-as, como faziam, com inaudita atrocidade sob o mesmo céu onde Deus as havia feito nascer com seus irmãos no pleno gozo da liberdade!

Falando-se-lhes de Cristo e dos salutares bens de sua santa religião, desmentia-se em geral pela prática havida com elas e com os seus, as máximas que as tinham chamado ao grêmio da igreja!

Não obstante, porém, essa conduta e a falta absoluta de educação moral, as indígenas fornecem exemplos de virtudes e de heroísmo, que poderiam ser colocados a par dos que têm apresentado as mulheres civilizadas de todos os tempos e nações, com o duplo merecimento de serem tais exemplos promovidos pela espontaneidade,

que não pelo cálculo, que preside de ordinário às grandes ações dos povos civilizados.

Quereis ver a mãe na sublime simplicidade do amor materno? Contemplai as indígenas em todas as correrias, que eram e são forçadas a fazer, seguindo os maridos através dos bosques, perseguindo ou fugindo ao inimigo, sobrecarregadas dos filhinhos, além dos objetos que são obrigadas a levar. Segui-as, entre outras, na grande emigração, aconselhada tão pateticamente pelo seu grande chefe Japiassu, resignadas a deixarem aos usurpadores de sua pátria todos os bens de que nela gozavam, a fim de subtraírem seus filhos à opressão e ao opróbrio, que tanto havia já pesado sobre seus pais! Ide vê-las, hoje mesmo, como nós as vimos, nos restos de algumas aldeias, ao norte, ao sul do Rio de Janeiro, desenvolverem, no estado intermediário do selvagem e civilizado, ligadas dia e noite a seus filhinhos por mais fortes vínculos de natural afeição do que muitas mães da nossa sociedade, não os deixando, como muitas destas, em seio estranho, alguma vez mesmo enfermos, para irem tomar parte nos prazeres do mundo ou *satisfazerem uma etiqueta da sociedade*.

Quereis ver a esposa terna, previdente, dedicada e fiel? Contemplai a célebre Paraguassú[130] captando para o esposo as simpatias e os favores da sua tribo, ajudando-o em sua missão civilizadora, e civilizando-se ela mesma para amenizar-lhe os dias, privado como se achava ele das comodidades europeias. Circunspecta e fiel aos seus deveres, quando passou a França e apresentou-se na Corte de Caterina de Médicis[131], que lhe deu seu nome servindo-lhe de madrinha, ela atraiu a admiração de todos, por seu tipo americano, suas graças ingênuas e sua dedicada afeição pelo esposo, com quem voltou à Bahia, no mútuo e constante empenho de utilizar aquela nascente colônia.

Quereis admirar o amor em toda a sua espontaneidade e na grandeza da abnegação pessoal? Vede Moema[132]; a sensível e infeliz Moema, lançando-se ao mar, seguindo a nado o navio, que lhe levava o homem por quem só prezava a existência e por quem queria morrer não podendo com ele viver! ...

---

[130] Catarina Álvares Paraguaçu (1495-1586), indígena tupinambá esposa do náufrago português Diogo Álvares Correia, o Caramuru.

[131] Catarina Maria Romola di Médici (1519-1589), rainha da França por casamento com o rei Henrique II.

[132] A índia Moema é, possivelmente, apenas uma personagem do poema "Caramuru" (1781), do Frei José de Santa Rita Durão (1722-1784), que teria se jogado ao mar ao ser abandonada por Caramuru.

Quereis enfim admirar a guerreira em toda a glória das armas? Atentai para a intrépida esposa do célebre Camarão[133], seguindo à frente de outras as pegadas do esposo, e duplicando-lhe os louros colhidos em tantos combates sobre o famoso solo pernambucano!

As privações e perigos que ela arrostou nas mais difíceis crises; a coragem e constância que desenvolveu, quando as armas do denodado guerreiro indígena faziam com as de Henrique Dias[134] e Vieira[135], o terror dos aguerridos. Batavos foram muito superiores, pelas circunstâncias em que se achava, e pelos combatentes que a rodeavam, as que imortalizaram Joana d'Arc! Elas mereciam por sem dúvida de seus vindouros, se não estátuas, que não sabemos ainda erigir aos nossos gênios, ao menos justos tributos de homenagem, que fizessem corar aqueles que têm propalado a falsa reputação de covardia e inaptidão dessa raça, que cooperou para que o Brasil não fosse então arrancado ao povo que o havia descoberto!

De tantos triunfos, porém, de tanta dedicação e fidelidade nenhuma glória, nenhum feliz resultado ficou às futuras gerações, que em pouco desaparecerão talvez inteiramente do solo brasileiro!

LX

A fidelidade conjugal foi e é quase sempre seguida pela mulher indígena. Todos os que têm conhecimento da sua história sabem que, fáceis antes de tomarem marido, respeitam depois os laços que as ligam a este, sendo o adultério olhado com horror entre os selvagens.

Boas mães e esposas fiéis, eis aqui duas qualidades preciosas comuns às nossas indígenas, dois vínculos santos que ligam e enobrecem a família, vínculos que sabem no estado selvagem respeitar,

[133] Trata-se do índio potiguara Poti ou Potiguaçu (1600-1648), batizado Antônio Filipe Camarão, que foi um militar e líder indígena. Sua esposa Clara (séc. XVII), também potiguara, era igualmente uma combatente nas batalhas contra os invasores holandeses do Brasil.

[134] Henrique Dias (séc. XVII), negro liberto e militar, um dos heróis da Batalha de Guararapes (Pernambuco, 1648-1649).

[135] João Fernandes Vieira (1610-1681), militar e senhor de engenho, foi também um líder nas batalhas contra os holandeses.

apresentando exemplos que bem merecem ser considerados pelas mulheres civilizadas de todos os países.

Quanto ao que se tem inventado e dito de sua preguiça natural, falta de fé e repugnância por fixarem-se em qualquer lugar, responderemos que vimos nas aldeias que visitamos mulheres aborígenes mais constantemente ocupadas em diferentes trabalhos do que mesmo as mulheres das classes pobres das nossas cidades, que, todavia, não se faz em passar por preguiçosas.

Elas são aptas para todo gênero de trabalho e artefatos; e tanto as que tivemos a nosso serviço como as que se educaram entre nossa família deram-nos sempre provas da mais constante dedicação.

Estamos, pois, convencidos de que, se a sua raça não tem dado sempre exemplos tais, é antes por causa do mau tratamento que com ela se emprega, do que por defeito de sua índole geralmente dócil e boa.

Não podemos, portanto ver sem mágoa e indignação a depreciação em que se tem aos aborígenes, quando de grandes virtudes são capazes e tão úteis nos poderiam ser!

As mulheres são não somente mais íntegras que as africanas, e mais próprias a ajudar-nos a criar nossos filhos, servindo-nos com fidelidade e submissão, sem o servilismo e vícios das infelizes escravas, mas também suscetíveis das mais doces e nobres afeições. Sua alma encerra preciosos tesouros, que uma educação bem dirigida abriria aqueles mesmos que tanto desdenham da sua raça!

Os resultados do método paternal empregado pelos verdadeiros apóstolos da civilização cristã nesta parte da América atestaram que os aborígenes eram suscetíveis de aperfeiçoarem-se em qualquer arte e dignos de concorrerem por sua bravura, docilidade e constância para o engrandecimento e glória do Brasil.

Que eles não mereciam o desprezo em que foram depois deixados, desejamos que não o ateste geral, como já parcialmente o tem atestado a raça africana arrastada às nossas praias.

Por sedenta ambição, por crime atroz!

Quando, por sábio decreto de um rei justo e humano, a revoltante escravidão dos nossos indígenas foi abolida, e a introdução dos infelizes africanos veio substituir o vergonhoso tráfico, que em todo o Brasil se fazia com aqueles, julgou-se conveniente procurar exterminar os que acabavam de libertar-se, de direito que não de fato, porquanto a perseguição continuou debaixo de outro caráter; e ainda em nossos dias, com horror o sabemos! Caçam-se os selvagens em suas matas como animais ferozes, para apreendê-los e arrancar-lhes as mulheres e filhos, que se retêm e fazem servir como escravos... em muitas roças e casas do interior das províncias!

Debalde um ou outro amigo da humanidade tem querido generalizar o sistema conciliador, que faria esquecer a esses infelizes um passado de horror e de vergonha para povos civilizados! Seus esforços têm sido quase sempre frustrados. E digamo-lo com franqueza: – enquanto os louváveis esforços desses verdadeiros amigos da humanidade não forem coadjuvados por uma vontade decidida do governo em tomar medidas enérgicas para substituir a perseguição e barbárie havidas com esses infelizes, maneiras conciliadoras e humanas, a missão de civilizar os selvagens não passará de uma farsa, com que se pretende entreter e distrair os espectadores do trágico drama, horrorosamente repetido em nossas florestas e retiradas habitações pelos *dignos* descendentes de seus primeiros exploradores!

LXI

Não comentamos, apenas simplificamos, e muito, as causas que têm privado o Brasil de numerosos e fortes braços, de que tanta precisão tem. Manda ele procurar no estrangeiro à custa de imensas somas e sacrifícios, exposto a eventualidades desagradáveis, que por mais de uma vez se tem dado soldados, quando possuem em seu próprio seio com que formar, querendo numerosas e respeitáveis legiões de bravos!

Negligenciando-se a civilização dos selvagens, tem-se, não somente tirado ao Brasil os seus legítimos e empenhados defensores, mas também a todos os seus filhos a vantagem de serem servidos por braços livres dos que, nascendo em nosso mesmo solo, não nos teriam por sem dúvida transmitido vícios estranhos, inextinguíveis calamidades!...

Aqueles que são levados pela avareza ou por um funesto prejuízo, que a nossa civilização não tem até aqui podido desarraigar do espírito de todos, olharão estas considerações como verdadeira utopia. E nós, os amigos dos infelizes aborígenes, não sabemos quais merecem ser mais lamentados, se estes ou aqueles!

Sabem-se os terríveis abusos, que se continuam a cometer, procurando-se catequizar os selvagens. Todos terão lido a narrativa que a respeito fizeram diversos e verídicos viajantes, a quem, doando Deus sentimentos humanitários, não pode deixar de profundamente magoar a sorte desses infelizes.

Entre outros, ainda há pouco lemos o muito interessante escrito do Sr. Teophilo Benedicto Ottoni[136] – *Viagem às margens de Mucuri,* em que esse digno brasileiro fala deles com uma imparcialidade e esclarecida justiça que muito nos tocou. Permita-nos citar aqui algumas linhas do relatório dessa viagem, que comprovam parte do que dissemos e pensamos a respeito deles.

"Em 1849 um sargento e os poucos soldados que ficaram no quartel de Santa Cruz traziam os selvagens em contínuos e duros trabalhos, e os castigaram com palmatória, chicote e tronco. No entanto, a medida dos sofrimentos dos infelizes só transbordou quando os seus cruéis opressores também lhes tomaram as mulheres e filhas, fazendo do quartel um horroroso serralho.

Atualmente o encontro dos homens da espingarda com os selvagens prova o terror de que estão estes possuídos, e é uma confissão solene dos atentados cometidos outrora por aqueles.

Quando uma tribo brava encontra nos matos um homem de espingarda, o movimento instantâneo dos selvagens é correrem e embrenharem-se. E o único meio de detê-los e obrigá-los a chegarem à fala é bradar-lhes repetidas vezes estas palavras sacramentais: *Jac-jemenuck, Jac-jemenuck*, que querem dizer – Já estamos mansos, já não somos matadores.

Ouvindo esta reclamação, em que os crimes antigos são confessados pelos *catequizadores*, o selvagem cessa de fugir, depõe o arco e

[136] Teófilo Benedito Ottoni (1807-1869), jornalista, comerciante, político e empresário brasileiro.

ordinariamente responde: *Sincorana, Sincorana*! Que quer dizer – Tenho fome, tenho fome!"

Em outra parte, falando ainda das perseguições que tornaram infrutíferas suas medidas conciliadoras para atrair os selvagens, ele acrescenta:

"Traídos e decimados[137], os infelizes se concentraram pelas brenhas para fugirem à escravidão, ao bacamarte e ao veneno, porque, para a vergonha da civilização, o veneno tem sido também empregado contra os selvagens nas imediações do Mucuri."

"Conta-se até o horroroso caso de uma tribo inteira vítima dos sarampos, que, com o fim de exterminá-la, lhe foram perfidamente inoculados, dando-lhes roupas de doentes atacados daquele mal."

"... a maior parte dos atentados cometidos pelos selvagens nestes últimos anos têm sido atenuados pela atendível circunstância de haverem sido cometidos em defesa da liberdade de seus filhos e da pudícia de suas mulheres."

Tais são as causas que levaram quase sempre em todos os tempos os nossos selvagens a mostrarem-se cruéis. Tiveram, e terão sempre razão para isso, enquanto os nossos civilizadores cristãos não quiserem compreender que somente palavras persuasivas e práticas evangélicas, e não o ferro, o veneno e a licença devem empregar para a civilização dos restos dessa grande e nobre raça.

Do pouco que havemos expandido relativamente às qualidades naturais da mulher indígena, queremos concluir que ela é digna de ocupar outra posição em nossa terra; e que o desprezo, com que foi sempre, e continua a ser olhada a sua raça pelas nossas outras populações, é um abuso antinacional, anticristão, que os nossos governantes e o nosso clero devem fazer desaparecer, empregando, por bem da pátria e da igreja, meios mais próprios e seguros para consegui-lo. A humanidade e a civilização reclamam imperiosamente deles convenientes medidas para arrancar essa pura, digna porção do povo brasileiro à vida em que vegeta, e torná-la útil como incontestavelmente pode ser a uma e a outra.

[137] Decimado: /v. decimar/ tirado um de cada dez.

Oferecendo o nosso mesquinho óbolo à nobre causa das nossas aborígenes, temos concluídos pontos principais, que fazem o objeto deste opúsculo; pontos que procuraremos melhor desenvolver se o tempo e a saúde, que hoje nos são contrários, voltarem mais propícios e risonhos!

Resta-nos, depois de uma observação mais, invocar ainda uma vez para as nossas mulheres em geral – melhor educação, destino mais digno delas.

LXII

Por mais rigorosas que tenham sido as instituições dos povos, concernentes à exclusão absoluta da mulher de toda a sorte de governo público, quem há aí que ignore ter ela a maior influência nas ações dos homens, e por conseguinte nos destinos dos povos?

Desde o último subalterno até o mais alto dos funcionários, são todos mais ou menos, não diremos, somente inspirados, mas dirigidos por seu amor, senão por seus caprichos, que tem mais de uma vez desviado da senda de seus deveres os maiores gênios, os caráteres mais abalizados.

Passamos em silêncio o vergonhoso predomínio da mulher sem mérito na vida privada do homem, para apontar somente aquele que influi em sua vida pública.

Quantas vezes a pena do circunspecto magistrado tem-lhe tremido a mão, firmando uma sentença contra sua consciência, para satisfazer o pedido de uma esposa, que lhe implora pelo réu de justiça! Quantas outras, o guerreiro impávido à frente do inimigo da pátria, no campo de batalha, curva o joelho e depõe a espada aos pés de uma mulher amada, se esta exige dele o sacrifício de sua glória e mais ainda, o de sua honra! E os monarcas! não tem alguns fechado os ouvidos às reclamações de seus súbitos para seguirem os ditames do coração, que lhes fala por um desses seres destinados a abaterem o orgulho do homem curvando-o à sua vontade?

Pois, apesar do quanto se tem dito, e se continuará a dizer, da fragilidade da mulher e preeminência da razão do homem, este dobra quase sempre essa razão ao amor daquela, árbitro de suas ações;

quem mais do que a mulher precisa de uma boa educação, correspondente às condições em que se acha colocada? Quem mais do que ela deve esclarecer o seu espírito de sorte a não abusar do império que exerce sobre o homem, e dirigir este à sua própria ventura e ao bem da humanidade?

A vós, pais de família, a vós cumpre remediar os erros das gerações extintas! Educai vossas filhas nos sólidos princípios da moral, baseada no perfeito conhecimento de nossa santa religião, no exemplo de vossas virtudes, quer domésticas, quer cívicas. Em vez da leitura de inflamantes e perigosos romances, que imprudentemente lhes deixais livres, fornecei-lhes bons, escolhidos livros de moral e filosofia religiosa, que formem o seu espírito, esclareçam e fortifiquem sua razão. A história, principalmente a de nossa terra, de que bem poucas se ocupam, é um estudo útil e agradável, mais digno de ocupar as suas horas vagas que certos contos de mal gosto inventados pela superstição ou fanatismo ignorantes para recrear a mocidade sem espírito. Fazei-lhes compreender desde a infância que a mulher não foi criada para ser a boneca dos salões, a mitológica ridícula divindade, a cujos pés queimam falso incenso os desvairados adeptos do cristianismo. Inspirai-lhes o sentimento de sua própria dignidade e a firme resolução de mantê-la intacta e vantajosamente por ações dignas da mulher, dignas da cristã, dignas da humanidade.

Bane de seu espírito os errôneos preconceitos que por aí vogam a respeito da fraqueza do sexo, fazendo-as penetrar-se desta verdade evangélica – a fraqueza escudada nas virtudes cristãs será sempre invencível.

Pais, governo, povos do Brasil! Elevai os olhos para esse esplêndido firmamento, que se estende variando constantemente de mil encantadoras cores por sobre as nossas cabeças; volvei-os depois para essa perene pomposa vegetação, incansável de expandir a vossos pés seus ricos tesouros, esperando da vossa mão direção mais digna dela; contemplai todos esses prodigiosos dons da providência, desdobrados a olhos indiferentes! E recolhei-vos depois em vossos pensamentos e meditai...

Não vos diz a consciência que a mulher nascida nesta vigorosa terra superabundante de magnificências naturais, respirando sob um céu radiante, no meio da poesia de tão admirável natureza, não se pode limitar ao papel que tem até hoje representado?

Não sentis que a sua missão nesta parte da América civilizada, tão balda ainda de instituições caridosas, não deve ser a de recolher factícios triunfos tributados à matéria, quando o seu espírito pode e deve pretender a elevar-se a mais dignas e nobres aspirações promovendo na terra o bem do seu semelhante?

À providência, colocando-vos tão vantajosamente, pareceu chamar-vos a comandar um dia os destinos de toda a América do Sul, assim como aos filhos da União os de toda a América do Norte.

Eia! Se, com mais rico solo do que o dos Estados Unidos, faltou-vos a mola principal – a educação, para a par deles marchardes, preparai-vos ao menos a satisfazer dignamente a parte essencial da grande missão que vos fora destinada.

Educai para isto a mulher, e com ela marchai avante na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade!

Fim

Secretaria de Editoração
e Publicações

SENADO
FEDERAL